

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

Welber Nobre dos Santos

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS
FALADO EM MONTES CLAROS – MG:
a influência dos nomes gerais em uma análise variacionista**

**Belo Horizonte – MG
2021**

Welber Nobre dos Santos

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS
FALADO EM MONTES CLAROS – MG:**
a influência dos nomes gerais em uma análise variacionista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral

**Belo Horizonte – MG
2021**

S237c

Santos, Welber Nobre dos.

A concordância nominal de número no português falado em Montes Claros/MG [manuscrito]: a influência dos nomes gerais em análise variacionista / Welber Nobre dos Santos. – 2021.

155 f., enc.: il., fots., maps., tabs., p&b., color.

Orientador: Eduardo Tadeu Roque Amaral.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudanças Linguísticas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras

Bibliografia: f. 143-147.

Apêndices: p. 148-155.

1. Língua portuguesa – Variação – Montes Claros (MG) – Teses. 2. Língua portuguesa – Português falado – Montes Claros (MG) – Teses. 3. Língua portuguesa – Concordância – Teses. 4. Língua portuguesa – Regionalismos – Montes Claros (MG) – Teses. 5. Sociolinguística – Teses. 6. Nomes – Teses. I. Amaral, Eduardo Tadeu Roque. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS FALADO EM MONTES CLAROS – MG:
a influência dos nomes gerais em uma análise variacionista**

WELBER NOBRE DOS SANTOS

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Eduardo Tadeu Roque Amaral - Orientador

UFMG

Prof(a). Maria Marta Pereira Scherre

UFES

Prof(a). Sueli Maria Coelho

UFMG

Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Tadeu Roque Amaral, Professor do Magistério Superior**, em 25/02/2021, às 17:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Marta Pereira Scherre, Usuário Externo**, em 25/02/2021, às 18:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sueli Maria Coelho, Vice diretor(a) de unidade**, em 26/02/2021, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgaoacesso_externo=0, informando o código verificador **0521231** e o código CRC **173B4BC9**.

Dedico este trabalho à minha sobrinha, Melissa Nobre Vitor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, autor da vida e a base de todos os meus sonhos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) da UFMG, pela grande oportunidade de ter feito parte deste programa de excelência no Brasil, pois tenho a certeza de que isso fará total diferença na minha carreira profissional.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsa de estudo para realização da pesquisa. Essa ajuda foi essencial para que eu desse continuidade ao sonho da pós-graduação.

Ao Professor Eduardo Amaral, pela orientação na realização da pesquisa. Eu agradeço pelos conhecimentos e materiais de estudo que foram partilhados, pela ética, respeito, organização e profissionalismo sempre presentes na condução do nosso trabalho.

Ao povo montes-clarense, principalmente aos meus informantes. Muito obrigado pela concessão das entrevistas gravadas, pois sem isso não seria possível fazer esta pesquisa.

À professora Maria Alice Mota, pois, sem o seu incentivo, conselhos e ensinamentos, eu não teria chegado até aqui. Obrigado por ter acreditado na minha capacidade e investido na minha formação acadêmica.

Ao casal Anderson e Leila, pelo apoio financeiro quando estive morando em BH.

À minha mãe, Elisângela, pelos ensinamentos e cuidados de toda a vida. Obrigado pelo seu apoio, incentivo e por acreditar no meu potencial. Amo-te imensamente!

Às minhas irmãs, Jéssica e Vanessa, pela motivação e companheirismo de sempre.

Aos meus avós maternos, José e Vandira, pois sem os seus cuidados, desde a infância, não teria concluído esta etapa tão importante na minha vida.

Aos meus padrinhos, Zé e Sônia: pelas orações, ensinamentos, conselhos e cuidados que foram dispensados a mim desde a infância.

À minha cunhada, Thaysa, pela solidariedade e apoio incondicionais, principalmente quando tive de morar em Belo Horizonte. Muito obrigado!

A todos os meus amigos que sempre me apoiaram e me incentivaram a não desistir, pois a força que veio de vocês foi essencial para a conclusão deste sonho. Aqui, cito alguns deles: Guilherme, Cristinéia, Eliene, Anderson, Vera, etc. Muito obrigado!

À Elizete Miranda, colega e amiga, e ao seu filho, Aleister, por terem me acolhido em sua casa e na sua família durante um período em que morei em Belo Horizonte. Tenham a certeza de que sou profundamente grato por tudo que fizeram por mim. A companhia, as conversas e os encontros familiares fizeram a minha vida muito mais leve e feliz.

Enfim, aos meus colegas da pós-graduação, de modo especial: Ana Cláudia, Veronique e Elisete Rodrigues! Muito obrigado! A sua amizade foi muito importante nesta jornada.



Corredor Cultural em Montes Claros – MG
Fonte: arquivo pessoal (2020)

“A língua é uma instituição social, ela é parte integrante da vida em sociedade, por isso as mudanças que ocorrem na língua resultam da ação coletiva de seus falantes, uma ação impulsionada pelas necessidades que esses falantes sentem de se comunicar melhor, de dar mais precisão ao que querem dizer, de enriquecer as palavras já existentes com novos sentidos, de criar novas palavras para dar uma ideia mais precisa de seus desejos de interação, de modificar as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir, novos modos de interpretar a realidade sejam expressos por novos modos de dizer”.

Marcos Bagno

RESUMO

Nesta dissertação, analisamos a variação na concordância nominal de número em dados orais do município de Montes Claros – MG, a partir do arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Para tal, adotamos a hipótese de que se trata de um fenômeno que representa um caso de variação estável na referida comunidade de fala, e que fatores linguísticos e sociais motivam essa variação. Como objetivos específicos, realizamos comparações dos nossos resultados com os de outras pesquisas que já foram desenvolvidas sobre o tema, haja vista que se trata de um fenômeno já bastante explorado no PB. Além disso, buscamos verificar a influência dos nomes gerais (AMARAL e RAMOS, 2014) como uma classe nominal que propulsiona a ausência da concordância de número no âmbito do SN. Realizamos 24 gravações de entrevistas sociolinguísticas, as quais transcrevemos e codificamos para análise estatística no programa computacional *GoldVarb X*. A nossa análise é dividida em duas partes: na primeira delas, denominada não atomística, analisamos um total de 3.735 SNs. Na segunda parte, que consiste na análise atomística, tomamos para análise 7.297 elementos flexionáveis do SN. Na análise não atomística, o percentual de aplicação da regra de concordância se dá em 71,1% dos dados, e os fatores selecionados pelo programa, nessa perspectiva de análise, são: escolaridade, faixa etária, sexo, animacidade do referente, grau do elemento nuclear e localização do SN em relação ao verbo, nesta ordem de relevância. Na análise atomística, o percentual da manutenção de marcas de concordância nos elementos é de 84,7%. Nessa parte da análise, o programa selecionou os seguintes fatores: posição do elemento no SN, tonicidade do elemento, classe gramatical do elemento, saliência fônica do elemento e contexto fonético-fonológico seguinte, nesta ordem. Em relação aos fatores sociais, verificamos uma grande importância do grau de escolaridade do informante, com um alto percentual de aplicação da regra de concordância na fala dos informantes com ensino superior (peso relativo de 0.749). No que tange aos fatores linguísticos, a posição do elemento no SN se destaca em relação aos demais fatores, já que o peso relativo para a retenção das marcas de concordância na primeira posição é de 0.829. Em relação aos nomes gerais, identificamos no *corpus* os seguintes nomes em contexto de plural: *pessoa*, *coisa*, *trem*, *povo*, *negócio* e *cara*, sendo que *trem*, *povo* e *cara* não receberam a marca de concordância em nenhuma das ocorrências. Verificamos que *pessoa* favorece a presença de concordância em relação a *coisa* e *negócio*. Os nomes gerais com os traços [+animado] e [+humano] favorecem a aplicação da regra de concordância em relação aos nomes que possuem traço [-animado]. Com este estudo, esperamos contribuir com o conjunto de trabalhos que tratam da concordância numa perspectiva variacionista e com as discussões acerca dos nomes gerais, além de deixar uma contribuição de pesquisa sobre o português norte-mineiro.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; Concordância nominal de número; Nomes gerais; Montes Claros.

ABSTRACT

In this thesis, we analyze the variation in noun phrase number agreement in oral data of the municipality of Montes Claros – MG, from the theoretical-methodological framework of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]). For this, we adopted the hypothesis that this is a phenomenon that represents a case of stable variation in the aforementioned speech community, and that linguistic and social factors motivate this variation. As specific objectives, we have made comparisons of our results with those of other researches that have already been developed on the subject, considering that this is a phenomenon that has already been widely explored in Brazilian Portuguese. In addition, we sought to verify the influence of general nouns (AMARAL and RAMOS, 2014) as a nominal class that drives the absence of number agreement within NP. We conducted 24 recordings of sociolinguistic interviews, which were transcribed and coded for statistical analysis in the *GoldVarb X* computer program. Our analysis is divided into two parts: in the first, called non atomistic, we analyze a total of 3,735 NPs. In the second part, which consists of atomistic analysis, we take for analysis 7,297 flexible elements of NP. In the non-atomistic analysis, the percentage of application of the concordance rule occurs in 71.1% of the data, and the factors selected by the program, in this perspective of analysis, are education level, age range, gender, animacy of the referent, degree of nuclear element and location of NP in relation to the verb, in this order of relevance. In the atomistic analysis, the percentage of maintaining marks of agreement in the elements is 84.7%. In this part of the analysis, the program has selected the following factors: position of the element in the NP, tonicity of the element, grammatical class of the element, phonic salience of the element and phonetic-phonological context in this order. Regarding the social factors, we verified a great importance of the informant's level of education, with a high percentage of application of the concordance rule in the speech of informants with higher education (relative weight of 0.749). With regard to linguistic factors, the position of the element in the NP stands out in relation to the other factors, since the percentage for retention of the concordance marks in the first position is 0.829. With regard to general nouns, we identified the following names in the *corpus* in the plural context: *pessoa* 'person', *coisa* 'thing', *trem* 'stuff', *povo* 'people', *negócio* 'business' and *cara* 'guy', whereas *trem*, *povo* and *cara* did not receive the agreement mark in any of the occurrences. We verified that *person* favors the presence of agreement in relation to *thing* and *business*. The general nouns with the [+animate] and [+human] traits favor the application of the agreement rule in relation to the names that have [-animate] traits. With this study, we hope to contribute to the set of works dealing with agreement from a variationist perspective and to the discussions about general nouns, in addition to leaving a research contribution in Portuguese from the North of Minas Gerais.

Keywords: Variationist Sociolinguistics; Noun phrase number agreement; General nouns; Montes Claros.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Elementos pré-nucleares do SN conforme Perini (2016)	31
Quadro 2 – Colocação dos quantificadores indefinidos no SN.....	33
Quadro 3 – Classes de especificadores do sintagma nominal.....	34
Quadro 4 – Fatores linguísticos e sociais que já se mostraram relevantes em pesquisas sobre a concordância nominal de número no PB.....	46
Quadro 5 – Conjunto de nomes gerais proposto por Halliday e Hasan (1976).....	50
Quadro 6 – Distribuição dos informantes por variáveis extralinguísticas	67
Quadro 7 – Perfil social dos informantes.....	68
Quadro 8 – Normas adotadas para transcrição das entrevistas	71
Quadro 9 – Codificação dos dados – Análise não atomística	72
Quadro 10 – Codificação dos dados – Análise atomística.....	73
Quadro 11 – Codificação dos dados	74
Quadro 12 – A variável dependente	77
Quadro 13 – Nomes gerais em variação	113
Quadro 14 – Grau de formalidade dos nomes gerais.....	115

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Montes Claros – MG.....	58
Figura 2 – Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José em Montes Claros.....	61
Figura 3 – Corredor cultural de Montes Claros.....	62
Figura 4 – Catedral Metropolitana de Montes Claros.....	63
Figura 5 – Mercado Central de Montes Claros	64
Figura 6 – Parque Municipal Milton Prates em Montes Claros	65
Figura 7 – Lagoa da Pampulha em Montes Claros.....	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências de <i>pessoa</i> e <i>coisa</i> em Scherre (1988)	41
Tabela 2 – Presença/ausência de concordância em pesquisas desenvolvidas no PB.....	45
Tabela 3 – Aplicação global da presença/ausência de concordância.....	96
Tabela 4 – Influência do fator escolaridade na presença/ausência de concordância	98
Tabela 5 – Influência do fator faixa etária na presença/ausência de concordância	99
Tabela 6 – Influência do fator sexo na presença/ausência de concordância	101
Tabela 7 – Cruzamento dos fatores sexo e escolaridade	102
Tabela 8 – Cruzamento dos fatores sexo e faixa etária	103
Tabela 9 – Cruzamento dos fatores faixa etária e escolaridade.....	103
Tabela 10 – A influência do fator animacidade do referente	105
Tabela 11 – A influência do fator grau do elemento nuclear	106
Tabela 12 – A influência do fator localização do SN em relação ao verbo	108
Tabela 13 – A influência do fator tipo de nome	109
Tabela 14 – Cruzamento dos fatores animacidade do referente e tipo de nome	110
Tabela 15 – Nomes gerais em contexto de plural identificados no corpus	111
Tabela 16 – A influência dos nomes gerais na presença/ausência de concordância ...	112
Tabela 17 – A influência do grau dos nomes gerais na presença/ausência de concordância	118
Tabela 18 – Nomes gerais em contexto anafórico/não anafórico	119
Tabela 19 – Presença/ausência de marcas de concordância nos elementos do SN	122
Tabela 20 – Influência do fator posição do elemento no SN	123
Tabela 21 – Influência do fator tonicidade do elemento	124
Tabela 22 – Influência do fator classe gramatical do elemento	125
Tabela 23 – Influência do fator saliência fônica do elemento	127
Tabela 24 – Influência do fator contexto fonético-fonológico seguinte	128
Tabela 25 – Cruzamento dos fatores classe gramatical e posição do elemento	130
Tabela 26 – Cruzamento dos fatores saliência fônica e tonicidade do elemento	133

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MG – Minas Gerais

MOC – Montes Claros

NG – Nome geral

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

PST – Português de São Tomé

SP – Sintagma Preposicionado

SR – Sentença Relativa

SV – Sintagma Verbal

SN – Sintagma Nominal

TVM – Teoria da Variação e Mudança

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
1.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística	21
1.2 O sintagma nominal	25
1.3 A concordância nominal de número	35
1.4 Resultados de pesquisas sobre a concordância nominal de número	38
1.5 Nomes gerais.....	48
2 METODOLOGIA	57
2.1 A comunidade de fala.....	57
2.2 A história de Montes Claros – MG.....	60
2.3 A seleção dos informantes	66
2.4 A gravação e o registro dos dados	69
2.5 A técnica da descrição de imagens	70
2.6 A transcrição dos dados.....	71
2.7 A preparação dos dados para análise estatística	72
2.8 A variável dependente e suas formas variantes	77
2.9 Variáveis extralinguísticas.....	77
2.9.1 Sexo	78
2.9.2 Grau de escolaridade	79
2.9.3 Faixa etária.....	80
2.10 Variáveis linguísticas	81
2.10.1 A perspectiva não atomística	81
2.10.1.1 A função sintática do SN	82
2.10.1.2 Localização do SN em relação ao verbo.....	84
2.10.1.3 Grau do elemento nuclear	85
2.10.1.4 A animacidade do referente	86
2.10.1.5 Tipo de nome	87
2.10.2 A perspectiva atomística.....	88
2.10.2.1 Posição do elemento no SN	89
2.10.2.2 Classe gramatical do elemento.....	90
2.10.2.3 Contexto fonético-fonológico seguinte	91
2.10.2.4 Saliência fônica	92
2.10.2.5 Tonicidade do elemento.....	93
3 ANÁLISE DOS DADOS: perspectiva não atomística	96
3.1 Os fatores sociais	98

3.1.1 O fator social escolaridade.....	98
3.1.2 O fator social faixa etária.....	99
3.1.3 O fator social sexo.....	100
3.1.4 Cruzamento dos fatores sociais.....	101
3.2 Os fatores linguísticos	104
3.2.1 A animacidade do referente	105
3.2.2 O grau do elemento nuclear	106
3.2.3 A localização do SN em relação ao verbo	107
3.2.4 A função sintática do SN.....	108
3.2.5 O tipo de nome.....	109
3.2.6 Cruzamento dos fatores animacidade do referente e tipo de nome.....	109
3.2.7 Os nomes gerais e a concordância nominal de número.....	111
4 ANÁLISE DOS DADOS: perspectiva atomística	122
4.1 A posição do elemento no SN.....	123
4.2 A tonicidade do elemento	124
4.3 A classe gramatical do elemento.....	125
4.4 A saliência fônica do elemento	126
4.5 O contexto fonético-fonológico seguinte	128
4.6 O cruzamento dos fatores classe gramatical e posição do elemento no SN	129
4.7 O cruzamento dos fatores saliência fônica e tonicidade do elemento.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	143
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	148
APÊNDICE B – FICHA DO INFORMANTE	150
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	151
APÊNDICE D – IMAGENS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS.....	153

INTRODUÇÃO

Historicamente, a gramática normativa, partindo de exemplaridades do idioma, fornece modelos de como a língua se manifesta em certas práticas sociais (BECHARA, 2009). Entretanto, considerando os objetivos a que esse tipo de gramática se presta e as suas contribuições, percebemos que tais exemplaridades deixam algumas lacunas no que diz respeito ao tratamento da língua em uso, que é dinâmica e, por isso, está em constante variação.

Conforme Bechara (2009, p. 51), o exemplar é “uma forma eleita entre as várias formas de falar que constituem a língua histórica, razão por que o eleito não é nem correto nem incorreto”. Para o autor, a gramática normativa deve “elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social” (BECHARA, 2009, p. 52).

Em função disso, entre as exemplaridades apontadas pela gramática normativa, está a sintaxe de concordância, que é um “princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem” (CEGALLA, 2008, p. 438), e essa harmonização se dá no nível do sintagma verbal (SV) e no nível do sintagma nominal (SN).

No âmbito da concordância nominal, esse tipo de harmonização acontece entre os adjetivos, pronomes, artigos e numerais, que devem concordar em gênero e número com os substantivos a que se referem para que a concordância se realize (CEGALLA, 2008). De modo específico, na concordância nominal de número plural, se um elemento do SN recebeu o morfema [-s], indicativo de pluralidade na língua portuguesa, os outros elementos variáveis também devem ser marcados a fim de que a concordância nominal seja efetivada, como nos exemplos de (1) a (4), em que destacamos essas marcas.

- (1) O alto ipê cobre-se de **[flores amarelas]**.
- (2) **[Velhas revistas e livros]** enchem **[as prateleiras]**.
- (3) A atriz possui **[muitas joias]** e **[vestidos caros]**.
- (4) **[Os campos]** estavam floridos, **[as colheitas]** seriam fartas (CEGALLA, 2008, p. 438-440).

Contudo, no uso efetivo da língua, principalmente na oralidade, nem sempre a concordância nominal de número se revela conforme esses moldes gramaticais, uma vez que a concordância pode ou não se manifestar na constituição do SN, fazendo com que esse fenômeno seja visto como variável no português brasileiro, abarcando duas formas variantes: presença de concordância e ausência de concordância.

Nesse viés, trabalhos tais como os de Teixeira (1938), Braga e Scherre (1976), Scherre (1978; 1988), Fernandes (1996), Lopes (2001), Santos (2010), Brandão (2011), Pinheiro (2012), Lopes (2014), Moreira e Vianna (2018), Fonseca, Franceschini e Loregian-Penkall (2018) e Martins e Coelho (2019) já evidenciaram que a concordância nominal de número, de fato, constitui-se num fenômeno variável no português brasileiro e que fatores linguísticos e sociais regem essa variação.

Diante dessa reflexão inicial, tendo em vista que a concordância é um fenômeno morfossintático variável no português brasileiro (PB) e tomando como base os trabalhos a que fizemos referência, propomo-nos, nesta dissertação, a analisar a presença/ausência de concordância nominal de número em dados orais de moradores de Montes Claros, cidade localizada no Norte de Minas Gerais (MG), a 400 Km de Belo Horizonte. Sendo assim, buscamos responder à seguinte questão de pesquisa: quais os fatores linguísticos e sociais condicionam a presença/ausência de concordância nominal de número no português falado em Montes Claros?

A fim de ilustrarmos essa variação, de (5) a (8), temos exemplos do nosso *corpus* em que há presença da concordância nominal de número, já que todos os itens variáveis do SN recebem a marca de plural. Vejamos:

- (5) perto de [**várias** **ôtas** **idades**] que oferecem [**alguns** **atrativos**] (MOC 1 – T.A).
- (6) levar [**esses** **preceitos**] p[r]a vida e passar pr[**as** **próximas** **gerações**] o que você considera certo (MOC 1 – T.A).
- (7) a gente saía todo mundo junto são [**épocas** **marcantes**] [**épocas** **muito boas**] em que ela juntava um dinheiro fazia uma / uma festinha sempre era muito bom (MOC 10 – A.P).
- (8) eu estou gostando da atual gestão apesar de [**alguns** **detalhes**] tô gostando da atual gestão então acredito que ela vai permanecer (MOC 10 – A.P).

De (9) a (12), apresentamos exemplos em que há ausência de concordância, uma vez que, em algum ou alguns dos elementos variáveis, há o cancelamento do morfema de plural, onde destacamos com Ø, indicando, justamente, essa ausência de marca.

- (9) ah eu lembro sim d[**umas coisa**Ø] que já aconteceu aqui que marcou muito que a gente ficou sentida né quando (MOC 12 – M.S).
- (10) ela / ela tem [**os recurso**Ø] que a gente precisa né... ela tem... ela tem assim uma estabilidade [**pros jove**Ø] né que quer estudar né... (MOC 12 – M.S).
- (11) o mágico ele num trabalha só dentro de circo ele trabalha ne [**ôtos ambiente**Ø] também né (MOC 13 – A.J).
- (12) eu num participo muito não mais é legal tipo [**as comida**Ø **típica**Ø] que ês faz muito legal muito saboroso (MOC 14 – M.D).

De modo específico, propomo-nos a alcançar dois objetivos: (i) comparar os nossos resultados com os resultados de outras pesquisas que já foram concluídas sobre a concordância nominal de número no âmbito do PB; e (ii) verificar se a presença de nomes gerais no sintagma nominal é uma motivação linguística ou não para a ausência de concordância nominal de número. Esses nomes são elementos com pouco conteúdo semântico e muito frequentes na língua portuguesa, como *coisa*, *negócio*, *trem* e *pessoa*, por exemplo (AMARAL e RAMOS, 2014).

A importância desta pesquisa, orientada pelo arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), reside no fato de que, por meio dela, pretendemos investigar a língua em uso de uma comunidade de fala ainda pouco pesquisada no que diz respeito ao seu português oral, a cidade de Montes Claros – MG.

Atualmente, Montes Claros é uma cidade universitária e recebe estudantes de várias regiões do país. É o maior município do Norte de MG e vem se desenvolvendo bastante nos últimos anos. Inicialmente, incomodou-nos a falta de pesquisas em nível de pós-graduação sobre o português falado nesse município, o que justifica, em parte, o nosso interesse de pesquisa (AMARAL e SANTOS, 2016).

Reconhecemos que o fenômeno da concordância já é um tema de pesquisa bem explorado. Contudo, tendo em vista o dinamismo da língua e o seu caráter variacionista, acreditamos na importância de uma constante atualização das pesquisas sobre um mesmo fenômeno em comunidades de fala distintas. Nesse sentido, a realização desta pesquisa

no município de Montes Claros nos possibilitará uma comparação com estudos mais antigos e recentes, prática que se faz importante nos estudos das línguas humanas.

Junto à análise da concordância nominal de número no português oral de Montes Claros, buscamos verificar, de modo específico, se os nomes gerais são motivadores da ausência de concordância no sintagma. A temática dos nomes gerais é recente na área de estudos sociolinguísticos no Brasil e merece mais atenção de pesquisa, já que se trata de uma classe de nomes produtiva em várias línguas. De modo específico, em relação ao português mineiro, alguns estudos recentes têm tratado desses nomes tanto na fala quanto em dados escritos, a partir de uma abordagem variacionista, entre os quais se destacam Amaral e Ramos (2014); Barbosa *et al.* (2012); Oliveira (2016); Oliveira (2017); Oliveira (2018); Santos (2019).

Esses estudos acerca dos nomes gerais lançaram bases importantes para o tratamento do assunto no Brasil, mas ainda são poucas as pesquisas que tratam desses itens lexicais num viés sociolinguístico, o que também motivou o nosso interesse em verificar a influência desses nomes na presença/ausência de concordância de número no SN. Junto a isso, soma-se o fato de que já existem trabalhos na área cujos resultados indicam que os nomes gerais têm propriedades linguístico-discursivas que interferem na concordância de número, como os de Scherre (1988) e Amaral e Ramos (2014). Contudo, vale ressaltar que Scherre (1988) não utiliza a denominação *nomes gerais* em seu estudo.

Estruturamos esta dissertação da seguinte maneira: no capítulo 1, apresentamos a fundamentação teórica da qual nos valem, com os principais conceitos e pressupostos necessários aos nossos objetivos. Assim, temos alguns conceitos basilares da Teoria da Variação e Mudança, discutimos a estrutura do SN, a noção de concordância nominal de número, apresentamos os resultados de algumas pesquisas que já foram desenvolvidas sobre tal fenômeno no PB e tratamos dos nomes gerais.

No capítulo 2, descrevemos os procedimentos metodológicos que seguimos para alcançar os nossos objetivos, incluindo a escolha da comunidade de fala, a forma como selecionamos os informantes, como coletamos, tratamos e analisamos os dados, e os fatores linguísticos e sociais que selecionamos para a análise, justificando a escolha de cada um.

Nos capítulos 3 e 4, apresentamos e discutimos os resultados que obtivemos por meio das rodadas no programa *GoldVarb*, adotando a seguinte organização: no capítulo 3, fazemos a análise não atomística, em que o SN como um todo é considerado como objeto de análise, tomando os seguintes fatores: grau de escolaridade, faixa etária, sexo,

animacidade do referente, grau do elemento nuclear, a localização do SN em relação ao verbo, a função sintática do SN e o tipo de nome. Além disso, damos um tratamento especial à categoria dos nomes gerais, que também é foco deste estudo.

No capítulo 4, analisamos os dados numa perspectiva atomística, considerando como dado individual cada elemento variável presente na estrutura do SN. Assim, analisamos a influência dos seguintes fatores: posição do elemento no SN, tonicidade do elemento, classe gramatical, saliência fônica e contexto fonético-fonológico seguinte.

Por fim, na última parte desta dissertação, apresentamos as nossas conclusões, tendo em vista os resultados mais relevantes e as suas contribuições para as pesquisas sobre o PB.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos o aporte teórico do qual nos valem no presente estudo. Inicialmente, em 1.1, fazemos uma breve explanação do surgimento da Teoria da Variação e Mudança Linguística e discutimos os principais conceitos dessa teoria; na seção 1.2, tratamos da estrutura do sintagma nominal e suas principais propriedades linguísticas. Em seguida, nas seções 1.3 e 1.4, discutimos o nosso objeto de pesquisa, a concordância nominal de número, e apresentamos os principais resultados de trabalhos que já foram desenvolvidos sobre o tema. Por fim, em 1.5, discorreremos sobre os nomes gerais e suas relações com o fenômeno variável da concordância de número no SN.

1.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM), ou Sociolinguística Variacionista, surgiu como uma disciplina autônoma no século XX, a partir da década de 1960. Os seus precursores foram Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (2006 [1968]), os quais formularam as bases teóricas dessa linha de pesquisa que tem como foco o estudo da língua em uso no *locus* da comunidade de fala, considerando que “a língua é um objeto dotado de heterogeneidade estruturada” (COELHO *et al.*, 2015, p. 59).

Bortoni-Ricardo (2019) ressalta, no entanto, que mesmo antes de 1960 já havia linguistas que vinham contribuindo com a elaboração de teorias cuja natureza era claramente sociolinguística, como Meillet [1866-1936], Bakhtin [1895-1975] e os membros do Círculo Linguístico de Praga. Tais estudiosos incluíam o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, pois “consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida” (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 11).

Segundo Bortoni-Ricardo (2019), há duas premissas básicas da Linguística Estruturalista do século XX que foram fundamentais para a emergência da Sociolinguística como uma área interdisciplinar: o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística. O relativismo cultural vem da antropologia cultural, por meio da pesquisa de Franz Boas [1858-1942], e defende que “uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras” (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 12). Logo, essa premissa foi ampliada por linguistas na Europa e nos Estados Unidos a fim de se estudar a variação linguística.

Bortoni-Ricardo (2019) afirma que o objeto de estudo central dos estudos linguísticos na tradição estruturalista eram as formas linguísticas, com ênfase no descritivismo, de modo que o uso e a função dessas formas eram considerados apenas conceitos auxiliares. Conforme a autora, “a precisão analítica dos estruturalistas era confrontada, contudo, com outra corrente linguística que se desenvolvia paralelamente: a da Dialetoлогия, ou geografia linguística, iniciada pelo suíço Jules Gilliéron [1854-1926]” (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 51). Para a autora citada,

os dados obtidos nas pesquisas dialetológicas contrastavam com os dados produzidos pelos estudos descritivos estruturalistas, pois os primeiros refletiam a heterogeneidade regional, que é própria de qualquer comunidade real de fala. Já os segundos tinham como pressuposto a homogeneidade da língua, como postulada por Saussure. Parecia, então, que aos primeiros faltavam a organização e a simetria estruturais que, de fato, são consequências do artifício metodológico que consiste na postulação de um sistema linguístico homogêneo, no qual todo elemento se definia por oposição a outros elementos, seja na dimensão paradigmática, seja na dimensão sintagmática (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 51).

Nesse sentido, para a autora, o surgimento desse contraste foi de grande importância para que a Sociolinguística pudesse se desenvolver e chegar à condição de ciência autônoma a partir de meados do século XX, já que esta “vai procurar imprimir à pesquisa dialetológica o mesmo caráter estruturalista da pesquisa linguística hegemônica” (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 51). Diante disso, compreendemos, portanto, a segunda premissa citada pela autora, a heterogeneidade linguística, que é inerente e sistemática.

Os primeiros estudos sociolinguísticos foram desenvolvidos por Labov (2008 [1972]), que pesquisou fenômenos fonético-fonológicos da língua inglesa. Em seu trabalho de mestrado, realizado em 1963, Labov investigou uma alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ na comunidade de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts. Posteriormente, na tese de doutorado, em 1966, Labov trabalhou com a estratificação social do (r) nas lojas de departamento na cidade de Nova York. Em ambos os estudos, o autor constatou que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p. 21). Desse modo, a TVM propõe

que o axioma da homogeneidade seja abandonado, instaurando-se em seu lugar o axioma da heterogeneidade ordenada. Buscam assim caminhos teóricos para harmonizar os fatos da heterogeneidade (a

língua como uma realidade inerentemente variável) com a abordagem estrutural (a língua como uma realidade inerentemente ordenada) (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 13).

Essa colocação se justifica pelo fato de que, antes do surgimento da TVM, a língua era considerada como um sistema homogêneo pelos estruturalistas, uma vez que sempre defenderam a concepção de um falante-ouvinte ideal. Saussure (2012 [1916], p. 41) já definia a língua como “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”, porém, em suas análises, empreende uma abstração no sistema linguístico que desconsidera fatores sociais e históricos.

Por outro lado, na perspectiva Laboviana, a TVM trabalha com uma concepção efetivamente social da linguagem, defendendo que os fenômenos linguísticos também são motivados por fatores externos à língua, de modo que precisam ser estudados, portanto, a partir de uma relação necessária entre língua e sociedade. Desse modo, diferentemente dos estruturalistas, a Sociolinguística Variacionista admite que a língua é um objeto dotado de heterogeneidade estruturada, ou seja, contém, ao lado de regras categóricas, regras variáveis que são condicionadas por fatores linguísticos e sociais.

Dentre os conceitos principais da TVM, destacamos as noções de variável e variante, que são muito importantes para o estudo que propomos. Assim, adotamos uma perspectiva segundo a qual “a língua comporta regras variáveis que permitem que um falante A aprenda uma forma usada por um falante B e a adote como sua, sem abandonar a forma que usava” (COELHO *et al.*, 2015, p. 63). Portanto, uma variável linguística é o *locus* da gramática da língua em que a variação ocorre, sendo que “há regras na língua regendo a variação, isto é, que a variação é sistematicamente ordenada” (COELHO *et al.*, 2015, p. 61). Nesse viés,

as variantes das variáveis podem ser contínuas ou discretas; em qualquer dos casos, a variável mesma tem um espectro contínuo de valores, já que ele inclui a frequência de ocorrência de variantes individuais na fala estendida. O conceito da variável como um elemento estrutural torna desnecessário ver flutuações no uso como externas ao sistema, pois o controle de tal variação faz parte da competência linguística dos membros da comunidade de fala (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 123).

A partir dessa afirmação, outra noção que consideramos importante para o nosso estudo é a de comunidade de fala. De acordo com Labov (2008 [1972]), um determinado

grupo compartilha características linguísticas comuns, de modo que, a partir desse conjunto de particularidades linguísticas, cria-se uma determinada variedade linguística. Nossa proposta é analisar a língua falada do município de Montes Claros – MG, que é a comunidade de fala selecionada por nós para realização da pesquisa. Ainda sobre essa noção de comunidade de fala, Labov afirma:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

A TVM surgiu com um interesse particular pela língua falada, já que até então ela vinha sendo deixada à margem pelos linguistas. Labov (2008 [1972], p. 13) concebe a fala como “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social”. Complementando esse pensamento, Tarallo (1985) afirma que

a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias, (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística (TARALLO, 1985, p. 19).

Labov (2008 [1972], p. 221) ainda diz que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer “a mesma” coisa”, isto é, formas linguísticas variantes que não veiculam apenas significados referenciais/representacionais, mas significados sociais.

Por fim, conforme Coelho *et al.* (2015), a variação linguística pode ocorrer em diferentes níveis da língua: lexical, fonético-fonológico, morfo-fonológico, morfológico, morfossintático, sintático e discursivo. O fenômeno variável com o qual lidamos situa-se no nível morfossintático, de modo específico, a sintaxe de concordância, em que verificamos a variação na concordância nominal de número em dados orais do município de Montes Claros – MG, observando, também, uma possível influência dos *nomes gerais* na ocorrência desse fenômeno.

1.2 O Sintagma Nominal

A noção de sintagma já vem sendo discutida desde o surgimento da linguística como ciência, no início do século XX. Saussure (2012 [1916]) propõe que, no plano discursivo, os termos estabelecem relações entre si, relações estas que são baseadas no caráter linear que é inerente à língua. Nas palavras do autor, tais relações excluem a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, de modo que esses elementos são alinhados numa cadeia de fala através de combinações, ou seja, o sintagma, que “se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas” (SAUSSURE, 2012, p. 171 [1916]).

Na contemporaneidade, alguns gramáticos têm se dedicado a estudar as propriedades do sintagma nominal e, a partir disso, apresentar propostas de descrição para esse tipo de estrutura sintática. Assim sendo, apresentamos a seguir duas propostas de descrição do SN com base em duas gramáticas descritivas, a saber, Castilho (2010) e Perini (2016).

Conforme Castilho (2010), o sintagma nominal é “uma construção sintática que tem por núcleo um substantivo ou um pronome, o primeiro uma classe basicamente designadora, e o segundo uma classe dêitica/fórica/substituidora” (CASTILHO, 2010, p. 453). Para o autor, o núcleo do SN pode vir preenchido por um substantivo ou por alguns pronomes, o lugar do especificador é ocupado por artigos ou pronomes e os complementadores, por sua vez, são os sintagmas adverbiais e preposicionais.

Diante desse posicionamento, Castilho (2010, p. 453) propõe uma fórmula por meio da qual se obtém uma regra descritiva para a estrutura interna do sintagma nominal, a saber:

SN → (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores)

Vale ressaltar que Castilho (2010) propõe essa fórmula descritiva, mas indica que nem sempre haverá todos os elementos indicados na referida fórmula, já que este pode ser constituído apenas pelo elemento nuclear, como em (13); somente com elementos à esquerda ou com a ausência de marca, como em (14); ou ainda sem a presença de uma palavra especificadora, como em (15), abaixo:

(13) **[Fogo]** queima. **[Isso]** dói pra caramba.

- (14) **[Este menino]** exige **[tudo]**, **[aquele Ø]** já não quer nada.
- (15) **[Gente que se respeita]** não sai por aí falando alto (CASTILHO, 2010, p. 453).

Em (13), podemos notar que os sintagmas destacados possuem apenas o elemento nuclear, *fogo* (substantivo) e *isso* (demonstrativo), sendo que não há nenhuma outra palavra à esquerda ou à direita desses núcleos. Em (14), há três sintagmas: no primeiro, o núcleo é o substantivo *menino*, que vem acompanhado pelo demonstrativo *este* à sua esquerda, mas não há um complementador à direita; no segundo, tem-se novamente a presença de um sintagma apenas com a presença do núcleo, assim como em (13), que é o quantificador *tudo*; no terceiro, temos um demonstrativo à esquerda, *aquele*, o elemento nuclear não é marcado e não há palavras complementadoras. Por fim, no exemplo (15), o SN não apresenta elementos especificadores à sua esquerda, mas possui a sentença relativa *que se respeita* à margem direita do sintagma, que acompanha o núcleo *gente*.

Em relação aos especificadores, Castilho (2010, p. 454) propõe que “é um rótulo de caráter sintático, que designa um constituinte sintagmático e sentencial, qualquer que seja sua interpretação semântica”. De maneira mais minuciosa, o autor detalha que os especificadores podem ser artigos, demonstrativos, possessivos, quantificadores, expressões qualitativas e delimitadores¹. Vejamos os exemplos abaixo:

- (16) **[As rosas]** foram destruídas pela chuva. (Artigo: **as**)
- (17) Para o presidente, **[este partido]** não possui credibilidade.
(Demonstrativo: **este**)
- (18) **[Minha vida]** está cheia de problemas. (Possessivo: **minha**)
- (19) O professor disse que **[nenhum aluno]** foi reprovado. (Quantificador: **nenhum**)
- (20) **[O estúpido do patrão]** gritou muito alto. (Expressão qualitativa: **o estúpido do**)
- (21) Aluguei **[uma espécie de salão]** para a festa. (Delimitador: **uma espécie de**)²

¹ Conforme Castilho (2010), os delimitadores são sugeridos por Moraes de Castilho (1991) e Lima-Hernandes (2005a).

² Os exemplos de (16) a (21) são de autoria própria, baseados na proposta de Castilho (2010).

Castilho (2010) acrescenta que o núcleo do SN pode ser constituído tanto por pronomes pessoais, neutros ou adverbiais, como em (22), (23) e (24), respectivamente. Já na posição de complementadores, cuja função sintática é a de adjunto adnominal, são usados os sintagmas adjetivais, como em (25); os sintagmas preposicionais, que são complementos nominais, como em (26); e as sentenças relativas, conforme o exemplo (27).

- (22) Os professores precisam ser valorizados, pois **[eles]** são formadores de opiniões.³
- (23) **[Isto]** que está sobre a mesa é meu.
- (24) Amanhã vou à biblioteca. **[Lá]** eu posso estudar tranquilamente.
- (25) **[SN A caneca [SA amarela]]** está no armário.
- (26) Tenho **[SN saudades [SP dos tempos antigos]]**.
- (27) **[SN As pessoas [SR que se respeitam]]** convivem em harmonia.

Nas palavras de Perini (2016, p. 355), um sintagma nominal “é um constituinte composto de uma ou mais palavras”, podendo desempenhar a função sintática de **sujeito**, **objeto** ou **complemento de preposição**, conforme ilustram os exemplos (28), (29) e (30), respectivamente.

- (28) **[Maria]** estuda no Colégio Tiradentes.
- (29) Eles compraram **[muitas frutas]** no supermercado.
- (30) Miguel irá à **[São Paulo]** neste fim de semana.

Ainda conforme o autor, o SN pode ser estruturado com um **possessivo + um nominal**, assim como em (31), com apenas um **nominal**, exemplo (32), ou uma **oração subordinada**, como em (33).

- (31) **[Nosso pai]** está doente.
- (32) Joana foi à praia com **[chapéu]**.

³ Os exemplos citados de (22) a (35) foram elaborados por nós, a partir de estruturas contidas em Perini (2016).

(33) Eu quero esses biscoitos [**que você faz**].

Segundo Perini (2016), o SN é caracterizado pelo seu **potencial funcional**, tendo-se em vista as funções sintáticas que pode exercer na oração. De acordo com o referido autor, “o SN é uma classe de construções” (PERINI, 2016, p. 356), apresenta uma vasta possibilidade na maneira como pode ser estruturado, mas sempre terá o mesmo potencial funcional.

Ainda conforme Perini (2016), do ponto de vista semântico, o SN faz referência a uma entidade do mundo, seja ela real seja imaginária, podendo ser um objeto específico, uma classe geral ou algum tipo de abstração. Desse modo, nas palavras do autor, o SN apresenta um **potencial referencial**, que é uma propriedade semântica básica desse tipo de construção. Diante disso, conforme Perini (2016), não há possibilidade de fazer referência a uma entidade do mundo sem a utilização de um SN.

O SN apresenta duas funções semânticas: **centro de referência** e vários **limitadores**. Tais elementos servem para singularizar uma entidade (uma **coisa**), de maneira que o núcleo informa o tipo de coisa a que se faz referência e os limitadores restringem a referência dessa coisa até o ponto que é desejado pelo falante (PERINI, 2016). Nesse viés, podemos dizer que os limitadores auxiliam de modo essencial na identificação do referente, isto é, “uma palavra que resume sua referência: o núcleo do SN” (PERINI, 2016, p. 357). Vejamos os exemplos (34) e (35), em que o centro de referência está em negrito e os limitadores em itálico:

(34) [*Os meus irmãos mais velhos*] são casados.

(35) [*Meus panos azuis*] devem ser colocados sobre a mesa.

Do ponto de vista sintático, a proposta de Perini (2016) é a de que o SN é composto de um **determinante + núcleo + modificador**. Em essência, esses elementos são os mesmos apresentados por Castilho (2010): **especificadores + núcleo + complementadores**, citados no início desta seção, havendo somente uma mudança na nomenclatura.

Ainda em relação à estrutura do SN, Perini (2016) propõe algumas maneiras para se identificar o núcleo dessa construção sintática, já que é a partir desse elemento essencial que outros tipos de relações são identificadas e o SN é compreendido em sua totalidade. Segundo Perini (2016), cada nominal tem um **potencial referencial** e um

potencial qualificativo, de modo que “uns podem, outros não podem evocar uma entidade do mundo real ou imaginário (isto é, uma **coisa**)” (PERINI, 2016, p. 359).

Nas palavras do autor, o núcleo será aquele que possuir obrigatoriamente potencial referencial [+R], já que pode designar referentes. Conforme Perini (2016), há nominais que têm as duas propriedades, podendo designar uma coisa ou uma propriedade, a depender do contexto de uso. Nesse caso, o nominal possui os traços [+R, +Q], como nos exemplos (36) e (37), em que o nominal *velho*, apresenta, esses dois traços, respectivamente.

(36) [Aquele velho] quer falar com você.

(37) Estou me tratando com [um dentista velho].⁴

Por fim, de acordo com Perini (2016), existem SNs nos quais não há um núcleo explícito, mas que podem ser recuperados por meio do contexto anafórico, como em (38); ou quando há quantificadores na estrutura e o centro de referência é preenchido, que é sempre um ser humano, como em (39). Em (38), o nominal *carro* está implícito no sintagma, mas podemos identificá-lo numa informação externa à construção, que veio antes. No exemplo (39) está subentendido que o quantificador *alguns* pode ser substituído por *algumas pessoas*, o que nos leva a crer que se trata de um SN sem núcleo explícito, podendo ser recuperado.

(38) Meu tio tem um *carro* vermelho e [um azul].

(39) [Alguns] acham que educação é escola.⁵

Na descrição do núcleo nominal, Castilho (2010) propõe que a estrutura do SN está diretamente relacionada aos substantivos e à sua transitividade. Para ele, há substantivos que pedem informações de caráter complementar a fim de que o seu sentido esteja completo na sentença, por isso são substantivos **transitivos, sincategoremáticos e argumentais**, como em (40); e outros que já possuem uma autonomia semântica, fazendo com que o sintagma seja estruturado somente com o núcleo nominal, palavras **intransitivas, categoremáticas e não argumentais**, como em (41), a seguir.

⁴ Exemplos extraídos de Perini (2016, p. 360).

⁵ Exemplos retirados de Perini (2016, p. 363).

(40) Ninguém pode ter [**saudades dos tempos em que as irregularidades eram abafadas (...)**].

(41) Ainda bem que [**as encomendas**] chegaram todas.⁶

Em (40), o substantivo abstrato *saudades* pede informações complementares para que o seu sentido seja saturado, ou seja, *dos tempos em que as irregularidades eram abafadas*. Isso quer dizer que *saudades* é um substantivo transitivo, sincategoremático e argumental. No exemplo (41), por outro lado, temos um substantivo concreto e que não exige informações complementares que estejam presentes no interior do SN, *encomendas*, ou seja, trata-se de uma palavra que possui autonomia semântica e é, portanto, intransitiva, categorématica e não argumental. Enfim, o que pudemos perceber até agora é que a estrutura do SN está ligada de modo direto a fatores de ordem sintática e semântica.

Ainda em relação à estrutura do SN, é preciso, também, se atentar à forma como os constituintes podem ser dispostos em seu interior. Castilho (2010) afirma que dois desses constituintes obedecem a uma regra categórica de colocação: o artigo é sempre **pré-nuclear** e a sentença relativa sempre será **pós-nuclear**. Especificadores e Complementadores, conforme o autor, exemplificam regras variáveis de colocação.

Perini (2016, p. 365) ressalta que “a ordem dos diversos elementos dentro do SN obedece a fatores sintáticos, semânticos e discursivos”, sendo que a forma de se realizar essa ordenação é descrita em termos da posição dos vários limitadores em relação ao núcleo ou à fronteira inicial do sintagma. Conforme Perini (2016), o SN é composto de elementos que são **pré-nucleares** e **pós-nucleares**. O autor apresenta a seguinte regra para o posicionamento dos termos pré-nucleares no SN: **predeterminante - determinante - quantificador / possessivo sintético / numeral**. Vejamos o exemplo abaixo, em que **todos** é um elemento predeterminante, **esses** é um determinante e **rapazes** é o núcleo nominal.

(42) **Todos esses rapazes.**⁷

A seguir, no quadro 1, apresentamos a proposta de Perini (2016) no que diz respeito às posições que podem ser ocupadas ou não à esquerda do núcleo nominal, ou

⁶ Exemplos retirados de Castilho (2010, p. 453).

⁷ Exemplo presente em Perini (2016, p. 366).

seja, os elementos pré-nucleares, e as respectivas palavras que podem preencher essas posições na estrutura interna no SN.

Quadro 1 - Elementos pré-nucleares do SN conforme Perini (2016)

1ª posição	2ª posição	3ª posição
<i>Predeterminantes: todos, ambos.</i>	<i>Determinantes: o, um, esse, aquele, algum, nenhum, cada, que, qual.</i>	<i>Quantificadores: quantos, tantos, poucos, muitos, vários, qualquer, certos, meio.</i>
		<i>Possessivos sintéticos: meu, seu, nosso.</i>
		<i>Numerais: um, dois, três etc. e primeiro, segundo, terceiro etc.</i>

Fonte: elaborado a partir de Perini (2016).

De acordo com Perini (2016), o elemento predeterminante ocorre sempre em primeiro lugar; caso não haja, o primeiro da estrutura é o determinante; caso não haja predeterminante nem determinante, o sintagma é iniciado com um quantificador, possessivo sintético ou um numeral. O autor esclarece que existem palavras presentes no quadro acima, como *nenhum* e *qualquer*, por exemplo, que podem vir depois do núcleo nominal, sendo que tal diferença de posição também gera uma mudança semântica, como em (43) e em (44), a seguir.

(43) **Nenhum** professor / professor **nenhum**.

(44) **Qualquer** mulher / mulher **qualquer**.

Por fim, ainda no que diz respeito aos itens pré-nucleares, Perini (2016) assinala que alguns deles possuem posição fixa e são semanticamente semelhantes aos itens pós-nucleares, justamente porque denotam uma qualidade/propriedade, como *mero*, *pretense*, *reles*, *suposto*, *parco*. Tomemos os exemplos (45) e (46).

(45) Um **mero** subalterno.

(46) O **suposto** vendedor.

Os itens pós-nucleares são os “que ocorrem depois do núcleo do SN e constituem uma classe aberta, de número indefinido e composição interna muito variada” (PERINI, 2016, p. 369). Esses itens, conforme o autor, são modificadores que podem ser compostos de uma ou mais palavras, incluindo até mesmo orações, como nos exemplos de (47) a (51). Note-se que em (51) o adjetivo *nova* aparece antes do núcleo, mesmo sendo um elemento pós-nuclear, o que evidencia uma flexibilidade na sua posição no interior do sintagma.

(47) A casa **nova**.

(48) A casa **da Vera**.

(49) A casa **daquela dentista lourinha de Campo Belo**.

(50) A casa **do meu primo que trabalhava na prefeitura**.

(51) A **nova** casa.⁸

Castilho (2010), ao tratar dos especificadores do SN, discute sobre as propriedades gramaticais dos quantificadores indefinidos, considerando que tais elementos “apresentam problemas interessantes quando observamos o lugar que ocupam no sintagma nominal e sua combinatória com outros especificadores” (CASTILHO, 2010, p. 507). O autor propõe um quadro por meio do qual se ilustra essa questão da colocação do quantificadores do SN, onde P = posição, P⁰ = núcleo do sintagma nominal, P¹Sub, P²Sub... = posições pré-nominais, SubP¹... = posições pós-nominais. Vejamos esse quadro a seguir.

⁸ Os exemplos de 43 a 51 foram extraídos de Perini (2016, p. 366, 368, 369).

Quadro 2 - Colocação dos quantificadores indefinidos no SN

P⁶Sub	P⁵Sub	P⁴Sub	P³Sub	P²Sub	P¹Sub	P⁰	SubP¹
<i>todos</i>	<i>os todos</i>	<i>meus os todos</i>	<i>outros meus os todo</i>	<i>três três meus o todo</i>	<i>primeiros primeiros três meu o todo</i>	<i>carros carros carros carros carros carros</i>	
			<i>um</i>	<i>outro um</i>	<i>segundo outro um</i>	<i>carro carro carro</i>	
				<i>[os] demais</i>	<i>três</i>	<i>carros</i>	
					<i>demais</i>	<i>carros</i>	
					<i>pouco/ muito</i>	<i>carro</i>	
					<i>cada</i>	<i>carro</i>	
					<i>bastante</i>	<i>carro</i>	
					<i>qualquer</i>	<i>carro</i>	
					<i>certo</i>	<i>carro</i>	
					<i>os</i>	<i>carros</i>	<i>todos</i>
						<i>carro</i>	<i>algum/ nenhum</i>

Fonte: Castilho (2010, p. 508)

Além disso, Castilho (2010) propõe uma categorização para os especificadores do SN. Essa proposta é resumida por meio do quadro 3, que apresentamos a seguir:

Quadro 3 - Classes de especificadores do sintagma nominal

ESPECIFICADORES				
Artigos	Demonstrativos	Quantificadores	Expressões qualitativas	Delimitadores
<i>o, a, os, as</i>	<i>este, esse, aquele, mesmo, próprio, tal, outro</i>	<i>Definidos: dois, quarenta etc. Indefinidos: um, todos, poucos, muitos etc.</i>	<i>[essa beleza de] livro [o idiota do] rapaz</i>	<i>[uma espécie de] livro [um tipo de] saia</i>

Fonte: Castilho (2010, p. 510)

Enfim, recorrendo às contribuições de Castilho (2010) e de Perini (2016), pudemos compreender o funcionamento do sintagma nominal e suas principais propriedades sintáticas e semânticas, considerando que esses dois tipos de propriedades são tomados por esses dois autores como essenciais para o entendimento desse tipo de construção.

Para a análise dos dados deste trabalho, adotamos a nomenclatura proposta por Perini (2016), que apresenta a seguinte estrutura para o SN: **determinante + núcleo + modificador**. Retomando tal proposta, o autor diz que o SN é composto por elementos **pré-nucleares e pós-nucleares** e pode exercer a função sintática de **sujeito, objeto** ou **complemento de preposição**.

Castilho (2010) apresenta uma proposta inédita, que compreende uma nova nomenclatura para a estrutura do SN: **especificador + núcleo + complementador**. Porém, nossa opção pela proposta de Perini (2016) se justifica pelo fato de que o autor apresenta uma descrição da estrutura do SN mais consensual na área de estudos linguísticos, sem deixar de ressaltar, entretanto, a importância da contribuição de Castilho (2010), cujo conteúdo pode ser aplicado em outras pesquisas.

Uma das propriedades morfossintáticas que pode ser explorada no interior do SN é a concordância nominal de número, fenômeno linguístico que também tem sido abordado em diferentes tipos de gramáticas do português brasileiro. Portanto, na próxima seção, discutimos o conceito de concordância de modo geral e, especificamente, a concordância nominal de número a partir das propostas de Bechara (2009), Castilho (2010) e Perini (2016).

1.3 A concordância nominal de número

A concordância nominal de número está relacionada a um mecanismo de flexão. Do ponto de vista etimológico, é a tradução do alemão *Biegung*, que significa “flexão/curvatura”. Esse termo foi introduzido pelo filólogo Friedrich Schlegel (1972-1829), a fim de indicar que um vocábulo se adapta a novos empregos. No português, isso acontece por meio dos sufixos, que são segmentos fônicos pospostos ao radical (CÂMARA Jr., 1996 [1970]).

Conforme Bechara (2009, p. 543), “a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”. No caso da concordância nominal, o referido autor afirma que é por meio dela que se analisam as relações de gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que fazem referência (BECHARA, 2009).

Ao tratar da concordância, Castilho (2010) relaciona esse fenômeno ao princípio de projeção nas relações intrassentenciais, ou seja, aquelas que ocorrem no interior do sintagma nominal. Para o autor, a morfologia presente em alguns termos da sentença é responsável por indicar qual é o tipo de concordância que está sendo estabelecida no SN. Castilho (2010) propõe três tipos de concordância: a gramatical, a semântica e a discursiva, sendo que a concordância gramatical é a que nos interessa neste trabalho.

No que se refere à concordância nominal, Castilho (2010) descreve os ambientes em que esse tipo de concordância ocorre, a saber: (i) o adjetivo em posição predicativa concorda com o sujeito em gênero e número (*os livros estão velhos*)⁹; (ii) o adjetivo em posição atributiva, bem como os determinantes e quantificadores, concordam em gênero e número com o núcleo nominal da construção a que pertencem (*todos os livros velhos foram doados*). Segundo Castilho (2010), há estudos segundo os quais a concordância, no português brasileiro, tende a uma enorme simplificação, podendo chegar até mesmo ao seu desaparecimento.

De acordo com Perini (2016, p. 389), “a concordância nominal é o fenômeno de harmonia de gênero e número entre diversos nominais do SN”, como nos exemplos (52) e (53). Ainda conforme o autor, essa concordância também se dá com nominais que foram

⁹ Os exemplos (i) e (ii) são de nossa autoria, já que Castilho (2010) não propõe exemplos.

dispostos externamente ao sintagma, de modo que estão ligados a ele por uma relação temática, ou seja, coisa qualificada e qualidade, conforme mostram os exemplos (54) e (55).

- (52) **Um computador novo.**
- (53) **Uma impressora nova.**
- (54) **Os computadores são novos.**
- (55) **A impressora *chegou* quebrada.**¹⁰

Em relação à concordância de número no SN, Perini (2016) propõe que esta funciona, até certo ponto, do mesmo modo que a concordância de gênero, havendo algumas diferenças. Ainda nas palavras do autor, um nominal que é usado referencialmente tem número e não se pode dizer que ele é singular ou plural, já que a maior parte desses elementos da língua tem os dois números, com poucas exceções como *férias* (sempre no plural) e *ouro* (sempre no singular).

Além disso, Perini (2016, p. 392) afirma que “o número não é semanticamente neutro: há uma relação, embora não simples, entre o número e a quantidade de elementos a que se faz referência”. Isso quer dizer que o plural faz referência a mais de um elemento e o singular a apenas um. Por fim, Perini (2016) ressalta a necessidade de se distinguir número gramatical de quantidade, mesmo havendo uma relação inquestionável entre estes.

No padrão escrito, a concordância de número se dá do mesmo modo que a de gênero, de modo que o núcleo determina o número dos modificadores, determinantes, quantificadores e outros elementos não nucleares. Entretanto, no português brasileiro não padrão (PB), a marca de plural (o sufixo *-s* e suas variantes alomórficas) tende a ocorrer apenas no primeiro elemento do SN, quando este é um determinante, um quantificador ou um possessivo (PERINI, 2016).

Nessa perspectiva, o autor admite que a concordância nominal de número é uma regra variável no PB, já que nem sempre todos os elementos do sintagma virão marcados com o *-s*. Vale ressaltar que essa ausência de marca de plural em algum ou alguns dos

¹⁰ Exemplos de Perini (2016, p. 389).

nominais do SN não invalida a construção do ponto de vista do uso, como evidenciam os exemplos (56) a (58).

- (56) **Os livros / os livroØ**
- (57) **Essas meninas despenteadas / essas meninaØ despenteadaØ**
- (58) **Meus filhos / meus filhoØ**

Conforme Perini (2016), quando não há termos pré-nucleares na estrutura do SN, o núcleo pode aparecer com a ausência da marca de plural, impulsionando a concordância toda no singular. Para o autor, o que no padrão seria: *Meninas são muito estudiosas*, no PB é usado como: *Menina é muito estudiosa*. Nesse caso, o que acontece é o uso de uma acepção genérica que estaria substituindo o plural em alguns contextos específicos, apesar de ser um tipo de construção que ainda precisa ser mais explorada por meio de estudos (PERINI, 2016).

Perini (2016) ainda afirma que as regras gerais apresentadas até aqui em relação à presença/ausência da concordância são usadas por praticamente todos os falantes da língua, independentemente de classe social e regionalismos. Nas palavras do autor, “não se trata de linguagem “inculta”, ou “regional”, mas do vernáculo comum a todos os brasileiros” (PERINI, 2016, p. 393). Enfim, o autor acrescenta que o *-s* não é uma marca exclusiva para uso do plural, pois há itens que sempre manterão o *-s*, como *atrás*, *nós* e *Luís*, por exemplo.

Uma última maneira que Perini (2016) apresenta para se expressar a pluralidade é o uso do elemento invariável *tudo*, que, para o autor, parece ser uma maneira menos utilizada do que as anteriores, apesar de suspeitar que também ocorre na fala da maioria dos falantes, a exemplo dos sintagmas destacados em (59) – (61), em que *tudo* é utilizado com a denotação de totalidade.

- (59) [As menina **tudo**] ficou gritando.
- (60) [As menina] ficou [**tudo**] gritando.
- (61) O mecânico perdeu [os parafuso **tudo**].¹¹

¹¹ Os exemplos de (56) a (61) são propostos por Perini (2016, p. 393-394).

Continuando, Perini (2016) discute acerca da concordância nominal que acontece fora do SN, funcionando em outro grupo de construções. Então, o que propulsiona a concordância nesse contexto é um fator semântico, isto é, “o fato de que nessas construções a qualidade (ou o que seja) expressa pelo nominal final é atribuída ao núcleo do SN inicial” (PERINI, 2016, p. 394), como em (62) e (63), onde *espalhadas* se aplica a *as fichas*, e *furiosos* a *os clientes*, ou seja, há uma *coisa qualificada* e uma *qualidade* atribuída a essa coisa, que são dois papéis temáticos inerentes a esse tipo de construção. Vale ressaltar que tais construções não fazem parte do nosso objeto de estudo.

(62) **As fichas *estão* espalhadas.**

(63) **Os clientes *entraram* na loja furiosos.**

A partir do que discutimos nesta seção, foi possível compreender o funcionamento da concordância nominal de número e as formas pelas quais esse mecanismo gramatical tem se manifestado na língua portuguesa. A seguir, por meio dos resultados de algumas pesquisas que já foram desenvolvidas, fica evidente que a concordância de número no SN é um fenômeno variável no português brasileiro e que essa variação é condicionada por fatores linguísticos e sociais.

1.4 Resultados de pesquisas sobre a concordância nominal de número

O fenômeno variável da concordância gramatical não é novo no português brasileiro (PB). Já em Teixeira (1938), o autor apresenta resultados de pesquisa sobre alguns aspectos linguísticos particulares do português falado em Minas Gerais e discute a maneira como se realiza a concordância do verbo com o sujeito nesse dialeto. Conforme o autor, “o fato mais comum na língua popular mineira é a invariabilidade do verbo na concordância em número e pessoa com seu sujeito – *os home oiava, nois teve, tu foi* (enfático)” (TEIXEIRA, 1938, p. 73).

Teixeira (1938, p. 74) afirma que esse tipo de construção sintática “é só do domínio da língua das classes incultas. As semicultas fazem regularmente a concordância gramatical”. Em relação à concordância do adjetivo com o substantivo, Teixeira (1938) afirma que esta acontece normalmente, obedecendo o adjetivo ao número do substantivo, como em: *essas muié bonita; esses home valentão*, etc. Portanto, já na primeira metade do século XX, tal autor já observava a presença/ausência da concordância, fosse ela verbal

ou nominal, e reconhecia a importância de motivadores sociais no entendimento desse fenômeno variável.

A nível de pós-graduação, os estudos sobre a concordância de número no SN têm sido realizados no Brasil desde a década de 1970, conforme evidenciam Amaral e Santos (2016), ao apresentarem um panorama histórico das pesquisas já realizadas sobre o português falado em Minas Gerais. A partir desse período, pesquisadores de várias universidades começaram a se interessar pelo fenômeno e analisá-lo em dados de língua falada do PB, tendo-se em vista diferentes abordagens linguísticas e procedimentos metodológicos.

Braga e Scherre (1976), pesquisadoras pioneiras sobre a concordância gramatical no português brasileiro, apresentaram resultados parciais obtidos da análise de uma amostra de dados constituída da fala de sete mulheres residentes na área urbana do Rio de Janeiro, na qual se pretendia analisar o fenômeno da concordância de número no SN. De modo geral, dos 3.804 sintagmas analisados, em 70,6% destes predominou a presença da concordância.

Os dados quantitativos mostraram que fatores linguísticos como a categoria morfológica do plural, a natureza fonológica do contexto seguinte e a distância dos elementos do SN e seu primeiro elemento; e fatores sociais, como a classe social do informante e o grau de formalismo, condicionavam a presença/ausência da aplicação da regra de concordância no sintagma, sendo, assim, uma regra variável com encaixamento linguístico e social (BRAGA e SCHERRE, 1976).

As autoras constataram que a incidência maior de aplicação dessa regra tende a acontecer na fala dos informantes de classe alta, e a menor, na fala dos informantes de classe baixa, de modo que a classe média fica situada numa posição intermediária. Sendo assim, para Braga e Scherre (1976), não se trata de uma variabilidade aleatória que acontece no sistema linguístico, o que corrobora a concepção de heterogeneidade estruturada proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

No Brasil, ao que parece, o primeiro trabalho desenvolvido a nível de pós-graduação sobre o fenômeno em estudo foi o da pesquisadora Maria Luíza Braga, uma dissertação de mestrado defendida no ano de 1977, na PUC/RIO. A partir de uma abordagem sociolinguística, a qual adotamos em nossa pesquisa, Braga analisou dados orais do Triângulo Mineiro e constatou que a concordância nominal de número tende a se comportar, de fato, como uma regra variável no português brasileiro, ou seja, a

concordância pode ou não ocorrer no interior do sintagma, e essa variação é condicionada por fatores linguísticos e sociais.

Braga (1977) analisou uma amostra de dados composta da fala de sete informantes do Triângulo Mineiro, distribuídos em duas classes sociais distintas: média e baixa. Dos 7.061 dados analisados, houve a aplicação da regra de concordância em 60,1% destes, contra 39,9% da não aplicação. A autora constatou, nesses dados do Triângulo Mineiro, que a classe social do falante, média ou baixa, interfere na aplicação da regra de concordância, o que confirmou os resultados apresentados em Braga e Scherre (1976), com os dados do Rio de Janeiro. Além disso, verificou que o grau de formalismo afeta a aplicação da regra de concordância apenas na classe média. As variáveis linguísticas que se mostraram mais atuantes na aplicação dessa regra variável foram: distância dos elementos no SN e o grau de saliência fônica na oposição singular/plural, esta última somente para os informantes da classe média.

Scherre (1978), em seu trabalho de mestrado, também pesquisou a concordância nominal de número no português brasileiro, utilizando, aproximadamente, 11.343 dados orais de dez informantes do Rio de Janeiro. A aplicação global da regra de concordância se deu em 65,8% dos dados, contra 34,2% da não aplicação. As variáveis linguísticas que foram consideradas como relevantes para o estudo foram aspectos morfológicos de formação do plural e a posição superficial do elemento no sintagma nominal. Em relação aos fatores sociais, a autora subdivide os falantes em escolarizados e não escolarizados. Scherre (1978) conclui que a regra variável de concordância de número no SN constitui-se num estágio de mudança linguística no PB.

Scherre (1988), em sua tese de doutorado, voltou a analisar a concordância nominal de número plural no português brasileiro. Dessa vez, a autora realizou uma interface entre a Teoria Linguística Laboviana e a Teoria Funcionalista. A autora analisou um conjunto de 13.229 dados numa perspectiva atomística, ou seja, considerando cada um dos constituintes flexionáveis dos SNs plurais; e analisou 948 SNs numa perspectiva não atomística, isto é, tomando o SN inteiro como objeto de análise. De modo geral, a autora constatou a presença da concordância em 72% destes, contra 28% da ausência de concordância.

Na perspectiva atomística, as variáveis linguísticas que se revelaram motivadoras para a análise foram marcas precedentes e posição; saliência fônica: dimensões, processos e tonicidade; relação dos elementos em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN; formalidade dos substantivos e adjetivos; grau dos substantivos e

adjetivos; animacidade dos substantivos; contexto fonético/fonológico seguinte; função resumitiva.

Por outro lado, sob a perspectiva não atomística, Scherre (1988) constatou que a pluralidade do contexto, a configuração sintagmática do SN, o grau/formalidade do SN, a pluralidade do SN, a função textual e a localização do SN são fatores atuantes na análise do fenômeno. As variáveis sociais sexo e escolaridade foram consideradas relevantes.

Scherre (1988, p. 265) partiu da hipótese de que “os nomes [+concretos], [+específicos] e [+contáveis] apresentam maiores índices de concordância do que [+abstratos], [+genéricos] e [–contáveis]”. Nesse sentido, a autora afirma que chamaram a sua atenção os dados referentes aos itens *pessoa* e *coisa* no uso genérico, já que foram as palavras mais e menos marcadas, respectivamente, no que tange ao estabelecimento da concordância no SN. Vejamos a tabela 1, em que apresentamos os dados estatísticos referentes a esses nomes:

Tabela 1 - Ocorrências de *pessoa* e *coisa* em Scherre (1988)

Nome	Total de ocorrências	Ocorrências marcadas	Percentual das ocorrências marcadas
<i>coisa</i>	580	209	36%
<i>pessoa</i>	356	292	82%

Fonte: elaborada pelo pesquisador.

Tendo em vista esses dados, Scherre (1988) questiona se a presença/ausência da marca de concordância estaria relacionada ao caráter genérico de utilização do nome ou ao traço [+humano]. Por outro lado, ao analisar os itens *cara* e *outro*, que têm o traço [+humano], verificou que estavam tão pouco marcados quanto o nome *coisa*, com traço [–humano]. Então, Scherre (1988) hipotetiza que existe, também, uma possível influência da formalidade léxica. Ou seja, haveria uma tendência para a não marcação do plural quando o item possui os traços [–humano] e [–formal].

Fernandes (1996) pesquisou a concordância nominal de número plural numa amostra de dados constituída da fala de 47 informantes da Região Sul do Brasil (projeto VARSUL) e da fala de 19 informantes de diferentes procedências regionais. De modo geral, a aplicação global da regra de concordância deu-se em 71% dos dados analisados, contra 29% de sua não aplicação.

No referido estudo, os fatores linguísticos que foram selecionados pelo VARBRUL, tendo em vista a significação estatística, foram, respectivamente, a distribuição dos elementos do sintagma nominal em função da sua posição e de sua relação com o núcleo, marcas precedentes, saliência fônica, grau dos substantivos e adjetivos, contexto seguinte e tonicidade dos itens lexicais. Os fatores sociais selecionados foram níveis de escolarização, idade, etnia, sexo (FERNANDES, 1996).

Considerando os estudos que já haviam sido desenvolvidos, Scherre e Naro (1998, p. 521) já afirmam que “a variação na concordância no português falado do Brasil está definitivamente internalizada na mente de seus falantes”, ou seja, neste estágio da língua, já existe um sistema gerenciando a variação na concordância de número no português do Brasil, sendo, portanto, possível se prever em que estruturas linguísticas e em que situações sociais os falantes são mais propensos a colocar ou não as marcas formais de plural nos elementos flexionáveis das diversas construções.

Lopes (2001) analisou a concordância nominal de número em dados orais de Salvador – BA. Dos 13.905 dados analisados, a concordância foi identificada em 11.251 destes (81%), enquanto a sua ausência se deu em 2.653 dados (19%). Os fatores linguísticos que se revelaram intimamente associados ao fenômeno variável são estes: a saliência fônica, a classe gramatical, a posição linear e a relativa, associadas, as marcas precedentes e o contexto subsequente. As variáveis sociais mais relevantes no estudo foram a escolaridade, a faixa etária e a etnia do informante.

Estudos mais atuais também têm tratado da concordância nominal de número numa abordagem sociolinguística. Santos (2010), por exemplo, tratou da ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo – MG. Na pesquisa, a autora confirmou a hipótese de que, na fala dos informantes, predominaria a não marcação de concordância no SN, já que em 759 casos (52%) foi verificada a ausência da aplicação dessa regra variável.

De modo geral, os fatores linguísticos que foram considerados como significativos na motivação do fenômeno variável em análise foram elemento não-nuclear do SN: classe gramatical e ausência e presença de flexão plural. Os fatores sociais mais relevantes foram o sexo, a escolaridade e o grupo social do informante. Santos (2010) afirma que os resultados obtidos evidenciam que o fenômeno variável da concordância em Pedro Leopoldo não representa um caso de mudança em progresso, ou seja, representa um caso de variação estável na comunidade analisada.

Brandão (2011) realiza um estudo comparativo em que analisa a concordância de número no SN em dados orais do português falado em São Tomé (capital de São Tomé e Príncipe) e em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, buscando identificar convergências e divergências em relação às motivações linguísticas e sociais para o cancelamento do morfema de número. Conforme a autora, esse tem sido um fenômeno focalizado por pesquisadores que procuram caracterizar a variedade brasileira em oposição à europeia, a fim de se compreender a história do PB.

De modo geral, Brandão (2011) analisou um *corpus* constituído de 3.264 SNs, sendo 1.933 do PB e 1.331 do PST. Em ambos os *corpora*, predominou a presença de concordância no SN: no PB, o cancelamento das marcas de concordância se deu apenas em 8,9% dos dados; e no PE esse cancelamento foi verificado em somente 6,6%. Tais resultados levam a autora a afirmar que se trata de uma regra semicategórica, nos moldes labovianos. Os fatores linguísticos que se mostraram propulsores do cancelamento da marca de número nos dados do PB foram: posição linear e relativa dos constituintes no SN; processo morfo-fonológico de formação de plural e animacidade do núcleo. No PST, os fatores linguísticos mais atuantes foram dois: posição linear e relativa dos constituintes no SN e animacidade do núcleo. Em relação aos fatores sociais, o nível de escolaridade mostrou-se relevante nas duas variedades, a faixa etária somente no PB, e o gênero, somente no PST.

Pinheiro (2012) analisou a concordância nominal de número em 4.181 dados orais de Belo Horizonte (BH), obtidos por meio de 33 entrevistas espontâneas. A autora constatou a presença da concordância em 81% dos dados, contra 19% da sua não aplicação. Os fatores linguísticos e sociais selecionados como relevantes pelo programa computacional *GoldVarb 2001* foram os seguintes, respectivamente: paralelismo, escolaridade, classe gramatical, saliência fônica e posição linear.

Lopes (2014) pesquisou a variação na marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina, no Espírito Santo (ES). A autora analisou 6.313 dados e, desse total, 3.873 (61,3%) foram marcados morfologicamente pelos falantes. Todos os grupos de fatores foram selecionados pelo programa como estatisticamente relevantes, nesta ordem: posição linear e relativa aliada à classe; saliência fônica; marcas precedentes; faixa etária; animacidade amalgamada com grau e formalidade dos substantivos; sexo/gênero e, por fim, escolaridade.

Moreira e Vianna (2018) estudaram a concordância nominal de número de terceira pessoa do plural no português falado em Nova Iguaçu – RJ. Para isso, as autoras

analisaram a fala de doze informantes naturais deste município, de onde extraíram um total de 1.129 SNs e 2.655 itens flexionais. Desse número de dados, houve a retenção da marca de plural em 2.535 itens (95%) e apenas em 120 casos (5%) houve o seu apagamento. Os fatores linguísticos selecionados foram a posição do termo no interior do SN e a localização do SN no interior da oração. Como fatores sociais, foram selecionados a escolaridade, a faixa etária e o gênero.

Fonseca, Franceschini e Loregian-Penkal (2018) analisaram a concordância nominal e os fatores linguísticos e sociais que atuam no condicionamento da variação de número em Guarapuava, no Paraná. Para isso, os autores lidaram com uma amostra composta de 4.213 dados coletados por meio de 24 entrevistas. A presença de concordância foi verificada em 2.529 casos (60%). Os fatores linguísticos motivadores foram posição do elemento e classe gramatical aliadas, marcas precedentes, saliência fônica e tonicidade aliadas. O fator social que se mostrou relevante para o estudo foi o grau de escolarização do informante.

Martins e Coelho (2019) também estudaram a concordância nominal de número numa perspectiva sociolinguística. As autoras analisaram 1.356 dados provenientes da fala de dez moradores do município de Fonte Boa (Amazonas). A marcação da concordância aconteceu em 55% dos dados, enquanto a ausência se deu em 45%. Os fatores linguísticos relevantes foram elementos não nucleares antepostos ao núcleo, marcas precedentes a partir da primeira posição, processos morfo-fonológicos mais salientes, contexto fonológico subsequente. Os fatores sociais que se mostraram relevantes foram escolaridade e sexo.

A partir desse panorama de alguns trabalhos que já foram desenvolvidos no Brasil sobre a concordância nominal de número, é possível identificarmos os fatores linguísticos e sociais que têm se mostrado relevantes na análise desse fenômeno variável. A seguir, por meio da tabela 2, teremos uma melhor visualização dos principais resultados estatísticos das pesquisas que apresentamos anteriormente.

Tabela 2 - Presença/ausência de concordância em pesquisas desenvolvidas no PB

Autores	Comunidade de fala pesquisada	Presença de concordância	Ausência de concordância
Braga e Scherre (1976)	Rio de Janeiro	70,6%	29,4%
Braga (1977)	Triângulo Mineiro	60,1%	39,9%
Scherre (1978)	Rio de Janeiro	65,8%	34,2%
Scherre (1988)	Rio de Janeiro	72%	28%
Fernandes (1996)	Região Sul do Brasil	71%	29%
Lopes (2001)	Salvador	81%	19%
Santos (2010)	Pedro Leopoldo – MG	48%	52%
Brandão (2011)	PB (Nova Iguaçu – RJ) e PST (São Tomé)	PB: 91,1% PST: 93,4%	PB: 8,9% PST: 6,6%
Pinheiro (2012)	Belo Horizonte	81%	19%
Lopes (2014)	Santa Leopoldina – ES	61,3%	38,7%
Moreira e Vianna (2018)	Nova Iguaçu – RJ	95%	5%
Fonseca, Franceschini e Loregian-Penkall (2018)	Guarapuava – PA	60%	40%
Martins e Coelho (2019)	Fonte Boa – AM	55%	45%

Fonte: elaborada pelo pesquisador.

Observamos que os resultados apresentados por Moreira e Vianna (2018) são bem altos no que diz respeito ao percentual de aplicação da regra de concordância (95%). Na perspectiva das autoras, esse alto percentual vai ao encontro de outros estudos que já haviam sido realizados, sendo eles Brandão (2011, 2013); Brandão e Vieira (2012a, 2012b); Vieira e Brandão (2014), uma vez que estes também apontam altos índices de concordância explícita no PB.

No quadro 4, apresentamos os principais fatores linguísticos e sociais que se mostraram relevantes nos estudos descritos anteriormente. Vale ressaltar que há

diferenças metodológicas entre os trabalhos e no que tange ao grupo de fatores que foi testado, o que influencia o resultado de cada um.

Quadro 4 - Fatores linguísticos e sociais que já se mostraram relevantes em pesquisas sobre a concordância nominal de número no PB

Autores	Comunidade de fala pesquisada	Fatores linguísticos	Fatores sociais
Braga e Scherre (1976)	Rio de Janeiro – RJ	Categoria morfológica do plural; Natureza fonológica do contexto seguinte; Distância dos elementos do SN e seu primeiro elemento.	Classe social Grau de formalismo
Braga (1977)	Triângulo Mineiro – MG	Distância dos elementos no SN; Grau de saliência fônica na oposição singular/plural.	Classe social Grau de formalismo
Scherre (1978)	Rio de Janeiro – RJ	Aspectos morfológicos de formação do plural; Posição superficial dos elementos no sintagma nominal.	Classe social Escolaridade
Scherre (1988)	Rio de Janeiro – RJ	<p><u>Análise atomística:</u> Marcas precedentes em função da posição; Saliência fônica; Relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN; Formalidade dos substantivos e adjetivos; Grau dos substantivos e adjetivos; Animacidade dos substantivos; Contexto fonético-fonológico seguinte; Função resumitiva;</p> <p><u>Análise não atomística:</u> Pluralidade do contexto; Configuração sintagmática do SN; Saliência fônica; Grau/formalidade do SN; Pluralidade do SN; Função textual do SN; Localização do SN em relação ao verbo ou à oração.</p>	Sexo Escolaridade

Fernandes (1996)	Região Sul do Brasil	Distribuição dos elementos do sintagma nominal em função da sua posição e de sua relação com o núcleo; Marcas precedentes; Saliência fônica; Grau dos substantivos e adjetivos; Contexto seguinte; Tonicidade dos itens lexicais.	Níveis de escolarização; Idade; Etnia; Sexo.
Lopes (2001)	Salvador – BA	Saliência fônica; Classe gramatical, a Posição linear e a relativa, associadas; Marcas precedentes e o contexto subsequente.	Escolaridade Faixa etária Etnia
Santos (2010)	Pedro Leopoldo – MG	Elemento não-nuclear do SN: classe gramatical; Ausência e presença de flexão plural.	Sexo Escolaridade Grupo social
Brandão (2011)	PB (Nova Iguaçu – RJ) e PST (São Tomé)	PB: Posição linear e relativa dos constituintes no SN; Processo morfo-fonológico de formação de plural; Animacidade do núcleo. PST: Posição linear e relativa dos constituintes no SN; Animacidade do núcleo; Contexto fonológico subsequente.	PB: Nível de escolaridade; Faixa etária. PST: Nível de escolaridade; Gênero.
Pinheiro (2012)	Belo Horizonte – MG	Paralelismo; Classe gramatical; Saliência fônica; Posição linear.	Escolaridade
Lopes (2014)	Santa Leopoldina – ES	Posição linear e relativa aliada à classe; Saliência fônica; Marcas precedentes; Animacidade amalgamada com grau e formalidade dos substantivos;	Faixa etária Sexo/gênero Escolaridade
Moreira e Vianna (2018)	Nova Iguaçu – RJ	Posição do termo no interior do SN; Localização do SN no interior da oração.	Escolaridade Faixa etária Gênero
Fonseca, Franceschini	Guarapuava – PA	Posição do elemento e classe gramatical aliadas;	Grau de

e Loregian-Penkal (2018)		Marcas precedentes; Saliência fônica e tonicidade aliadas.	escolarização
Martins e Coelho (2019)	Fonte Boa – AM	Elementos não nucleares antepostos ao núcleo; Marcas precedentes a partir da primeira posição; Processos morfo-fonológicos mais salientes; Contexto fonológico subsequente.	Escolaridade Sexo

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Nesta seção, apresentamos os principais resultados de algumas pesquisas que já foram feitas sobre a concordância nominal de número no PB, numa perspectiva variacionista. Essa revisão é importante na medida em que, por meio dela, pudemos selecionar as variáveis linguísticas e sociais que seriam testadas em nosso estudo, tendo em vista, também, que um dos objetivos a que nos propomos é estabelecer comparações entre esses resultados e os que encontramos em nossa análise, com os dados de Montes Claros – MG.

A seguir, na seção 1.5, discutimos sobre os nomes gerais.

1.5 Nomes gerais

Os nomes gerais constituem uma categoria especial de nomes cuja principal característica é o pouco conteúdo semântico, ou seja, são elementos que possuem uma escassa determinação do conteúdo, vinculando uma intensão mínima. Por outro lado, no que tange à referencialidade, possuem uma extensão máxima, já que esses nomes têm uma ampla capacidade de denotação (KOCH e OESTERREICHER, 2007 [1990]). Dessa maneira, há uma grande importância não somente do contexto, mas do contexto comunicativo em que tais nomes são usados para que o referente possa ser recuperado. A seguir, os exemplos de (64) a (67), extraídos de Amaral e Ramos (2014), evidenciam usos dos nomes gerais *coisa*, *negócio*, *trem* e *pessoal*, na língua falada.

(64) foi muito bom pra mim principalmente a... parte de psicologia didática essas **coisa** sabe? (CMP) (p. 54)

(65) a gente nunca mais saiu nesse **negócio** dos bloco (ARC) (p. 67)

- (66) jogava os **trem** da véia tudo pô terrero (PRG) (p. 78)
- (67) o **pessoal** ainda comenta... e vai passano de geração em geração (PRC) (p. 92)

No exemplo (64), o elemento *coisa* vem acompanhado pelo demonstrativo anafórico *essas*, que realiza uma retomada referencial. Em (65), o nome geral *negócio* é acompanhado pelo demonstrativo *esse* e modificado pela locução adjetiva *dos bloco*, estabelecendo uma relação catafórica. No contexto em análise, do ponto de vista morfossintático, essa locução é imprescindível para se compreender o referente do NG no sintagma.

Em (66), o nome geral também vem acompanhado de um sintagma preposicionado em função de adjunto adnominal que estabelece uma relação de posse. O contexto da frase nos leva a acreditar que o nome *trem* faz referência a objetos que pertencem a uma pessoa que é velha. No exemplo (67), observamos o uso de um nome geral para referência a seres humanos, *pessoal*, mas não é possível, no nível da frase, identificarmos um referente para esse nome, de maneira que é necessário recorrer a um contexto maior ou a informações extralinguísticas, ou seja, o nome *pessoal* é elemento de uma das estratégias de indeterminação do sujeito (OLIVEIRA, 2018).

Os nomes gerais têm sido analisados sob diferentes perspectivas teóricas: na linguística textual, focando nos processos de coesão lexical (HALLIDAY e HASAN, 1976); na linguística de *corpus* (MAHLBERG, 2003; BENNINGHOVEN, 2018); nos estudos de gramaticalização e pronominalização (MIHATSCH, 2017; AMARAL e MIHATSCH, 2019) e num viés sociolinguístico (AMARAL e RAMOS, 2014). Essa última perspectiva é a que adotamos para a nossa pesquisa sobre a concordância nominal de número em dados orais de Montes Claros – MG, visto que o nosso interesse consiste em verificar se os nomes gerais constituem elementos propulsores ou não da aplicação da regra variável de concordância.

Os nomes gerais foram estudados de modo mais sistematizado pela primeira vez por Halliday e Hasan (1976). No capítulo 6 da obra, que trata da coesão lexical na língua inglesa, os autores fazem menção aos *general nouns* (*substantivos gerais*), considerando-os como elementos importantes para a construção da coesão dos textos, pois apresentam um comportamento que se assemelha ao de pronomes e os distancia dos nomes comuns (HALLIDAY e HASAN, 1976).

Desse modo, para esses autores, os nomes gerais representam um caso limítrofe entre o léxico e a gramática, já que estão entre um sistema fechado, com traços de um item gramatical, ou aberto, funcionando como um item lexical. Propõem, ainda, que esses nomes têm referência generalizada e possuem traços mínimos de significado, conforme apresentamos no quadro 5, juntamente com o conjunto de nomes gerais proposto por Halliday e Hasan (1976) e suas possíveis traduções para a língua portuguesa.

Quadro 5 - Conjunto de nomes gerais proposto por Halliday e Hasan (1976)

Nomes gerais	Possíveis traduções para o português	Traços semânticos propostos pelos autores
<i>people</i>	peessoas/ pessoal / povo	humano
<i>person</i>	peessoa	
<i>man</i>	homem	
<i>woman</i>	mulher	
<i>child</i>	criança	
<i>boy</i>	garoto / rapaz / menino / moço	
<i>girl</i>	garota / menina / moça	
<i>creature</i>	criatura	
<i>thing</i>	coisa	inanimado concreto
<i>object</i>	objeto	
<i>stuff</i>	substância	inanimado concreto contínuo
<i>business</i>	negócio	inanimado abstrato
<i>affair</i>	caso / questão / assunto	
<i>matter</i>	matéria / assunto / questão / substância	
<i>move</i>	movimento	ação
<i>place</i>	lugar / local / localidade	lugar
<i>question</i>	questão / problema / assunto	fato
<i>idea</i>	ideia / conceito / noção	

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Francis (2003), ao lidar com a análise de coesão no âmbito da linguística textual, considera que os nomes gerais possuem uma grande semelhança com rótulos retrospectivos, já que estes têm a função de “encapsular ou empacotar uma extensão do discurso” (p. 195). O uso desses rótulos exige uma realização lexical ou lexicalização, pois se trata de “um elemento nominal inerentemente não específico cujo significado específico no discurso necessita ser precisamente decifrado” (p. 192).

Conforme o referido autor, “os nomes nucleares de rótulos retrospectivos são quase sempre precedidos de um dêitico específico, como *o, este, aquele, esse* ou *tal*, e podem ter outros modificadores e qualificadores também” (FRANCIS, 2003, p. 196). Nesse sentido, os nomes gerais também exercem esse papel, visto que, com o auxílio desses dêiticos, têm a propriedade de retomar e resumir um conjunto de informações apresentadas anteriormente. Os exemplos (68) – (70), retirados do trabalho de Oliveira (2016), evidenciam o uso dos nomes *coisa, negócio, trem* como rótulos retrospectivos.

(68) eu cumecei a trabalhar como auxiliar administrativo... aí só que eu nem sabia o que que era assistente social né? eu fazia o trabalho pra assistente social lembro que era do istado... ela veio pra cá emprestada... eu ia fazeno **as coisa** aí eu cumecei a gostar daquilo (CTE 27) (p. 534)

(69) lá eles não come verdura igual a gente... **o negócio** deles é... arroz... feijão... farinha carne e tumate alface... (CTE 24) (p. 540)

(70) eu... eu go/ eu vô sempe nessa de sete de setembo/ eu subo a pé... o pessoal sobe a serra... aí faz promessa... **esses trem**... (CTE 17) (p. 542)

Esses exemplos revelam que os nomes gerais podem, de fato, contribuir com a coesão lexical do texto, funcionando, nesse caso, como formas encapsuladoras (FRANCIS, 2003).

Mahlberg (2003), sob a perspectiva da Linguística de Corpus, trata de alguns nomes gerais na língua inglesa e coloca em análise a maneira como essas palavras podem funcionar sendo suportes textuais. De acordo com essa perspectiva, a função de suporte está relacionada às maneiras como os substantivos gerais são usados com o intuito de apresentar informações de forma apropriada em um determinado contexto.

Em síntese, Mahlberg (2003) discute três aspectos relacionados a essa função de substantivo suporte: dar ênfase, como no exemplo (71), adicionar informações de passagem, como em (72), e fornecer uma introdução, exemplo (73). Extraímos os

exemplos a seguir do trabalho citado, em que o substantivo suporte *homem* desempenha tais funções textuais. Vale ressaltar que esses casos são de interpretação específica.

- (71) (BoE) Sem dúvida, seria demais esperar que os fãs dos Spurs expressassem repentinamente uma doçura por Alan Sugar, **um homem** que foi submetido a mais abusos e mensagens de ódio do que o molestador de crianças¹² (p. 102).
- (72) (BoE) E, é claro, onde há mulheres (primeiro ou não), há George Hamilton. **O homem** com pele de galinha tikka vai a Londres neste sábado para um show no British Line Dancing Championships na Wembley Arena¹³ (p. 103).
- (73) (BNC) **O homem** que desempenhou esse papel foi Norman Lumsden, e [. . .]¹⁴ (p. 104)

Para a realização do seu estudo, Mahlberg (2003) considera que os nomes gerais são substantivos relativamente frequentes na língua e que cumprem várias funções textuais. A autora justifica que essa definição deriva da análise de dados de linguagem natural, análise esta a que se propõe no referido trabalho. Enfim, um substantivo cumpre a função de suporte se ocorre em uma construção onde não contribui muito com o significado factual, mas ajuda a apresentar informações de acordo com as necessidades comunicativas do falante / escritor e ouvinte / leitor, que é o caso dos nomes gerais (MAHLBERG, 2003).

Benninghoven (2018) também analisou os nomes gerais na perspectiva da Linguística de Corpus. A autora tomou o conjunto de dezoito nomes proposto por Halliday e Hasan (1976) e os analisou num conjunto de dados do inglês britânico. Benninghoven (2018) lidou com um *corpus* de 300 mil palavras, sendo uma parte constituída de textos falados (debates parlamentares e conversação), e a outra de textos escritos (sentenças jurídicas e manifestos políticos).

Benninghoven (2018) apresenta uma matriz funcional para análise dos nomes gerais. Para a autora, esses nomes somente podem ser determinados a partir de uma relação entre o *cotexto*, o ambiente linguístico, e o *contexto*, que se refere a aspectos

¹² No original: (BoE) IT would doubtless be too much to expect Spurs fans to suddenly express a sweetness for Alan Sugar, a man who's been subjected to more abuse and hate mail than the average child molester (p. 102). A tradução desta e das demais notas é de nossa autoria.

¹³ No original: (BoE) And, of course, where there's ladies (First or otherwise), there's George Hamilton. The man with the chicken tikka complexion pitches up in London this Saturday for a gig hosting the British Line Dancing Championships at Wembley Arena. (p. 103)

¹⁴ No original: (BNC) The man who played that part was Norman Lumsden, and [. . .] (p. 104)

situacionais. Quando considerados nesses dois contextos, tais nomes podem carregar grandes cargas semânticas de informação.

Assim, Benninghoven (2018) propõe uma associação entre parâmetros sintáticos e semânticos para a análise dos nomes gerais. O parâmetro sintático verifica se o nome é + *modificado* ou – *modificado*, ou seja, se é um nome simples ou complexo, dependendo do seu grau de modificação que é estabelecido por meio de palavras, frases, orações, o que permite uma descrição mais detalhada e precisa. Por outro lado, o parâmetro semântico examina se o nome é + *ligado/relacionado* ou – *ligado/relacionado*, determinando se o nome geral estabelece ligações semânticas entre *cotexto* e *contexto*.

Conforme Oliveira (2016), os nomes gerais são importantes no processo interacional, já que funcionam como suportes linguísticos. A autora apresenta três finalidades para o uso desses nomes:

[...] não perder tempo procurando na memória um termo conveniente para se referir à entidade pensada por ele (FULGÊNCIO, 1983); como artifício para evitar que um referente de significado incômodo seja verbalizado, evitando, talvez, constrangimentos; e dar possibilidade de afastamento e inespecificidade de forma interacional (OLIVEIRA, 2016, p. 528).

Nesse viés, os nomes gerais possuem uma vasta funcionalidade no que tange ao seu uso na linguagem, sendo, portanto, importantes no processo comunicativo. Para Oliveira (2016), devido à flexibilidade de uso desses nomes, eles são utilizados tanto na fala como na escrita e tornam-se muito úteis e frequentes em processos anafóricos na elaboração de textos falados ou escritos.

Diante disso, retomamos o pensamento inicial de Halliday e Hasan (1976), quando pesquisaram mais a fundo os substantivos gerais (*general nouns*). Para esses autores, esses nomes são importantes para a articulação das cadeias coesivas dos textos, assemelhando-se aos pronomes, já que possuem essa propriedade de referenciação no uso da língua. Sendo assim, para que os nomes gerais produzam sentido em um enunciado linguístico, faz-se necessária uma série de associações desses nomes com outros elementos que estão inseridos na mesma sentença, bem como com o contexto extralinguístico do qual emergiram.

Gross (2009), ao tratar do estatuto sintático dos substantivos humanos no francês, afirma que alguns deles não podem funcionar em posição atributiva, como em (62) e (63). Nesse caso, o autor inclui os nomes *gens* e *type* (*pessoas e cara*) e apresenta algumas

propriedades desses nomes as quais evidenciam que “esses substantivos não são predicativos e devem ser considerados como representantes muito gerais da classe de seres humanos, igual *coisa* é para os concretos”¹⁵ (p. 3).

Em síntese, isso quer dizer que, no nível da sintaxe, os nomes gerais precisam ser acompanhados de outro elemento com função predicativa para que funcionem no enunciado, como em (76) e (77). O autor afirma que esses nomes não são qualificadores e podem, ainda, ser substituídos por pronomes indefinidos, como nos exemplos (78) e (79), em que *alguém* pode ser substituído por *pessoa* nem nenhum tipo de prejuízo semântico.

- (74) Paul é um **cara**.
- (75) Os pobres são **pessoas**.
- (76) Pierre é um **cara simpático**.
- (77) Meu vizinho é um **cara incrível**.
- (78) Pierre é **alguém simpático**.
- (79) Meu vizinho é **alguém incrível**. (GROSS, 2009, p. 2-3, trad. nossa)

Schmid (2000) analisa determinados elementos na língua inglesa e os denomina *shell nouns*, dentre eles, alguns que se identificam com os nomes gerais. A justificativa do autor para a criação desse termo deriva do reconhecimento de que os “os substantivos concha são usados pelos falantes para criar conchas conceituais para partes complexas e elaboradas de informações”¹⁶ (p. 6). Ainda considera que esses nomes pertencem ao grupo dos mais utilizados na língua e que essa vasta utilização acontece porque “são ferramentas linguísticas e conceituais surpreendentemente versáteis e poderosas”¹⁷(p. 7). Conforme o autor, dum conjunto de 225 milhões de palavras do inglês britânico, *thing* (coisa) e *idea* (ideia) estão entre os 100 nomes mais recorrentes, sendo que *thing* possui 356 ocorrências por milhão (SCHMID, 2000).

¹⁵ No original: “ces substantifs sont non prédictifs et doivent être considérés comme des représentants très généraux de la class des humains, comme *chose* l’est des concrets” (p. 3).

¹⁶ No original: “shell nouns are used by speakers to create conceptual shells for complex and elaborate chunks of information” (p. 6).

¹⁷ No original: “they are surprisingly versatile and powerful linguistic and conceptual tools” (p. 7).

Mihatsch (2017) trata de nomes gerais utilizados na referência a seres humanos, como *pessoa* e *indivíduo*, a partir dos pressupostos da gramaticalização. Segundo a autora, esses nomes “servem de suporte de quantificação e podem, sob certas condições, substituir os pronomes indefinidos”¹⁸ (MIHATSCH, 2017, p. 67). Dessa forma, esses itens adquirem propriedades gramaticais e transitam, portanto, entre o léxico e a gramática.

Amaral e Mihatsch (2019), por exemplo, analisam pronomes impessoais incipientes no português brasileiro coloquial baseados nos itens *pessoa*, *peçoal* e *povo*, na perspectiva da gramaticalização. A partir de dados de julgamentos de aceitabilidade e de *corpora* oral e escrito, os autores analisam as propriedades morfossintáticas e referenciais desses nomes e investigam em que medida tais elementos impessoais percorrem os caminhos conhecidos da gramaticalização.

Amaral e Ramos (2014) analisam as propriedades estruturais, textuais, discursivas e sociolinguísticas que os nomes gerais possuem. Segundo os autores, esses nomes podem ou não estar acompanhados por determinantes; não exibem flexões morfológicas convencionais, como gênero e número; e, em algumas línguas, são a base para a formação de pronomes. “Em duas línguas de Uganda, por exemplo, o nome para ‘pessoas’ se desenvolveu para pronome pessoal anafórico de terceira pessoa ‘eles’” (HELSING, 2004, p. 218 *apud* HEINE; SONG, 2011, p. 597). Outro caso é a forma *kee* na língua asiática quemer, como substantivo *pessoa* e usado como pronome de terceira pessoa e como pronome indefinido (HEINE; SONG, 2011).

A partir da análise de dados orais, Amaral e Ramos (2014) verificam que os nomes gerais favorecem a não marcação de concordância de número no SN, de maneira que o traço morfológico {s} tende a aparecer mais frequentemente no elemento determinante, como nos exemplos abaixo, extraídos da obra citada.

- (80) nunca cometi crime nunca fui chamado na delegacia nunca... **outras coisa** não... (p. 44)
- (81) naquele tempo lá **as pessoa** que era mais pobre assim num istudava (p. 94)
- (82) [...] essas dona que faz **aquês negoço** de barro de madeira né? (p. 65)
- (83) ela que tem que dá conta **dos trem** tudo... eu cuida da roça né... (p. 80)

¹⁸ No original: “servent de support de quantification et de modification et peuvent, sous certaines conditions, remplacer des pronoms indéfinis” (p. 67).

Portanto, consideramos pertinente verificar, por meio desta pesquisa, a influência ou não desses nomes na análise do fenômeno variável da concordância nominal de número em dados orais da cidade de Montes Claros – MG, tendo-se em vista, também, que Scherre (1988) já havia verificado um certo grau de influência desses nomes na análise da concordância no PB, ao tratar da animacidade e do grau de formalidade dos substantivos no SN.

Diante do que discutimos nesta seção, podemos perceber que os nomes gerais têm se revelado um objeto de pesquisa linguística em diferentes perspectivas teóricas, como os estudos de coesão lexical e da gramaticalização. Diferentes metodologias também vêm sendo utilizadas no tratamento desses nomes, como a da Linguística de Corpus e a da Teoria da Variação e Mudança, sendo esta adotada por nós nesta pesquisa.

2 METODOLOGIA

No presente capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos que adotamos para o desenvolvimento da nossa pesquisa. Inicialmente, apresentamos algumas informações relacionadas ao perfil e à história da cidade de Montes Claros – MG, comunidade de fala que escolhemos para o estudo. Em seguida, explicamos o processo de constituição do *corpus*, o que inclui os critérios de seleção dos informantes, a maneira como realizamos as gravações das entrevistas, e a forma como registramos e tratamos os dados para análise estatística. Por fim, apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes internas e externas que selecionamos para o nosso estudo, justificando essas escolhas a partir de outras pesquisas já concluídas sobre o fenômeno em estudo no âmbito da Sociolinguística Variacionista.

2.1 A comunidade de fala

Como já exposto anteriormente, tomamos como objeto de análise o fenômeno variável da concordância nominal de número em dados orais do município de Montes Claros – MG. Para isso, adotamos os procedimentos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008, [1972]; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]), já que “seu objetivo é descobrir quais mecanismos que regulam a variação, como ela interage com outros elementos do sistema linguístico e da matriz social em que ocorre” (COELHO *et al.*, 2016, p. 17).

Montes Claros, a comunidade de fala que selecionamos para a realização da pesquisa, é uma cidade localizada no interior de Minas Gerais, também conhecida popularmente como “Princesa do Norte”. De acordo com dados do IBGE (2020), Montes Claros tem hoje uma população estimada em 413.487 habitantes e possui uma extensão territorial de 3.589,811 km², sendo considerada a maior cidade do Norte de MG.

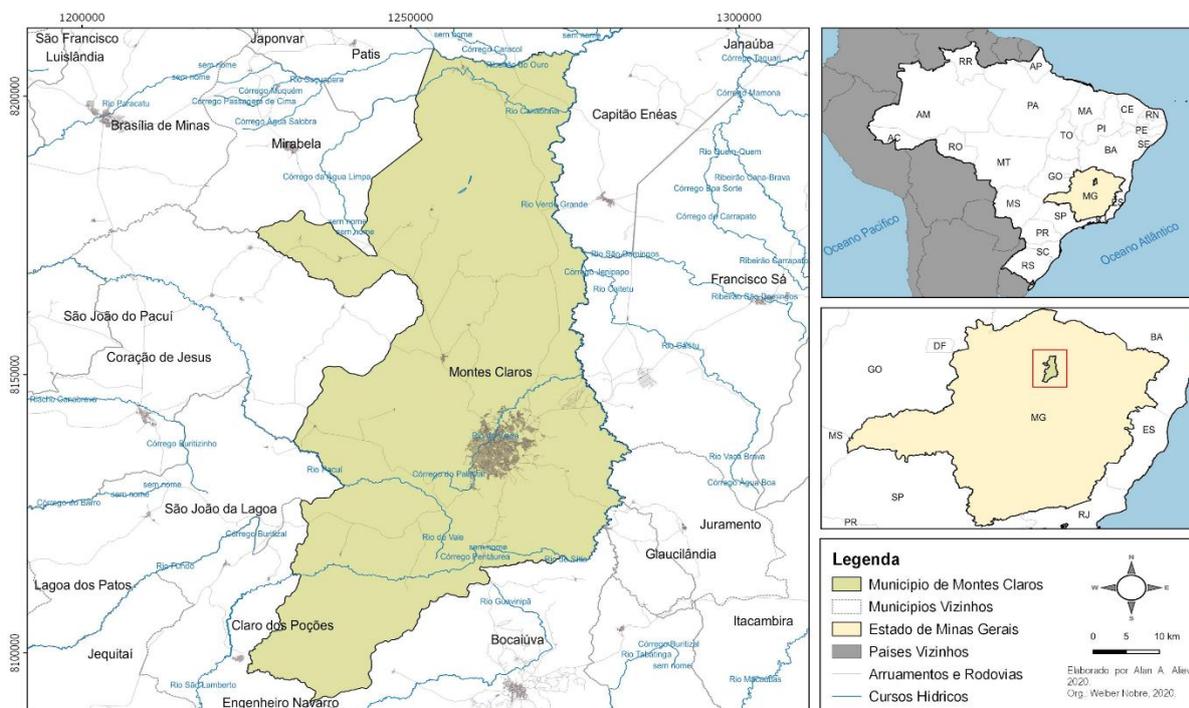
Conforme mencionamos na introdução deste estudo, escolhemos Montes Claros para a realização da pesquisa em função da escassez de estudos sociolinguísticos que tratam da língua falada nesse município. Junto a isso, soma-se o fato de que o fenômeno em estudo, a concordância nominal de número, ainda não havia sido investigado em dados orais do Norte de Minas, o que também despertou o nosso interesse por fornecer uma contribuição acadêmica nesse sentido. A seguir, traçamos um breve panorama acerca do

perfil social de Montes Claros, tendo em vista a importância desse perfil para uma pesquisa no âmbito da Sociolinguística Variacionista.

Atualmente, Montes Claros é vista como um polo de desenvolvimento da região norte do estado e exerce notória influência sobre as demais cidades da região e do sul da Bahia, já que desempenha um importante papel na condição de centro urbano comercial, industrial e de prestação de serviços¹⁹. Além disso, é considerada uma cidade universitária, já que conta com a UNIMONTES, uma universidade pública que vem contribuindo de modo significativo para o desenvolvimento social, cultural e econômico do município; e com um campus da UFMG, além do funcionamento de várias instituições de ensino superior particulares.

Desse modo, o trabalho dessas instituições de ensino superior no município tem sido fator decisivo para que a cidade se desenvolva, visto que muitas pessoas de todo o país, principalmente no norte de Minas, saem de suas cidades para estudar em alguma delas, o que gera grande movimentação no município em vários aspectos, como econômico e cultural, por exemplo. Na figura 1, apresentamos um mapa com a localização de Montes Claros.

Figura 1 - Localização de Montes Claros – MG



Fonte: o autor. **Elaboração:** Alan. A. Alievi.

¹⁹ As informações que apresentamos acerca do perfil social de Montes Claros foram retiradas do Portal Montes Claros e dos dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A economia de Montes Claros é originalmente voltada para a agricultura e pecuária. Recentemente, vem passando por algumas transformações advindas dos incentivos fiscais e financeiros concedidos pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o que levou ao estabelecimento de indústrias reconhecidas nacional e internacionalmente no município, como a Coteminas, Elster Medição de Água S.A, Lafarge, Nestlé, Novo Nordisk e Vallée S.A. Além desse aspecto, o setor comercial na cidade tem crescido de modo acelerado, incluindo lojas, bares, lanchonetes e restaurantes, por exemplo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, 2010).

Na área da saúde, Montes Claros é uma referência regional, já que possui uma ampla rede de hospitais, consultórios e clínicas médicas, além de laboratórios que oferecem os mais diversos tipos de análises. A cidade conta com 15 centros de saúde na Zona Urbana e 8 postos de saúde distribuídos nos distritos pertencentes à Zona Rural. A saúde, o saneamento básico e a disponibilidade de energia elétrica, em crescente aplicação e em boas condições, resultam em IDH em torno 0,77 (IBGE, 2010).

A cidade apresentou, no primeiro trimestre de 2018, um crescimento significativo na quantidade de empregos formais, sendo o comércio e a prestação de serviços os principais responsáveis por essa melhoria. Segundo dados do SEBRAE, no ano de 2017, excluído o setor industrial, em Montes Claros foram gerados 788 empregos, o que classifica a cidade em sexto lugar de Minas em geração de emprego, ficando atrás de Belo Horizonte, Betim, Uberlândia, Patos de Minas e Iturama (SEBRAE, 2018). Nesse cenário, vale ressaltar a grande contribuição das micro e pequenas empresas, pois elas foram as principais criadoras dos postos de trabalho oferecidos.

Dados do CAGED/MTE ainda mostram que Montes Claros possuía, em janeiro/2018, em torno de 17 mil empreendimentos formais. Dados do SEBRAE revelam que em 2017 o município tinha 101.744 pessoas com emprego formal. Aparentemente parece pouco para uma cidade com população em torno de 400 mil habitantes. Entretanto, há que se ressaltar o importante papel que desempenha a economia informal do município. Embora sem números precisos, sabe-se da existência e atuação de um imenso contingente de pequenos empreendedores e trabalhadores informais em pequenos negócios, cuja mão-de-obra, familiar ou contratada, se faz presente no dia a dia.

Dados levantados pelo IBGE (2010) apontam que a taxa de escolarização em Montes Claros para a faixa etária entre 6 e 14 anos de idade é de 98,4%. O IDEB para os anos iniciais do ensino fundamental de 2017 (rede pública de ensino) é de 6,4; e os anos

finais da mesma etapa de ensino receberam nota 4,5. Conforme dados do IBGE (2018), Montes Claros tem 149 instituições de ensino fundamental e 55 de ensino médio.

2.2 A história de Montes Claros – MG

Conforme dados do IBGE, a história de Montes Claros se inicia em 1768, a partir da expedição Espinosa – Navarro, que reuniu doze homens, talvez espanhóis e portugueses. Ao que parece, essa foi a primeira expedição a adentrar as terras que hoje pertencem ao Norte de Minas Gerais e tinha como principal objetivo a busca por pedras preciosas nessa terra que era habitada pelos índios anais e tapuias (IBGE, 2010).

Segundo o IBGE (2010), tais bandeirantes partiram de São Paulo com o objetivo de explorar o sertão do Norte da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, sob o comando do governador das esmeraldas, Fernão Dias Pais. Dessa mesma expedição, faziam parte Antônio Gonçalves Figueira e Matias Cardoso, que, seduzidos pela fertilidade do Sertão Mineiro, investiram no território por meio da colonização de índios e construção de fazendas, que posteriormente se tornaram cidades.

A partir desse processo de exploração no Norte de Minas, formaram-se três fazendas: Jaíba, Olhos d'Água e a Fazenda Montes Claros, sendo que esta se localizava nas cabeceiras do Rio Verde e próxima a montes formados por Xistos Calcários, com pouca vegetação. Esse fato ocorreu no início do século XVIII, quando, em 1707, Antônio Gonçalves Figueira, por meio de um alvará, obteve uma sesmaria que possibilitou a constituição dessa fazenda cujo nome era Fazenda Montes Claros (IBGE, 2010).

Ainda conforme o IBGE (2010), depois desse processo, surgiu o povoado que levava o nome de Formigas. Gonçalves Figueira, com o intuito de alcançar mercado para o gado, construiu estradas para Tranqueiras na Bahia e para o Rio São Francisco, pois era grande o seu interesse na expansão do comércio nesse setor. Com esse objetivo, procurou estabelecer conexão ao Rio das Velhas e, também, à Pitangui e Serro. Esse fator fez com que a região fosse se povoando e a Fazenda de Montes Claros se transformasse no maior centro comercial de gado do Norte de Minas Gerais.

Após 124 anos em que Antônio Gonçalves Figueira havia recebido a doação de terra que possibilitou a construção da Fazenda Montes Claros, ou seja, em 13 de outubro de 1831, o Arraial de Nossa Senhora de Conceição e São José das Formigas, nome que recebeu depois, por meio da atuação de líderes políticos, tornou-se Vila de Montes Claros de Formigas. Em 3 de julho de 1857, pela lei provincial n.º 802, essa vila se tornou cidade,

com a denominação de Montes Claros. Hoje, depois de 163 anos, Montes Claros se tornou um grande polo de desenvolvimento no Norte de Minas Gerais (IBGE, 2010).

Tendo traçado um breve histórico da cidade de Montes Claros e apresentado algumas características básicas em relação ao seu perfil, apresentamos, a seguir, algumas imagens atuais de pontos turísticos da cidade de Montes Claros, lugares que são muito importantes para a cultura montes-clarense e para a constituição histórica do município.

Figura 2 - Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José em Montes Claros



Fonte: arquivo pessoal (2020).

Na figura 2, temos uma foto da Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José, a igreja mais antiga de Montes Claros, localizada na Praça Doutor Chaves, região central. Essa matriz foi fundada em 1832 e sua construção teve início em 1859. Hoje, é um patrimônio histórico de Montes Claros e possui um grande valor social e religioso para os moradores do município, já que essa igreja está localizada justamente na região onde a cidade começou a ser formada e é um lugar onde eventos religiosos tradicionais acontecem anualmente, como a festa do pequi e as festas de agosto (PORTAL MONTES CLAROS, 2005).

Figura 3 - Corredor cultural de Montes Claros



Fonte: arquivo pessoal (2020).

Na figura 3, temos uma foto do corredor cultural de Montes Claros, onde se situa o Museu Regional do Norte de Minas e o Instituto Histórico de Montes Claros, assim como os casarões mais antigos da cidade. É um lugar muito frequentado pelos turistas e pelas pessoas do município, também. Atualmente, esse espaço oferece várias atividades culturais: serestas, feiras, exposições, barzinhos, livrarias, lojas de antiguidades, sebos e outros (O NORTE DE MINAS, 2017).

Figura 4 - Catedral Metropolitana de Montes Claros



Fonte: arquivo pessoal (2020).

Na figura 4, apresentamos a Catedral Metropolitana de Montes Claros, localizada na Praça Pio XII, Centro de Montes Claros. A sua construção foi concluída em 1950 e se trata de um patrimônio histórico muito importante para a cidade, visto que foi tombado por meio de um decreto municipal em 28 de setembro de 1999 (PORTAL MONTES CLAROS, 2005).

Figura 5 - Mercado Central de Montes Claros

Fonte: arquivo pessoal (2020).

Por meio da figura 5, podemos visualizar a parte interna do Mercado Central de Montes Claros. Sua inauguração aconteceu em 2 de setembro de 1899 e está localizado no Centro da cidade, sendo um dos pontos turísticos mais visitados do Norte de Minas. Hoje conta com cerca de 290 boxes, incluindo bares, restaurantes, lojas de artesanato e mercearias, além de bancas de temperos, legumes, verduras, açougues, peixarias e a farmácia popular. O Mercado Central Christo Raeff, como hoje é nomeado, também possui uma grande importância para a economia do município, já que gera muitos empregos e fonte de renda para muitas famílias locais e regionais (PORTAL MONTES CLAROS, 2015).

Figura 6 - Parque Municipal Milton Prates em Montes Claros



Fonte: arquivo pessoal (2020).

Na figura 6, apresentamos um dos mais importantes cartões postais de Montes Claros, o Parque Municipal Milton Prates, inaugurado em primeiro de maio de 1969 e está localizado no bairro Morada do Parque. Trata-se de um dos lugares mais escolhidos pelas pessoas para a realização de ensaios fotográficos e passeios ao ar livre. Em 2019, o parque comemorou meio século de funcionamento (O NORTE DE MINAS, 2019).

Figura 7 - Lagoa da Pampulha em Montes Claros



Fonte: arquivo pessoal (2020).

Na figura 7, temos a lagoa da Pampulha em Montes Claros, localizada no bairro Guarujá. Hoje, também é considerada como um dos pontos turísticos do município, já que, no seu entorno, há vários restaurantes, bares, lanchonetes e academias. Muitos moradores têm o hábito de fazer atividades físicas na orla da lagoa, como corridas, pedaladas, além de passeios com família e amigos.

2.3 A seleção dos informantes

Para Coelho *et al.* (2015), mais do que o indivíduo, o que interessa ao sociolinguista é o grupo social. Desse modo, para alcançar esse grupo social, é necessário que o pesquisador escolha informantes que sejam representativos da comunidade de fala da qual fazem parte, já que muitas dessas comunidades são compostas por centenas ou até mesmo por milhões de indivíduos, o que leva o pesquisador a coletar dados referentes ao comportamento linguístico de alguns dos seus componentes, fator que não pode ser visto como uma limitação à pesquisa sociolinguística (COELHO *et al.*, 2015). Os autores ainda afirmam:

Quanto ao tamanho da amostra, as pesquisas sociolinguísticas têm apontado que não há necessidade de amostras tão grandes como as usadas em outras pesquisas de natureza social (de intenções de voto, por exemplo) para se analisar fenômenos variáveis, uma vez que o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca de outros fatos [...]. No que diz respeito à estratificação da amostra, é preciso considerar as dimensões sociais relevantes para a variação, pois elas vão se refletir no tamanho e na constituição da amostra, isto é, na constituição das células sociais (COELHO *et al.*, 2015, p. 100-101).

Conforme os autores, uma célula social é “um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para a análise de fenômenos de variação e mudança linguística” (COELHO *et al.*, 2015, p. 101), sendo que tais escolhas não são aleatórias, mas condicionadas a critérios pré-estabelecidos, tendo-se em vista os fatores que têm se mostrado relevantes nos estudos sociolinguísticos, como o sexo²⁰, o gênero e a escolaridade, que são as variáveis extralinguísticas que optamos por testar em nosso estudo e que discutiremos mais detalhadamente na seção 2.9.

Portanto, tomando como base essa proposta de estratificação da amostra por meio de células sociais, selecionamos 24 informantes residentes do município de Montes Claros e que tenham morado nesta cidade durante a maior parte de suas vidas. Desse total, 18 nasceram e foram criados em Montes Claros e apenas 6 nasceram em outras cidades, mas atendem ao critério de morar no município durante a maior parte da vida. No quadro 6, apresentamos a estratificação da amostra, isto é, a distribuição de informantes por variáveis extralinguísticas.

Quadro 6 - Distribuição dos informantes por variáveis extralinguísticas

Escolaridade	Ensino Fundamental		Ensino Superior	
	M	F	M	F
Idade				
18-25 anos	2	2	2	2
30-45 anos	2	2	2	2
Acima de 50 anos	2	2	2	2
Total	6	6	6	6
Total geral: 24				

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

²⁰ Nesta dissertação, não lidaremos com questões relacionadas a gênero. Por isso, utilizamos a denominação sexo (masculino ou feminino).

Vale ressaltar que tivemos um certo grau de dificuldade para localizar informantes somente com ensino fundamental (completo ou incompleto), principalmente com a idade entre 18 e 25 anos. Esse fator pode ser relacionado aos números fornecidos pelo IBGE (2010) para o índice de escolarização no município, que é de 98,4%. Também notamos certa dificuldade na localização de informantes acima de 50 anos que nasceram em Montes Claros. Muitos moradores com os quais tivemos contato são naturais de outras cidades da região e se mudaram para Montes Claros quando eram crianças ou no início da fase adulta.

A seguir, no quadro 7, descrevemos o perfil social dos informantes,²¹ considerando os fatores sociais que analisamos nesta pesquisa: sexo, idade e escolaridade.

Quadro 7 - Perfil social dos informantes

Identificação do informante	Sexo	Idade	Escolaridade
MOC 1 - T.A	M	31 anos	Ensino superior – Geografia
MOC 2 - J.B	M	25 anos	Ensino superior – Educação Física
MOC 3 - E.M	F	23 anos	Ensino superior – Educação Física
MOC 4 - M.V	F	62 anos	Ensino superior – Geografia
MOC 5 - B.F	F	23 anos	Ensino superior – Psicologia
MOC 6 - L.V	F	33 anos	Ensino superior – Letras Português
MOC 7 - A.R	M	25 anos	Ensino superior – Engenharia Civil
MOC 8 - A.T	M	65 anos	Ensino fundamental completo
MOC 9 - M.E	F	59 anos	Ensino fundamental incompleto
MOC 10 - A.P	M	33 anos	Ensino superior – Direito
MOC 11 - S.A	F	45 anos	Ensino superior – Administração

²¹ Conforme as normas atuais de pesquisas que lidam com seres humanos (Resolução do Conselho Nacional de Saúde N.º 510/2016), usa-se *participante*, e não *informante*. No entanto, neste trabalho, fizemos a opção por utilizar a denominação *informante*, visto que tradicionalmente é a que vem sendo utilizada na maioria dos estudos sociolinguísticos.

MOC 12 - M.S	F	59 anos	Ensino fundamental incompleto
MOC 13 - A.J	F	37 anos	Ensino fundamental incompleto
MOC 14 - M.D	M	20 anos	Ensino fundamental em curso (9º ano)
MOC 15 - B.E	F	18 anos	Ensino fundamental em curso (9º ano)
MOC 16 - M.R	M	25 anos	Ensino fundamental em curso (9º ano)
MOC 17 - M.N	F	25 anos	Ensino fundamental em curso (8º ano)
MOC 18 - L.F	M	37 anos	Ensino fundamental completo
MOC 19 - J.F	M	59 anos	Ensino fundamental incompleto
MOC 20 - J.M	F	30 anos	Ensino fundamental em curso (8º ano)
MOC 21 - J.H	M	65 anos	Ensino superior completo – Geografia
MOC 22 - G.M	M	42 anos	Ensino fundamental completo
MOC 23 - D.T	M	71 anos	Ensino superior – Direito
MOC 24 - L.M	F	54 anos	Ensino superior – Matemática

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

2.4 A gravação e o registro dos dados

Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 103), “a melhor forma de coletar bons dados [...] é a gravação de entrevistas individuais, procurando sempre minimizar a interferência de ruídos externos”. Para os autores, os dados mais interessantes são aqueles que surgem das narrativas de experiências pessoais. No entanto, em meio à coleta desses dados por meio de entrevistas gravadas, tem-se o paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]), isto é, de que maneira é possível coletar o vernáculo numa entrevista em que o falante sabe que está sendo observado.

Sendo assim, como técnica de coleta de dados, realizamos gravações de entrevistas individuais conduzidas por um roteiro previamente elaborado (APÊNDICE C), em que o falante foi motivado a participar de um diálogo cujos tópicos são: dados pessoais e família, infância, cidade e país, opiniões, experiências pessoais, religião, sobrenatural e aspirações.

Gravamos as entrevistas num local de preferência do informante, observando se esse local permitiria uma gravação de qualidade. Como instrumento para as gravações, usamos um aparelho de celular Moto G7 Play, de modo que o uso desse aparelho, e não de um gravador convencional, foi uma estratégia adotada por nós no sentido de deixar o informante mais à vontade, já que se trata de uma tecnologia bastante presente na vida das pessoas. Além disso, o celular que utilizamos possui uma boa qualidade acústica, fator primordial na realização de pesquisas sociolinguísticas.

Antes de cada gravação, preenchemos a ficha social do informante (APÊNDICE B) e solicitamos ao mesmo que fizesse a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) e o assinasse, autorizando a sua participação na pesquisa e permitindo ou não que as gravações e transcrições sejam publicadas, tendo em vista os princípios éticos que são inerentes à pesquisa que lida com seres humanos, conforme orienta a Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

Após o término das 24 entrevistas, que realizamos presencialmente entre janeiro e julho de 2020, obtivemos um total de 22h32min.38seg. de áudio gravado.

2.5 A técnica da descrição de imagens

Em nossa pesquisa, optamos por acrescentar uma outra técnica para a coleta de dados além das entrevistas: a técnica da descrição de imagens. Além de obtermos uma quantidade maior de dados, partimos da hipótese de que essa técnica poderia, em alguma medida, criar um espaço em que o informante fosse motivado a produzir sintagmas nominais no plural e a usar nomes gerais durante as descrições dos elementos presentes nas imagens.

Para que isso acontecesse, selecionamos seis imagens da internet em que observamos uma mistura de objetos que possuem um maior e menor grau de dificuldade no que tange à sua identificação (APÊNDICE D). Adotamos esse critério para que, ao descrever as imagens, o informante nem sempre conseguisse nomear de maneira precisa

todos os elementos que visualizasse e, conseqüentemente, utilizasse nomes gerais em contextos de plural, já que as imagens que escolhemos propiciam esse uso.

2.6 A transcrição dos dados

Ao concluirmos as gravações, passamos à fase de transcrição das entrevistas, que consiste numa etapa metodológica de fundamental importância na pesquisa sociolinguística. Conforme Paiva (2003, p. 135), o principal intuito de uma transcrição é “transpor o discurso falado, da forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes”, já que “não conseguimos estudar o próprio oral através do próprio oral”. Portanto, para a realização das transcrições, adotamos as normas propostas por Amaral (2000), conforme o quadro 8.

Quadro 8 - Normas adotadas para transcrição das entrevistas

SINAIS	SIGNIFICADO
()	Incompreensão de palavras ou segmentos
/	Truncamento
...	Qualquer pausa
((comentários))	Comentários descritivos do transcritor
“ ”	Discurso direto
[]	Supressão de diferentes segmentos sonoros
(...)	Corte na transcrição
Elevação/abaixamento das vogais pretônicas: (é porque na verdade ela tinha vindo pra cá pra <i>istudar</i> < <i>estudar</i>) ²²	
Vocalização da palatal: (muita gente sem <i>trabaiá</i> < <i>trabalhar</i> e o povo tá levan[d]o a vida do jeito que Deus quer)	
Permuta, apagamento ou inserção de diferentes segmentos: (mais <i>ês</i> < <i>eles</i> tá caçando seu direito); (mais <i>nóis</i> < <i>nós</i> tam[b]ém era maior alegria)	

Fonte: Baseado em Amaral (2000)

²² Os exemplos deste quadro foram retirados do nosso *corpus*.

Ao término das transcrições, obtivemos um *corpus* de 180.348 palavras.

2.7 A preparação dos dados para análise estatística

Depois que concluímos as transcrições das entrevistas, iniciamos a fase de preparação dos dados para análise estatística. Num primeiro momento, extraímos todos os SNs com mais de um elemento em contexto de plural e organizamos esses SNs numa planilha do Excel 2013. Nessa planilha, realizamos a análise não atomística, tomando cada SN como um dado individual, a exemplo do que fez Scherre (1988). Sendo assim, na perspectiva não atomística, analisamos um total de 3.735 dados numa planilha, conforme ilustra o quadro 9.

Quadro 9 – Codificação dos dados – Análise não atomística

Participante	Ocorrência		Aus/pres	Sexo	Idade
MOC 1 - T.A	entr: mas você também não queria ou / ou queria parti[r] pra novas coisas? inf: novas coisas	(p	h	y
MOC 1 - T.A	há... vai faze[r] seis anos	(p	h	y
MOC 1 - T.A	deve ter uns treis anos	(p	h	y
MOC 1 - T.A	os dois mais velhos são adolescentes	(p	h	y
MOC 1 - T.A	geralmente na / lá no bairro mesm[o] nas ruas do bairro	(p	h	y
MOC 1 - T.A	hoje em dia essas crianças a maioria só fica dent[r]o de casa no celular no computador	(p	h	y
MOC 1 - T.A	desde que eu nasci há trinta e um anos	(p	h	y
MOC 1 - T.A	é uma cidade pacata e oferece opo / ainda oferece algumas oportunidades de trabalho e de diversão	(p	h	y
MOC 1 - T.A	falta às vezes incentivo p[r]a / p[r]a istudar...	(p	h	y

Fonte: o autor.

Nesse primeiro levantamento dos dados, excluimos os SNs cujo núcleo era uma forma pronominal, como nos exemplos (84), (85) e (86), já que optamos por analisar somente os sintagmas em que o núcleo fosse um substantivo ou palavra substantivada.

(84) éh... políticos que façam algo pela população e não só por [**eles mesmo**Ø]
(MOC 1 - T.A).

(85) acho bacana só que às vezes muitas **d[elas]** perca de tempo por não trazer resultado mais é assim que cumeça (MOC 7 - A.R).

- (86) com todas as igreja do Norte de Minas de todas as cidade do Norte de Minas eu fui pessoalmente e fotografei [**todas elas**] (MOC 23 - D.T).

Também excluimos da análise os casos de neutralização, já que, nesses contextos, não há como ter certeza se houve a marcação ou não na passagem do singular para o plural, tendo em vista questões de ordem fonológica, como nos exemplos de (87) a (89), a seguir.

- (87) eu sou muito duro às vezes em [**determinadas situações**] em questões profissionais em questões éh de trabalho (MOC 10 - A.P).
- (88) ué cum essa chegada de / dessas / d[**esses supermercados**] desses trem assim... igual mesmo empresas éh igual Tambasa supermercado esses hipermercados (MOC 13 - A.J).
- (89) acreditam muito em [**redes sociais**] e a mídia tam[b]ém eu / eu acho minha opinião aumenta muita coisa (MOC 18 - L.F).

Em seguida, criamos outra planilha para analisar todos os dados presentes nos SNs, a fim de realizar uma análise atomística, isto é, em que consideramos como objeto não o SN como um todo, mas cada elemento flexionável presente em sua constituição interna. Portanto, para que fizéssemos a codificação desses dados da maneira mais clara possível, repetimos o SN na planilha em função da quantidade de itens que o mesmo continha, destacando em cada contexto o elemento variável que seria analisado. Ao término da elaboração dessa planilha, obtivemos um total de 7.297 dados, conforme a quadro 10, a seguir.

Quadro 10 – Codificação dos dados – Análise atomística

Participante	Ocorrência		Aus/pres	Classe gramatical	Posição do item
MOC 1 - T.A	entr: mas você também não queria ou / ou queria parti[r] pra novas coisas? inf: novas coisas	(p	D	1
MOC 1 - T.A	entr: mas você também não queria ou / ou queria parti[r] pra novas coisas? inf: novas coisas	(p	S	2
MOC 1 - T.A	há... vai faze[r] seis anos	(p	S	2
MOC 1 - T.A	deve ter uns treis anos	(p	Q	1
MOC 1 - T.A	deve ter uns treis anos	(p	S	3
MOC 1 - T.A	os dois mais velhos são adolescentes	(p	T	1
MOC 1 - T.A	os dois mais velhos são adolescentes	(p	D	4

Fonte: o autor.

Feita essa separação dos dados em duas planilhas individuais, codificamos tais dados a partir dos fatores que já havíamos selecionado inicialmente. Sendo assim, no quadro 11, expomos os códigos que utilizamos para cada fator controlado na análise da regra variável.

Quadro 11 – Codificação dos dados

A variável dependente	
Variantes	Códigos
Presença da marca formal de concordância	p
Ausência da marca formal de concordância	a
Variáveis independentes externas (sociais)²³	
Variáveis	Fatores e códigos
Sexo	Masculino: h
	Feminino: m
Faixa etária	18 a 25: B
	30 a 45: y
	Acima de 50: z
Grau de escolaridade	Ensino fundamental: f
	Ensino superior: s
Variáveis independentes internas	
Análise não atomística – o SN	

²³ Nesta pesquisa, optamos por analisar a influência das variáveis sociais somente na perspectiva não atomística, tendo em vista que o nosso interesse era verificar o peso dessas variáveis considerando somente a aplicação da regra de concordância no âmbito do SN como um todo, em sua globalidade. Futuramente, podemos verificar a influência desses fatores na análise atomística e estabelecer comparações entre as duas perspectivas.

Função sintática do SN	Sujeito ²⁴ : u
	Objeto: o
	Complemento de preposição: c
	Função adverbial: A
	Função sintática indistinta: i
Localização do SN em relação ao verbo	Localização à esquerda: e
	Localização à direita: d
	Localização indistinta: t
Grau do elemento nuclear	Grau normal: n
	Grau aumentativo: w
	Grau diminutivo: l
Animacidade do referente	[+animado +humano]: x
	[+animado -humano]: -
	[-animado]: ?
Tipo de nome (núcleo do SN)	Nome comum: b
	Nome geral: g
	Nome próprio: j
Análise atomística - os elementos flexionáveis do SN	
	1ª posição: 1
	2ª posição: 2

²⁴ Na seção 2.10, exemplificamos cada uma das variáveis linguísticas do quadro 11, explicando a relevância de cada uma para o estudo que propomos.

Posição do elemento no SN	3ª posição: 3
	4ª posição em diante: 4
Classe gramatical do elemento	Substantivo: S
	Item substantivado: C
	Adjetivo: D
	Possessivo: P
	Artigos e demonstrativos: T
	Quantificadores e indefinidos: Q
Contexto fonético-fonológico seguinte	Vogal: v
	Consoante: k
	Pausa/truncamento: r
Saliência fônica	Itens terminados em l: # <i>hospital – hospitais</i>
	Itens terminados em r: @ <i>mulher – mulheres</i>
	Itens terminados em ão: & <i>devoção – devoções</i>
	Itens terminados em s: \$ <i>mês – meses</i>
	Itens regulares: q <i>casa – casas</i>
	Plural duplo (ou metafônico): * <i>dois mais novo – dois mais novos</i>
	Monossílabo átono: 5
	Monossílabo tônico: 6

Tonicidade do elemento	Oxítono: 7
	Paroxítono: 8
	Proparoxítono: 9

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

2.8 A variável dependente e suas formas variantes

Para Labov (2008 [1972]), no contexto da Sociolinguística Variacionista, uma variável é entendida como dependente em função do fato de que o emprego das variantes não ocorre de maneira aleatória, mas é influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Complementando essa concepção, o autor afirma que há dois requisitos básicos para que duas ou mais formas possam ser chamadas variantes: (i) devem ser intercambiáveis no mesmo contexto e (ii) devem manter o mesmo significado referencial/representacional. Sendo assim, expomos, no quadro 12, a variável dependente que se constitui nosso objeto de análise nesta pesquisa, assim como as suas formas variantes.

Quadro 12 – A variável dependente

Variável dependente	Formas variantes
Ausência/presença de concordância nominal de número	Presença de concordância Ex: acaba que de[i]xa de viver [essas pequenas coisas] (MOC 11 - S.A)
	Ausência de concordância Ex: eu mesmo fazia [meus brinquedo ∅] (MOC 8 - A.T) [as primeiras indústria ∅] que eu trabalhei (MOC 8 - A.T)

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

2.9 Variáveis extralinguísticas

Nesta seção, discutimos a relevância das variáveis extralinguísticas que selecionamos para a pesquisa e como essas variáveis têm-se revelado importantes em

trabalhos no âmbito da Sociolinguística Variacionista, especialmente aqueles que tratam da concordância nominal de número no português brasileiro, que é o fenômeno variável com o qual trabalhamos. Para isso, partimos da ideia de que “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008 [1972], p. 21). A seguir, tratamos da variável sexo e da sua relevância para a nossa pesquisa.

2.9.1 Sexo

Desde que a concordância nominal de número começou a ser objeto de estudo no PB, a variável sexo do informante tem-se mostrado um fator relevante na análise desse fenômeno variável. Trabalhos como os de Scherre (1988), Fernandes (1996), Santos (2010), Brandão (2011), Moreira e Vianna (2018) e Martins e Coelho (2019), por exemplo, já testaram esse fator em suas pesquisas e, de modo geral, verificaram que se trata de uma variável importante na análise da concordância de número no SN. A tendência na maior parte desses trabalhos é a de que o sexo feminino favorece a aplicação da regra de concordância. Ao selecionarmos essa variável para o nosso estudo, também esperamos encontrar essa tendência, ou seja, que as mulheres favoreçam a presença de concordância nominal de número.

Scherre (1988, p. 453), considerando seus resultados gerais, verificou que “a variável sexo apresenta resultados linguísticos favorecedores da presença de concordância para as mulheres e não para os homens”. Entretanto, a autora ressalta que é necessário se ter um devido cuidado em relação a essa variável, já que ela não foi selecionada como importante quando cruzada com outros fatores como escolaridade e faixa etária, de modo que, “[...] pelos novos subagrupamentos feitos, o seu efeito é absolutamente neutro”.

Fato é que, tradicionalmente, o sexo do informante tem sido destacado na condição de uma variável independente externa que condiciona a emergência de fenômenos variáveis nas línguas naturais. Coelho *et al.* (2015) afirmam, a partir de alguns estudos variacionistas, que as mulheres, em geral, tendem a usar as variantes de prestígio social.

Porém, complementando a reflexão de Scherre (1988), essa afirmação requer cautela, visto que “os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão, a todo momento, sofrendo transformações” (COELHO *et al.*, 2015, p. 44). Enfim, ao

selecionarmos a variável sexo, esperamos deixar contribuições quanto à importância desse fator para a análise da concordância de número no SN numa abordagem variacionista. A seguir, discutimos a variável grau de escolaridade.

2.9.2 Grau de escolaridade

O grau de escolaridade do falante tem sido um dos fatores sociais mais relevantes no estudo sociolinguístico da concordância de número no âmbito do SN. Pesquisas como as de Scherre (1978; 1988), Fernandes (1996), Lopes (2001), Santos (2010), Brandão (2011), Pinheiro (2012), Moreira e Vianna (2018), Fonseca, Franceschini e Loregian-Penkall (2018) e Martins e Coelho (2019) chegaram à conclusão de que, quanto mais escolarizado o falante, maiores são as chances da aplicação da regra de concordância, ao passo que a baixa escolaridade propulsiona a sua não aplicação.

Pinheiro (2012) analisou a presença/ausência de concordância numérica no SN em dados orais de Belo Horizonte. Nesse estudo, o programa *GoldVarbX* selecionou o grau de escolaridade como o terceiro grupo mais relevante. De modo geral, constatou-se que o nível de escolaridade que favoreceu o cancelamento de marcas de concordância foi o fundamental, ao passo que a presença das marcas predominou na fala dos informantes com ensino superior. A respeito do fator grau de escolaridade, vejamos a seguinte afirmativa:

Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como “nós vai” ou “a gente vamos”, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “nós vamos” e “a gente vai” (COELHO *et al.* 2015, p. 41).

Nesse sentido, considerando essa colocação de Coelho *et al.* (2015), assim como os resultados de estudos que já testaram o fator grau de escolaridade, a nossa hipótese é a de que o maior índice de aplicação da regra de concordância nominal de número esteja presente na fala dos informantes com ensino superior, e que os informantes com ensino fundamental, completo ou incompleto, sejam mais propensos à não aplicação da regra.

Em relação a esse fator, vale destacar a nossa dificuldade no que diz respeito à seleção de informantes com ensino fundamental em Montes Claros, principalmente mais jovens, com idade entre 18 e 25 anos. Inicialmente, a nossa intenção era lidar somente

com informantes que possuíam ensino fundamental completo, mas encontramos algumas dificuldades nesse sentido, já que, em sua maioria, os falantes com os quais nos deparamos deixaram a escola no ensino médio ou em alguma série do ensino fundamental, não tendo completado o ciclo. Em função desse fato, optamos por selecionar informantes com ensino fundamental completo ou incompleto. Também descartamos o ensino médio, visto que o nosso intuito era de trabalhar somente com dois níveis de escolaridade distintos: ensino básico e ensino superior.

2.9.3 Faixa etária

A faixa etária do informante também tem sido um fator selecionado nos estudos sobre a concordância de número no SN, o que nos motivou a testá-lo nesta pesquisa. Trabalhos tais como os de Fernandes (1996), Lopes (2001), Brandão (2011) e Moreira e Vianna (2018) já verificaram que a idade do falante tende a ser um condicionador social relevante na aplicação ou não da regra de concordância numérica no SN.

Em Moreira e Vianna (2018), por exemplo, a faixa etária foi considerada como o terceiro grupo de fatores mais relevantes na análise da concordância nominal de número em dados de Nova Iguaçu (RJ). Neste estudo, as autoras controlaram duas faixas etárias: falantes de 18 a 35 anos (jovens) e de 56 a 75 (idosos). Os resultados globais apontaram que os mais jovens aplicaram a regra de concordância com mais frequência. Por outro lado, em Fernandes (1996), a autora encontrou um resultado divergente, já que os mais velhos aplicaram a regra de concordância com maior frequência, ao analisar dados da região sul do Brasil.

Conforme Coelho *et al.* (2015), a variação linguística que é condicionada pela idade do falante é denominada por alguns autores de *variação diageracional*. Isso quer dizer que, com a mudança de faixa etária, o indivíduo pode mudar o seu comportamento linguístico em relação a um fenômeno, numa dinâmica em que há uma mudança no falante, mas a variação permanece estável no meio social, podendo levar a um processo de mudança linguística com o passar dos anos.

Diante dessa reflexão, optamos por testar se a idade do informante constitui-se num fator relevante na análise da concordância nominal de número em dados orais do município Montes Claros. Aqui, vale ressaltar o nosso interesse em verificar as relações entre os fatores sociais que apresentamos até aqui numa análise multivariada, já que a “[...] a comparação entre os valores de uma variável independente se faz controlando as

outras variáveis” (GUY e ZILLES, 2007, p. 100). Desse modo, o sexo, a escolaridade e a faixa etária do informante são estudadas em nosso trabalho numa perspectiva univariada e multivariada, considerando que esses fatores atuam uns sobre os outros e a interpretação dessas relações são imprescindíveis para uma análise completa dos dados.

Na próxima seção, discutimos as variáveis independentes internas do nosso estudo.

2.10 Variáveis linguísticas

Nesta seção, apresentamos as variáveis linguísticas, ou estruturais, que selecionamos para este estudo, considerando a relevância dessas variáveis para a descrição da concordância nominal de número na abordagem da Sociolinguística Variacionista. Segundo Coelho *et al.* (2015), tais condicionadores de natureza estrutural evidenciam que a variação linguística não é caótica, mas é ordenada e pode ser explicada nesse sentido. Assim, as variáveis linguísticas, ou variáveis independentes internas, “atuam como forças dentro da língua” (COELHO *et al.*, 2015, p. 37) e podem se situar no nível fonético/fonológico, morfológico, morfossintático, sintático, semântico, etc.

Em nossa pesquisa, por questões metodológicas, consideramos que seria pertinente a realização de dois tipos de análise: uma análise não atomística, que toma o SN como objeto de estudo; e uma análise atomística, que considera os elementos individuais de cada SN. Esse tipo de análise foi adotado por Scherre (1988) e, por considerarmos um modelo adequado aos nossos objetivos, optamos por segui-lo também.

2.10.1 A perspectiva não atomística

A seguir, apresentamos as variáveis linguísticas que selecionamos para a análise não atomística, a saber: a função sintática do SN, a localização do SN em relação ao verbo, o grau do elemento nuclear, a animacidade do referente e o tipo de nome. Nessa análise, “assumimos o SN inteiro como unidade de análise e consideramos, como aplicação da regra, a presença de plural formal em todos os elementos flexionáveis que constituem o SN” (SCHERRE, 1988, p. 281), como em (90); sendo que a não aplicação consiste na ausência de pelo menos uma marca formal de plural na estrutura do sintagma, como em (91), onde o modificador não foi marcado.

- (90) a gente tem [**as falhas inerentes do ser humano**] mais a gente busca cada dia mais ser uma pessoa melhor (MOC 1 - T.A).²⁵
- (91) que eu admiro... admiro [**muitos jogadores bomØ**] mais naquele tempo mesmo quando eu era solteira... (MOC 12 - M.S).

Ao estabelecer essa divisão entre análise não atomística e atomística, Scherre (1988) busca evidenciar que há alguns fatores que atuam sobre o SN em sua globalidade (não atomística); outros que atuam especificamente sobre os elementos flexionáveis que estão presentes em sua constituição (atomística); e que há fatores os quais atuam tanto sobre o SN como um todo quanto sobre cada elemento variável.

2.10.1.1 A função sintática do SN

De modo geral, notamos que a função sintática do SN não tem sido um fator relevante na análise da concordância nominal de número numa abordagem variacionista. Em Scherre (1988), por exemplo, essa variável não se encontra entre aquelas que foram selecionadas. No entanto, nesta pesquisa, considerando a proposta de Perini (2016) para a descrição do SN, selecionamos essa variável. Para o referido autor, esse tipo de construção linguística pode exercer a função sintática de sujeito, objeto ou complemento de preposição, conforme já discutimos no capítulo 1.

Tendo em vista essa proposta, optamos por verificar se a função sintática do SN se constitui ou não um fator linguístico condicionador da presença/ausência de concordância nominal de número. Além dessas três funções destacadas por Perini (2016), acrescentamos as expressões adverbiais e a classificação indistinta, uma vez que, na fala, considerando suas especificidades, nem sempre é possível identificar qual é a função sintática de um elemento ou expressão. Assim, vejamos os exemplos abaixo:

Função de sujeito:

- (92) porém [**os grandes patrocinadores**] acabam querendo de uma forma ou outra dominando o mercado (MOC 1 - T.A).
- (93) tipo aí [**os povoØ**] foi conversan[d]o comigo falan[d]o que num era daquele jeito tipo assim (MOC 14 - M.D).

²⁵ Nas exemplificações, apresentaremos um exemplo com a presença de concordância e outro com a ausência, já que o nosso objetivo nesta pesquisa é trabalhar com tal variação.

Função de objeto:

- (94) já... já sim assim não lembro **[fatos específicos]** mais sempre a gente vive **[alguns momentos]** assim parece que um déjà vu que o pessoal fala né (MOC 10 - A.P).
- (95) igual no final da eleição ês começa construir **[os tremØ]** começa a fazer **[os tremØ]** por que? porque quer ganhar voto entendeu? (MOC 14 - M.D).

Vale destacar que, na proposta descritiva que adotamos, Perini (2016) não faz uma distinção sintática entre objetos e predicativos. Em outro trabalho, Perini e Fulgêncio (2011) defendem que, no nível da sintaxe, não há necessidade de distinguir objetos de predicativos, de modo que, “[...] na maioria dos casos, o predicativo se identifica com o objeto (direto) – e o objeto se define como qualquer SN que não seja sujeito” (PERINI e FULGÊNCIO, 2011, p. 150). Para os autores, o que diferencia esses dois complementos, na verdade, são aspectos semânticos, e não sintáticos. Em função disso, também consideramos como objeto estruturas como as que destacamos em (96) e (97).

- (96) aí veio as ôtas né e aí depois veio neto intão assim são **[datas especiais]** muito especial na minha vida (MOC 9 - M.E).
- (97) os pai dela viajava aí sempre me levava junto nas roça da vó dela eu acho que essas pra mim foi **[as melhorØ]** (MOC 17 - M.N).

Função de complemento de preposição:

- (98) a destruição do planeta né que nós mesmos estamos destruindo *cum* **[as nossas atitudes]** e vários números né (MOC 7 - A.R).
- (99) teve tanto tempo p[r]a todo mundo fazer a biometria aí agora que tá *n***[os últimos diaØ]** o povo vai lá p[r]a porta dormir lá (MOC 17 - M.N).

Função adverbial:

- (100) porque na realidade a gente esteve junto **[quase doze anos]** e os dois último anos foi bem complicado... (MOC 6 - L.V).
- (101) **[esses diaØ]** eu senti / eu fiquei sábado domingo segunda só corren[d]o assim aí eu senti que eu tava fican[d]o fraco (MOC 8 - A.F).

Quando não conseguimos identificar a função sintática do SN, classificamos como função sintática indistinta, como nos exemplos (102) e (103), em que não é possível identificar uma relação sintática do SN destacado com outro elemento do cotexto. Essa

nomenclatura é proposta inicialmente por Scherre (1988) e adotada, também, por Moreira e Vianna (2018), a fim de classificar a localização do SN em relação ao verbo, fator que discutimos na próxima seção.

Função sintática indistinta:

- (102) café da tarde no / no pé do fogão [**os abraços**] o cheiro dela... o cheiro dela sempre fico[u] (MOC 6 - L.V).
- (103) anda[r] de bicicleta solta[r] pipa jogar bola [**muitas lembrançaØ**] (MOC 16 - M.R).

2.10.1.2 Localização do SN em relação ao verbo

A exemplo de Scherre (1988) e Moreira e Vianna (2018), selecionamos a variável localização do SN em relação ao verbo a fim de verificar se esse fator influencia a aplicação da regra de concordância nominal de número. Numa análise não atomística, Scherre (1988) assume uma postura segundo a qual os SNs que estão localizados à esquerda do verbo ou da oração tendem a ser mais marcados do que aqueles que estão à direita. Esse fato se justifica, segundo a autora, em função de os SNs à esquerda estarem numa posição com maior grau de saliência. Em seus resultados, Scherre (1988) confirmou tal hipótese e verificou, de fato, que os SNs à esquerda do verbo foram os mais marcados.

Moreira e Vianna (2018) também testaram esse fator em dados orais de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, e confirmaram a hipótese de Scherre (1988) de que os SNs à esquerda do verbo ou da oração estão mais propensos a receberem as marcas formais de concordância. Sendo assim, optamos por testar essa variável em nosso estudo e, desse modo, replicamos a classificação proposta, inicialmente, por Scherre (1988), e posteriormente adotada por Moreira e Vianna (2018), a saber: localização à esquerda; localização à direita e localização indistinta, conforme os exemplos (104)-(105), (106)-(107) e (108)-(109), respectivamente.²⁶

Localização à esquerda:

- (104) o homem parece que tá trabalhan[d]o né digitando e [**as mulheres**] *parecem esta[r] cunversando* sobre alguma coisa acho que é isso (MOC 5 - B.F).

²⁶ Em cada exemplo, destacamos em itálico as formas verbais que possuem relação sintática com o SN analisado.

- (105) não quebro[u] mermo e fico[u] jogada lá até que um dia [**os povoø**] tiro[u] e jogo[u] fora (MOC 16 - M.R).

Localização à direita:

- (106) num sei que que é isso num sei mais *tem* [**umaş máquinas**] né acho que de costura e é isso (MOC 5 - B.F).
- (107) mais eu pretendo que todas *dá* [**conselhoş bomø**] eu acho que num tem nenhuma religião que *dá* [**conselhoş mauø**]... (MOC 14 - M.D).

Localização indistinta:

- (108) da infância pra adolescência já com muitos problemas né devido a separação da família dos pais intão assim [**essaş duas partes**] (MOC 4 - M.V).
- (109) mais em [**ôtoş aspectoø**] a cidade tranquila [po[u]cas mortes] intendeu menos assalto (MOC 22 - G.M).

2.10.1.3 Grau do elemento nuclear

Nos trabalhos de Scherre (1988) e Fernandes (1996), a variável grau dos substantivos e adjetivos foi selecionada como relevante para a análise da concordância numérica no SN. Em Fernandes (1996), por exemplo, a autora chegou à conclusão de que o grau diminutivo/aumentativo motiva a ausência de marcas formais de concordância no interior do SN, ao passo que o grau normal favorece a presença de marcas. Em nossa pesquisa, optamos por considerar, de modo geral, o grau do elemento nuclear do SN, conforme a classificação a seguir.

Grau normal:

- (110) tem fotos de [unş **homens**] no outro tem uma âncora tem outro que tem parece [umaş **fotoş**] tem [unş **skateş** penduradoø] eu acho (MOC 20 - J.M).
- (111) ah eu lembro [aş **brincade[i]raø**] [àş **vezø**] éh [aş **oportunidadeø**] que eu já tive e num pude concluir (MOC 22 - G.M).

Aumentativo:

- (112) na minha vez eu fui e caí quebrei o braço e... e a o[u]tra foi a cavalo mesmo... mais eram nas férias mesmo [essaş **brincaderonaş** mais pesadaş] (MOC 6 - L.V).

- (113) às vez a pessoa nem tem muita necessidade pega os miores emprego né os fi d[os **grandão**∅] e o pobre fica lutan[d]o (MOC 8 - A.F).

Diminutivo:

- (114) sim eu tenho [minhas **coisinhas**] que eu gosto de fazer aqui mesmo (MOC 4 - M.V).
- (115) nesse lençol tá o casal e mais [algumas **coisinha**∅ pequena∅] e ao lado uma cesta né (MOC 8 - A.F).

2.10.1.4 A animacidade do referente

Na análise da concordância de número, também há questões de ordem semântica que estão envolvidas. Scherre (1988), por exemplo, testou a animacidade dos substantivos em sua pesquisa. Brandão (2011) analisou esse fator considerando a animacidade do núcleo, sendo que, nesses dois trabalhos, esse fator foi selecionado como relevante.

Em Brandão (2011), a animacidade foi selecionada como uma variável relevante na análise dos dados do PST e do PB. No referido trabalho, a autora confirmou a hipótese de que “vocábulos com traço [+animado], em que predomina o traço [+humano], são menos sujeitos ao cancelamento do que os de traço [-animado]” (BRANDÃO, 2011, p. 172). Assim, vimos como pertinente analisar essa variável em nosso *corpus*, a fim de verificar o que revelam os nossos dados em relação a esse condicionamento linguístico, tendo-se em vista a seguinte proposta de classificação:

Referente [+animado +humano]:

- (116) ah eu conheço uma d[as **advogadas**] que trabalhavam aqui no escritório] mudou p[r]a Belo Horizonte éh... (MOC 10 - A.P).
- (117) ah p[r][o∅ meus **neto**∅] eu tento passar as coisas boas pra ês né... aprender a respeita[r] né... ser humilde... (MOC 12 - M.S).

Referente [+animado -humano]:

- (118) o que mais tem [**pássaros** livres] né e uma pessoa passean[d]o entre eles num cavalo aliás passean[d]o não né que o cavalo tá beben[d]o água (MOC 13 - A.J).
- (119) preocupante esse lugar aqui [uns **passarin**∅] voan[d]o eu num ficaria aqui não o que que esse home[m] tá caçan[d]o aqui no mei[o] (MOC 11 - S.A).

Referente [-animado]:

- (120) tem [as **barraquinhas**] né [as **culinárias**] o / [os **artesanatos**] então assim eu conheço eu falo assim que eu é uma cidade né que eu sempre convivi (MOC 11 - S.A).
- (121) ah aqui tem uns quadros n[as **paredes**] né [uns **quadro** de pessoas] intão aqui é um salão (MOC 19 - J.F).

2.10.1.5 Tipo de nome

O fator tipo de nome foi elencado por nós em função do nosso interesse em analisar a influência da categoria dos nomes gerais na ausência/presença de concordância no SN. Esse fator se revela, até certo ponto, como uma novidade em nosso estudo, já que não encontramos em outros trabalhos de cunho variacionista a análise dessa variável, de modo específico.

Scherre (1988, p. 265), ao analisar a animacidade dos substantivos, partiu da hipótese de que “os nomes [+concretos], [+específicos] e [+contáveis] apresentam maiores índices de concordância do que [+abstratos], [+genéricos] e [-contáveis]”. Em sua análise, a autora chama a atenção para os itens *pessoa* e *coisa* em sua acepção genérica, visto que, em seus dados, são os elementos mais e menos marcados, respectivamente, no que diz respeito ao estabelecimento da concordância no SN.

Assim, Scherre (1988) associa esses resultados a um aspecto semântico, questionando se a presença/ausência da marca de concordância estaria relacionada ao caráter genérico de utilização do nome ou ao traço [+humano]. No entanto, ao analisar os itens *cara* e *outro*, que têm o traço [+humano], verificou que estavam tão pouco marcados quanto o nome *coisa*, com traço [-humano]. Em sua conclusão, a autora levanta a hipótese de que há uma possível influência da formalidade léxica, de modo que haveria uma tendência para a não marcação do plural quando o item possui os traços [-humano] e [-formal]. No entanto, o tipo de nome não é uma variável que foi analisada por Scherre (1988), de modo específico.

O nosso interesse em incluir o tipo de nome no rol de fatores linguísticos emergiu da observância de Amaral e Ramos (2014) de que os nomes gerais parecem ser propulsores da ausência de concordância do SN, como verificou Scherre (1988), sem fazer menção a essa nomenclatura. Sendo assim, optamos por analisar se essa categoria nominal bloqueia a presença de concordância no SN, associando esse fator ao grau de

animacidade, a fim de verificar se os nomes gerais com traço [+humano] favorecem ou não a aplicação da regra, como sugeriu Scherre (1988).

Em nosso trabalho, também incluímos a classe dos nomes próprios, visto que, ao analisarmos os dados, verificamos a presença de nomes próprios em que não havia a marca indicativa de plural, como em: *Estados Unidos/Estados Unido; Montes Claros/Montes Claro; Arraial das Formigas/Arraial das Formiga*. Em função desses usos, pareceu-nos interessante analisar esses casos e deixar uma contribuição em relação à classe dos nomes próprios no que diz respeito à concordância nominal de número em dados orais de Montes Claros. Portanto, dividimos os nomes em três categorias, conforme os exemplos abaixo.

Nome comum:

- (122) eu tenho liberdade p[r]a trabalhar de acordo com [os **documentos**] é claro né BNCC (MOC 2 - J.B).
- (123) depois que eu ganhei ele eu dei [duas **hemorragia**∅] aí passei um apuro muito grande (MOC 17 - M.N).

Nome geral:

- (124) não / não sei muito na área assim porque a gente só sabe d[as **coisas**] não que os outros falam o que você vivencia né (MOC 24 - L.M).
- (125) eu vejo [os **negoco**∅ de água] aqui tem a árvore eu consigo ver um rosto aqui também na árvore (MOC 17 - M.N).

Nome próprio:

- (126) e ele celebrava essa missa aqui em [**Montes Claros**] intão houve a bexiga preta lá que matou mais da metade da população dessa vilazinha (MOC 23 - D.T).
- (127) dia trinta e um de outubro de mil oitocentos e trinta e um [**Montes Claro**∅] fica independente (MOC 23 - D.T).

2.10.2 A perspectiva atomística

Nesta subseção, tratamos dos fatores linguísticos que estão inseridos na perspectiva de análise atomística, ou seja, aqueles que envolvem cada elemento do SN (SCHERRE, 1988). Assim, nos exemplos que apresentamos a seguir, destacamos somente o item que analisamos em cada sintagma.

2.10.2.1 Posição do elemento no SN

A posição do elemento no interior do SN tem sido um dos fatores de maior relevância na análise variável da concordância nominal de número. Desde os trabalhos pioneiros sobre o tema no Brasil (BRAGA e SCHERRE, 1977; BRAGA, 1977; SCHERRE, 1978), chegou-se à conclusão de que os primeiros e os últimos elementos do SN, tendem a ser os mais e menos marcados, respectivamente, o que vai ao encontro da perspectiva de Scherre (1988), segundo a qual os elementos à esquerda estão num ambiente sintático favorecedor da marcação formal no que diz respeito à aplicação da regra de concordância nominal de número. Assim, codificamos os elementos de cada SN tendo em vista as seguintes posições:

1ª posição:

- (128) hoje eu trabalho mais na área civil e criminal né que são [**as** duas áreas que eu já me especializei] (MOC 10 - A.P).
- (129) ah do lado bom foi o nascimento d[**o** meus fi] e do lado ruim um acidente que eu tive (MOC 18 - L.F).

2.ª posição:

- (130) consigo enxergar como uma época bem complicada bem sofrida né uma época em que [as **oportunidades**] elas eram mais escassas (MOC 10 - A.P).
- (131) ah de vez em quando dá [umas **recaída**] né cê vê a pessoa né é isso muito triste (MOC 18 - LF).

3.ª posição:

- (132) agora de gostar tem / tem [esses atrativos **naturais**] boas faculdades perspectiva de crescimento (MOC 1 - T.A).
- (133) tipo assim parece que eles tá vin[do] de ôto lugar e descobriram tipo e viu [algumas coisas **quebrada**] (MOC 14 - M.D).

4.ª posição em diante:

- (134) as competições [as duas últimas **competições**] foram todas duas decepcionantes talvez não por causa dos atletas e sim da própria tecnologia (MOC 21 - J.H).
- (135) sou inclusive cidadão benemérito de Montes Claros pelo serviço segundo o diploma né pel[os relevante serviço **prestado**] à comunidade (MOC 23 - D.T).

2.10.2.2 Classe gramatical do elemento

Algumas pesquisas tais como as de Lopes (2001), Santos (2010), Pinheiro (2012) e Fonseca, Franceschini e Loregian-Penkall (2018) já chegaram à conclusão de que a classe gramatical dos itens que constituem o SN influenciam na aplicação da regra de concordância de número. Em Pinheiro (2012), na análise de dados de Belo Horizonte, as classes que mais favoreceram a não aplicação da regra de concordância numérica foram, respectivamente, os substantivos, as palavras substantivadas, os adjetivos e os numerais. Desse modo, a autora comprovou a hipótese inicial de que esses elementos, exceto os numerais, são os que mais sofrem o cancelamento de marcas. Adiante, apresentamos a nossa proposta de categorização em relação a esse fator linguístico.

Substantivo:

- (136) porque [os **governantes**] eles também fazem da população intão eles também tem que éh... pensar como / como o povo (MOC 3 - E.M).
- (137) é tinha os / [os **menino**Ø lá] que era mais velho cantava né tinha esse primo meu que tocava violão tocava cavaquinho (MOC 8 - A.F).

Item substantivado:

- (138) o pegador ao pegar um fugitivo [todos os **outros**] éh tem uma prenda ou dá tapa ou dava chutes e tal (MOC 2 - J.B).
- (139) tem que saber fazer e num pode deixar que [os **inocente**Ø] pague né? (MOC 12 - M.S).

Adjetivo:

- (140) meu pai hoje já é falecido por isso que eu guardo [essas imagens **preciosas** dele] assim né (MOC 4 - M.V).
- (141) mais um d[os pontos **crítico**Ø] é que tem situações aqui tem algumas regiões na cidade regiões ba[i]xas né que é só chover alaga (MOC 11 - S.A).

Possessivo:

- (142) éh ressurreição né eu acredito na ressurreição eu já tive [**meus** momento de / de buscar saber esses mistério aí de reencarnação] (MOC 9 - M.E).
- (143) fico mais na casa das minhas amiga dos meus primo que tem [duas prima **minha**Ø] que mora lá vô p[r]o rio esses trem mesmo ((risos)) (MOC 15 - B.E).

Quantificadores e indefinidos:

- (144) oh Montes Claros ela tem muitas / [**muitas** empresas] né que vêm pra cá e dão diversos empregos / empregos... (MOC 2 - J.B).
- (145) então realmente ele precisa de [**muitoØ apoios**] né do / da equipe ali da câmara dos deputados porque o que eu falo (MOC 11 - S.A).
- (146) em [**alguns** casos] a gente vê que na classe mais baixa tem uma revolta maior (MOC 2 - J.B).
- (147) mais outras duas pessoas trabalhando do lado prestando [**algumaØ informações**] algumas folhas... é o que eu consigo enxergar (MOC 10 - A.P).

Artigos e demonstrativos:

- (148) intão ele julga muito o erro o[u]tro e esquece de olhar [**as** próprias ações] mais apesar disso (MOC 3 - E.M).
- (149) não não sei o motivo da separação d[**oØ** meus pais] (MOC 16 - M.R).
- (150) tem sempre [**aqueles** estressadinhos] né mais de um modo geral são pessoas bem alegre felizes com / tá sempre ven[d]o festas por onde a gente passa (MOC 3 - E.M).
- (151) a maioria que vai n[**essas** manifestações] vão por ir (MOC 1 - T.A)

2.10.2.3 Contexto fonético-fonológico seguinte

Alguns estudos sobre a concordância nominal de número no PB têm revelado que o material fônico antecedente e subsequente ao item variável do SN condiciona a aplicação dessa regra variável. Resultados encontrados em Braga e Scherre (1976), Scherre (1988), Fernandes (1996), Lopes (2001), Brandão (2011) e Martins e Coelho (2019) já evidenciaram a importância desse fator fonético-fonológico na análise da concordância.

Martins e Coelho (2019), ao estudarem a concordância nominal de número em dados orais de Fonte Boa – AM, chegam à conclusão de que os contextos subsequentes em que há vogal e pausa favorecem a não aplicação da regra de concordância, resultado que, conforme as autoras, são muito semelhantes com os de outras pesquisas que tomaram como objeto esse fenômeno no PB. Desse modo, optamos por analisar o contexto fonético-fonológico seguinte em relação ao elemento a partir da seguinte categorização:

Vogal:

- (152) mais projetos mais já demonstra que vão ser [algumas **coisas** interessantes] (MOC 1 - T.A).
- (153) número um tá parecen[do] um paraíso a família tá contente e / e [as **criança**Ø] está brinca[n]do sem tá na digitação (MOC 14 - M.D).

Consoante:

- (154) quando viajo... viajei [**poucas** vezes] (MOC 20 - J.M).
- (155) ah eu acho que ela / ela depende d[os **político**Ø] né? (MOC 12 - M.S).

Pausa/truncamento:

- (156) com amigos na maioria d[as **vezes**]... (MOC 5 - B.E).
- (157) tem [umas **pessoa**Ø] / tem umas / umas facultade que ês dá bolsa né pra quem tem a nota boa (MOC 15 - B.E).

2.10.2.4 Saliência fônica

Não há como negar a importância do fator saliência fônica ao lidar com a análise da concordância nominal de número no português brasileiro, já que são vários os trabalhos que constataram a influência desse fator no estudo de tal fenômeno variável. Braga e Scherre (1976), por exemplo, denominando esse fator de classe morfológica do plural, já verificaram que o grau de saliência fônica na oposição singular/plural condiciona a ausência/presença de concordância. Nesse estudo, com dados do Rio de Janeiro, as autoras verificaram que o plural metafônico, os itens terminados em *-ão* e em *-l* são aqueles em que há mais probabilidade de se verificar a presença de concordância, visto que “a regularidade morfológica na flexão do plural favorece a aplicação da regra” (BRAGA e SCHERRE, 1976, p. 465).

Tendo-se em vista alguns estudos que já revelaram a importância do grau de saliência fônica para os estudos sobre a concordância no PB, descrevemos, a seguir, a classificação que propomos para a análise desse fator nos dados orais de Montes Claros.

Itens terminados em l:

- (158) ah [questões **culturais**] por exemplo tem a festa dos catopês que ela é uma festa especificamente católica né cê vê que tem uma movimentação bacana ali (MOC 2 - J.B).

- (159) mais [os **final**Ø de semana] que contrata canto[r] esses trem aí enche mais ne bar esses lugares (MOC 15 - B.E).

Itens terminados em r:

- (160) desde quando eu moro lá tem [muitos **vereadores** que bate lá] falan[d]o que se votasse pra ele que ia asfaltar (MOC 15 - B.E).
- (161) ah eles libera né praticamente tudo p'cê fazer cê vai n[os **lugar**Ø] que aí é tudo liberado... (MOC 14 - M.D).

Itens terminados em ão:

- (162) eu acho que não e ainda tem acho que no domingo que tem [umas **atrações** p[r][as criança]] né mais que eu sei é só (MOC 17 - M.N).
- (163) depois ajudo minha vó cum [as **obrigação**Ø de casa] e quando é a noite eu vem pra escola (MOC 16 - M.R).

Itens terminados em s:

- (164) faz um po[u]co tempo [alguns **meses**] (MOC 19 - J.F).
- (165) porque que ês num tem preconceito num tem que tem [ôtos **país**Ø] que não aceita religião (MOC 14 - M.D).

Itens regulares:

- (166) geralmente na / lá no bairro mesm[o] n[as **ruas** do bairro] (MOC 1 - T.A).
- (167) hoje [as **pessoa**Ø] num brinca essas que nós já que já passou né hoje agora é só celular... que [as **criança**Ø] brinca (MOC 18 - L.F).

Plural duplo (metafônico):

- (168) ah falta tipo assim... ês abraçar mais [os **idosos**] entendeu? (MOC 14 - M.D).
- (169) intão o / para [os **idoso**Ø] é um lugar bom p[r]a sobreviver porque é menos violência (MOC 19 - J.F).

2.10.2.5 Tonicidade do elemento

A tonicidade do elemento presente no sintagma nominal pluralizado tem se revelado um fator fonético-fonológico importante na análise variável da concordância de número. Em Fernandes (1996) e Fonseca, Franceschini e Loregian-Penkall (2018), por exemplo, esse fator foi selecionado como um dos mais relevantes. Fernandes (1996)

chegou à conclusão de que os oxítonos e monossílabos tônicos são os que mais retêm a marca formal de plural, seguido dos paroxítonos e dos proparoxítonos. Em Fonseca, Franceschini e Loregian-Penkal (2018), os plurais metafônicos, os itens terminados em *-l* e os itens terminados em *-s* foram os que mais favoreceram a concordância.

A seguir, apresentamos a classificação que adotamos para a análise da tonicidade dos itens e os exemplos que extraímos da nossa amostra de dados.

Monossílabo átono:

- (170) nada... nunca vi nada assim que me surpreendeu que [**os** povo] fala (MOC 16 - M.R).
- (171) ah eu acho que... eu espero que tenha / que entra [**uns** político] né pra desenvolver a cidade né? (MOC 12 - M.S).

Monossílabo tônico:

- (172) o p[r]oblema é que umas / [umas **leis**] que existe hoje só dá direito p[r]o aluno e não tem deve[r] (MOC 1 - T.A).
- (173) e não é só na questão do meio ambiente não [às **vez**Ø] você vai num / num rio né num é só dentro da cidade (MOC 11 - S.A).

Oxítono:

- (174) num tem muita decoração tem um vasinho em cima da mesa que os dois dividem com [alguns **papéis**] uma pasta em cima da mesa (MOC 20 - J.M).
- (175) tem a mídia né... [aqueles **jogador**Ø] que vai lá... que é bom né? (MOC 12 - M.S).

Paroxítono:

- (176) [os **empregos**] são só / muito limitados e ganham pouco falta oportunidade (MOC 1 - T.A).
- (177) eu podia brincar na rua brincava cum [meus **primo**Ø] na rua minhas primas na rua e meus filhos num tem isso hoje (MOC 20 - J.M).

Proparoxítono:

- (178) parece aparentemente né bem vestidas o que indica talvez aí [condições **econômicas** boas] (MOC 2 - J.B).
- (179) eu num participo muito não mais é legal tipo [as comida **típica**Ø] que ês faz muito legal muito saboroso (MOC 14 - M.D).

Enfim, tendo discutido as variáveis independentes que selecionamos para a pesquisa, nos próximos capítulos, procedemos com a análise e discussão dos nossos resultados em relação a essas variáveis.

3 ANÁLISE DOS DADOS: perspectiva não atomística

Neste capítulo, fazemos a análise dos dados numa perspectiva não atomística. Para isso, analisamos 3.735 SNs em contexto de plural, a fim de verificar a presença/ausência de concordância nominal de número em sua estrutura interna. Além disso, discutimos a influência que fatores sociais (sexo, faixa etária e escolaridade) e linguísticos (a função sintática do SN, a localização do SN em relação ao verbo, o grau do elemento nuclear, a animacidade do referente e o tipo de nome) exercem sobre esse fenômeno variável nos dados de Montes Claros – MG, a partir dos resultados obtidos no programa computacional *GoldVarb X*. Na tabela 3, expomos os resultados referentes à aplicação global da regra de concordância, conforme a primeira rodada que fizemos no referido programa.

Tabela 3 - Aplicação global da presença/ausência de concordância

Presença/ausência de concordância	Nº de ocorrências	Porcentagem (%)
Presença	2.657	71,1
Ausência	1.078	28,9
Total	3.735	100

Conforme podemos verificar na tabela 1, há uma predominância significativa da presença de concordância nominal de número em nossos dados, visto que, dos 3.735 SNs, em 2.657 deles (71,1%), identificamos todas as marcas formais de concordância nos elementos variáveis presentes em sua estrutura sintagmática, como nos exemplos de (180) a (182).

- (180) conhecer a religião mais a fundo p[r]a poder participar d[esses **movimentos**] (MOC 1 – T.A).
- (181) muito bem feitas apesar da simplicidade e falta de apoio de / da cidade em si p[r]a organizar uma / [**umas festas melhores**] (MOC 1 – T.A).
- (182) quando nós enxergamos [**os prováveis pré-candidatos**] diante de [**todos os prováveis pré-candidatos**] acredito que ele ainda seja o melhor (MOC 2 – A.P).

Nos casos em que identificamos a ausência de marca formal em algum elemento que deveria estar marcado no SN, classificamos como ausência de concordância, como nos exemplos de (183) a (185), em que Ø significa justamente a ausência dessas marcas.

- (183) inclusive [**meus irmãoØ mais novoØ**] nem chegou a conhecer meu pai...
ês não lembra (MOC 12 – M.S)
- (184) se eu tivesse dinheiro eu fazia um negócio desse sabe pegava [**todas as
criancinhaØ de rua**] todo aquele que os pai precisava trabalhar né (MOC 12 –
M.S)
- (185) e desse / dessa / d[**esses primos meuØ**] que foram pra Uberlândia também
porque eram mais próximos (MOC 13 – A.J)

De modo geral, os nossos resultados em relação à aplicação global da regra de concordância não são dissonantes dos resultados de outras pesquisas que já foram desenvolvidas sobre o fenômeno. Se considerarmos os treze estudos que descrevemos no capítulo 1 (ver tab. 1), podemos notar que a única pesquisa em que houve predominância da ausência de concordância é a de Santos (2010), com dados de Pedro Leopoldo – MG, com percentual de 48% para a aplicação da regra e 52% para a não aplicação. Não identificamos explicações por parte da autora sobre diferenças significativas com relação a outros trabalhos. Nas outras doze pesquisas, os percentuais relativos à presença de concordância variam entre 55% e 95%.

Nas próximas seções e subseções, discutiremos os resultados alcançados nas rodadas que fizemos no programa *GoldVarb X*, por meio das quais testamos os grupos de fatores que selecionamos inicialmente para esta pesquisa, descritos no capítulo 2.

Na melhor rodada, o programa selecionou os seguintes fatores, nesta ordem de relevância: (1) grau de escolaridade; (2) faixa etária; (3) sexo; (4) animacidade do referente; (5) grau do elemento nuclear; (6) localização do SN em relação ao verbo. O programa apresenta essa ordem de relevância na seção *stepping up* (em que o programa aponta quais são as variáveis relevantes do ponto de vista estatístico). No *stepping down* (onde o programa aponta as variáveis independentes irrelevantes), os fatores excluídos foram: (1) a função sintática do SN e (2) o tipo de nome.

3.1 Os fatores sociais

Nesta seção, analisamos a influência dos fatores sociais escolaridade; faixa etária e sexo na variação de concordância nominal de número nos dados orais de Montes Claros – MG. Discutimos esses fatores na ordem de relevância apontada pelo programa.

3.1.1 O fator social escolaridade

Na tabela 4, exibimos os resultados estatísticos que dizem respeito à influência do fator social escolaridade na presença/ausência de concordância. Esse é um fator que tem demonstrado grande relevância para a descrição desse fenômeno morfossintático no PB e foi o primeiro fator selecionado pelo *GoldVarb X*, considerando o seu grau de relevância estatística. Vejamos os resultados:

Tabela 4 - Influência do fator escolaridade na presença/ausência de concordância

Escolaridade	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Ensino fundamental	745/1.595	46,7	0.188
Ensino superior	1.912/2.140	89,3	0.749
Total	2.657/3.735	71,1	

De acordo com os dados da tabela 4, notamos que os informantes com ensino superior foram os que mais aplicaram a regra de concordância, com um peso relativo de 0.749, o que revela um alto índice de aplicação da regra. Se compararmos esse resultado com o ensino fundamental, verificamos uma diferença significativa, visto que, para os informantes desse nível de ensino, temos um peso relativo de 0.188 em relação à presença de concordância.

Os nossos resultados em relação a essa variável vão ao encontro de uma tendência das pesquisas sociolinguísticas segundo a qual as pessoas com maior escolaridade, tendo em vista o seu grau de letramento, tendem a um comportamento linguístico mais formal, que se revela por meio das formas prestigiadas socialmente (COELHO *et al.*, 2015), como a aplicação da regra de concordância de número no âmbito do SN.

Com o intuito de melhor interpretarmos os resultados da tabela 4, vamos retomar o perfil profissional e acadêmico dos informantes com ensino superior, já que, por meio desse perfil, verificamos que esses informantes exercem profissões em que se predomina o uso de uma linguagem mais formal, não estigmatizada socialmente, uma vez que “são os papéis sociais de que os participantes estão investidos que determinam a extensão da formalidade conferida à interação” (BORTONI-RICARDO, 2019, p. 91).

Entre os doze informantes com ensino superior, temos dois profissionais formados em Direito, sendo que um deles é advogado; sete professores; uma psicóloga; um engenheiro civil e uma informante que é formada em Administração e trabalha como gestora de equipe numa grande empresa em Montes Claros. Assim, por mais que não lidamos, de modo sistemático, com o fator profissão, esse panorama profissional dos informantes com nível superior ajuda, em certa medida, a explicar o percentual referente à aplicação global da regra de concordância de número no SN.

Enfim, por meio dos resultados obtidos em relação à influência da escolaridade, confirmamos a nossa hipótese inicial de que as pessoas mais escolarizadas (com ensino superior) tendem a favorecer a aplicação da regra de concordância, como já foi constatado nos trabalhos de Moreira e Vianna (2018) e de Martins e Coelho (2019), por exemplo, em que os pesos relativos à presença de concordância na fala dos mais escolarizados são de, respectivamente, 0.90 e 0.66. Em 3.1.2, discutimos a influência do fator faixa etária.

3.1.2 O fator social faixa etária

Na tabela 5, expomos os resultados referentes à influência do fator social faixa etária na ausência/presença de concordância nominal de número. Esse foi o segundo fator selecionado pelo programa *GoldVarb X*.

Tabela 5 – Influência do fator faixa etária na presença/ausência de concordância

Faixa etária	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
18 a 25 anos	833/1.135	73,4	0.529
30 a 45 anos	975/1.196	81,5	0.651
Acima de 50 anos	849/1.404	60,5	0.349
Total	2.657/3.735	71,1	

Conforme a tabela 5, notamos que o maior percentual de aplicação da regra de concordância se deu na fala dos informantes que possuem entre 30 e 45 anos de idade, com um peso relativo de 0.651, enquanto o menor índice de aplicação foi identificado na fala dos informantes com mais de 50 anos, com peso relativo de 0.349. Em relação aos informantes mais jovens, entre 18 e 25 anos, o peso relativo é de 0.529, não revelando uma grande diferença se comparado com os informantes da classe intermediária, que é de 0.651.

Com o intuito de compreendermos esses resultados, vamos retomar o perfil social dos informantes que possuem entre 30 e 45 anos, já que eles se mostraram mais sensíveis à variante conservadora. Dos oito informantes entrevistados nessa faixa etária, sete deles estão em plena atividade profissional, o que pode explicar a preferência desses falantes pela variante de prestígio, já que estão sob a pressão do mercado de trabalho. Desses oito informantes, cinco trabalham com público, exercendo as seguintes atividades: professora de português; atendimento na secretaria de saúde; supervisão de gestão integrada; advocacia e, um informante com baixa escolaridade, trabalha com venda de frutas no Centro da cidade. Com exceção da última atividade, as outras contribuem para o uso de uma linguagem mais cuidada e conservadora, por se tratar de contextos mais formais.

Em Fernandes (1996), Lopes (2001), Brandão (2011), Lopes (2014) e Moreira e Vianna (2018), a variável faixa etária foi selecionada como relevante. Diferentemente dos nossos resultados, em Fernandes (1996) e em Lopes (2001), foram os mais velhos que se mostraram favoráveis à aplicação da regra de concordância. Desse modo, é preciso levar em conta as especificidades de cada comunidade de fala e dos informantes que foram entrevistados, assim como as relações entre faixa etária e outros fatores, como faremos mais adiante.

3.1.3 O fator social sexo

Na tabela 6, apresentamos os resultados referentes à presença/ausência da regra de concordância no SN conforme o fator social sexo do informante. Esse foi o terceiro grupo selecionado pelo *GoldVarb X*.

Tabela 6 – Influência do fator sexo na presença/ausência de concordância

Sexo	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Masculino	1.216/1.831	66,4	0.408
Feminino	1.441/1.904	75,7	0.589
Total	2.657/3.735	71,1	

Em relação à variável sexo, a tabela 2 nos revela que a concordância nominal de número foi predominante na fala das mulheres, com 75,7% de aplicação da regra variável, o que corresponde a um peso relativo de 0.589. Por outro lado, a presença da concordância na fala dos homens foi relativamente menor, totalizando 66,4% dos dados e peso relativo de 0.408. Esses resultados vão ao encontro da concepção de que as mulheres tendem a apresentar um comportamento linguístico mais conservador, optando, na maioria das vezes, pela variante de prestígio social (COELHO *et al.*, 2015), que é aplicação da regra de concordância, e não a forma estigmatizada, que se revela por meio da ausência de concordância.

Retomando o perfil social das doze mulheres que entrevistamos, vamos perceber que metade delas estão em plena atividade profissional. Quatro mulheres são professoras, sendo uma aposentada, e duas delas ainda estão cursando a educação básica, pois ficaram um tempo sem estudar e, agora, retornaram à escola. Além de termos entrevistado quatro professoras, também há uma psicóloga recém formada, profissões em que geralmente há um maior cuidado com a linguagem, optando-se pelas variantes de prestígio.

Em trabalhos como os de Scherre (1988), Fernandes (1996), Santos (2010), Lopes (2014), Moreira e Vianna (2018) e Martins e Coelho (2019), a variável sexo foi uma das selecionadas como mais relevantes. A tendência geral apresentada por esses trabalhos é a de que as mulheres favorecem a aplicação da regra de concordância, como confirmamos em nossos resultados.

3.1.4 Cruzamento dos fatores sociais

Muitas vezes, a fim de melhor descrever o fenômeno linguístico que se pretende investigar, faz-se necessário que as variáveis independentes sejam analisadas a partir de suas possíveis correlações. Desse modo, propomos o cruzamento dos fatores sociais que

analisamos nesta seção, a fim de explorarmos esses fatores de maneira mais abrangente, dentro das possibilidades de análise que eles oferecem. Na tabela 7, temos os resultados obtidos por meio do cruzamento dos fatores sociais sexo e escolaridade.

Tabela 7 – Cruzamento dos fatores sexo e escolaridade

Sexo e escolaridade	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)
Mulher com ensino fundamental	474/865	54,8
Mulher com ensino superior	967/1039	93,1
Homem com ensino fundamental	271/730	37,1
Homem com ensino superior	945/1101	85,8
Total	2.657/3.735	71,1

Na rodada que fizemos com o cruzamento dos fatores sociais, o programa excluiu o grupo 1, que corresponde ao cruzamento entre sexo e escolaridade. No entanto, mesmo que o programa tenha excluído esse grupo, optamos por apresentar uma tabela com os valores absolutos e as porcentagens referentes a ele, visto que tais resultados confirmam a importância do grau de escolaridade como um fator social que motiva a aplicação da regra de concordância de número no SN.

Se compararmos as porcentagens, notamos que as mulheres com ensino superior foram as que mais aplicaram a regra de concordância, em 93,1%, enquanto o índice de aplicação da regra na fala das mulheres com escolaridade baixa é de 54,8%, uma diferença relativamente considerável. Essa diferença também é perceptível na fala dos homens, já que a aplicação da regra foi predominante na fala dos homens com ensino superior. Além disso, percebemos que os percentuais referentes à presença de concordância na fala das mulheres são maiores em relação à fala dos homens.

Na tabela 8, propomos o cruzamento dos fatores sociais sexo e faixa etária.

Tabela 8 – Cruzamento dos fatores sexo e faixa etária

Sexo e faixa etária	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Mulheres entre 18 e 25 anos	413/568	72,7	0.555
Mulheres entre 30 e 45 anos	567/679	83,5	0.637
Mulheres acima de 50 anos	461/657	70,2	0.571
Homens entre 18 e 25 anos	420/567	74,1	0.473
Homens entre 30 e 45 anos	408/517	78,9	0.577
Homens acima de 50 anos	388/747	51,9	0.256
Total	2.657/3.735	71,1	

Tendo em vista a tabela 8, podemos perceber a importância dos fatores sociais sexo e faixa etária na análise da concordância nominal de número, já que, assim como no cruzamento anterior, entre sexo e escolaridade, neste, as mulheres com idade entre 30 e 45 anos favorecem a aplicação da regra de concordância, com peso relativo de 0.637. Por outro lado, os homens acima de 50 anos apresentam um percentual baixo para a aplicação da regra, com peso relativo de 0.256. Na tabela 9, expomos os resultados referentes ao cruzamento dos fatores sociais faixa etária e escolaridade.

Tabela 9 – Cruzamento dos fatores faixa etária e escolaridade

Faixa etária e escolaridade	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
18 a 25 anos - ensino fundamental	240/507	47,3	0.188
18 a 25 anos - ensino superior	593/628	94,4	0.822
30 a 45 anos - ensino fundamental	298/475	62,7	0.232
30 a 45 anos - ensino superior	677/721	93,9	0.733
Acima de 50 anos - ensino fundamental	207/613	33,8	0.160
Acima de 50 anos - ensino superior	642/791	81,2	0.692
Total	2.657/3.735	71,1	

Como podemos notar, nas três faixas etárias, a aplicação da regra de concordância ocorre em maior índice na fala dos informantes com ensino superior, com pesos relativos de 0.822, 0.733 e 0.692, respectivamente. Santos (2010), ao propor esse cruzamento, encontrou um resultado divergente, já que os jovens com ensino superior apresentaram um percentual de 47% para a aplicação da regra de concordância. A autora conclui que “os adultos e os idosos com nível de escolaridade superior se preocupam mais com a norma padrão do que os jovens” (SANTOS, 2010, p. 94). Os nossos resultados divergem, já que os mais jovens (entre 18 e 25 anos), tanto com ensino fundamental quanto com ensino superior, estão à frente dos idosos na aplicação da regra de concordância, conforme a tabela 9.

Tendo em vista esses resultados, levantamos a hipótese de que, em Montes Claros, a concordância nominal de número constitui-se um fenômeno de variação estável, e não de mudança em progresso, já que esta tende a ser motivada pelos falantes mais jovens. Como em nossos dados os mais jovens favorecem a presença de concordância, que é a forma conservadora, e os falantes mais velhos a desfavorecem, isso quer dizer que há uma modificação no comportamento do indivíduo com o passar dos anos, mas a comunidade continua estável (NARO, 2003).

3.2 Os fatores linguísticos

Nesta seção, expomos os resultados obtidos em relação aos fatores linguísticos que testamos na análise não atomística: a função sintática do SN; a localização do SN em relação ao verbo; o grau do elemento nuclear; a animacidade do referente e o tipo de nome. Ademais, discutimos sobre a influência dos nomes gerais como uma categoria que propulsiona a ausência de concordância de número no interior do SN, objetivo específico que delineamos para esta pesquisa.

Conforme mencionamos anteriormente, os fatores função sintática e tipo de nome foram excluídos pelo programa. Desse modo, as variáveis linguísticas selecionadas são: (1) animacidade do referente; (2) grau do elemento nuclear; (3) localização do SN em relação ao verbo, considerando a ordem de relevância estatística.

3.2.1 A animacidade do referente

Entre os fatores linguísticos da análise atomística, a animacidade do referente foi o primeiro fator selecionado pelo *GoldVarb X*. Isso quer dizer que, estatisticamente, essa variável se mostrou relevante na análise da presença/ausência de concordância. Vejamos os resultados referentes a esse fator na tabela 10.

Tabela 10 – A influência do fator animacidade do referente

Animacidade do referente	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
[+animado +humano]	793/1.072	74	0.601
[+animado –humano]	91/108	84,3	0.700
[–animado]	1.773/2.555	69,4	0.448
Total	2.657/3.735	71,1	

Analisando os dados da tabela 10, verificamos que os referentes que possuem traços semânticos [+animado –humano] favorecem a aplicação da regra de concordância, com um peso relativo de 0.700. Por outro lado, os referentes que mais desfavorecem a aplicação da regra de concordância são aqueles que possuem o traço [–animado], com um peso relativo abaixo de 0.5 (0.448). Esses resultados não endossam completamente a nossa hipótese, já que esperávamos que os referentes com traços [+animado +humano] fossem os mais propensos a receberem marcas de concordância, o que não aconteceu.

Retomando os dados, notamos que os referentes com traços [+animado –humano], em sua grande maioria, são lexemas que denotam animais e que aparecem durante a descrição das imagens, ao final da entrevista. Na tentativa de explicar esses resultados, pode ser que a descrição das imagens tenha conduzido o informante a uma fala mais monitorada, já que o mesmo tinha que se concentrar no que estava representado nas figuras. Outra indicação desse monitoramento é a fala bem mais pausada e atenta durante a descrição das imagens, aspecto que observamos durante as gravações das entrevistas. Atenhamo-nos aos exemplos de (186) a (189).

- (186) a imagem basicamente uma pessoa no cavalo na beira de um rio com imagem de [vários **animais**] (MOC 1 – T.A).

- (187) as nuvens tão fazendo formato de um urso no céu [alguns **pássaros**] os gansos e parece ser uma / uma árvore uma floresta (MOC 7 – A.R).
- (188) mas acho que é água lá em cima tá cain[d]o... tem [uns **pássaroØ**]... um tigre né (MOC 12 – M.S).
- (189) deixa eu ver acho que vi [dois **liãoØ**] aqui já dois urso tartaruga jacaré cavalo viche tem urso demais (MOC 13 – A.J).

Brandão (2011) e Moreira e Vianna (2018, p. 101), ao controlarem a animacidade do núcleo nominal, verificam que os itens com traço semântico [+animado], em que predomina o traço [+humano] são menos sujeitos ao apagamento das marcas de número do que os de traços [-animado].

3.2.2 O grau do elemento nuclear

Na tabela 11, expomos os resultados em relação ao fator grau do elemento nuclear. Entre os fatores linguísticos, esse foi o segundo grupo selecionado.

Tabela 11 – A influência do fator grau do elemento nuclear

Grau do elemento nuclear do SN	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Normal	2.646/3.698	71,6	0.505
Diminutivo e aumentativo	11/37	29,7	0.125
Total	2.657/3.735	71,1	

Conforme podemos notar na tabela 11, o grau normal tem um leve favorecimento quanto à aplicação da regra de concordância (peso relativo de 0.505), enquanto o grau aumentativo/diminutivo, que são alterações morfológicas no elemento, desfavorecem a presença de concordância nominal de número (peso relativo de 0.125). Em (190) e (191), temos exemplos do grau normal; em (192) e (193), do diminutivo; em (194) e (195), os únicos exemplos de aumentativo que identificamos no *corpus*.

- (190) gosto de ir numa pizzaria gosto de ir num rodízio gosto d[as minhas **amizades**] gosto de tudo (MOC 18 – L.F).

- (191) ah eu gosto de Montes Claro por causa de [minhas **amizadeØ**] uma cidade boa (MOC 18 – L.F).
- (192) jogar peteca na rua futebol na casa dos vizinhos aí depois quando eu encontrei [algumas **amiguinhas**] né brincar de casinha buneca essas coisas (MOC 6 – L.V).
- (193) [os **amiguinhoØ** dela] [as **amiguinhaØ** dela] mesmo vai lá em casa chamar ela ela fala "ah não vo[u] ficar aqui com Bu" (MOC 15 – B.E).
- (194) na minha vez eu fui e caí quebrei o braço e... e a o[u]tra foi a cavalo mesmo... mais eram nas férias mesmo [essas **brincaderonas** mais pesadas] (MOC 6 – L.V).
- (195) às vez a pessoa nem tem muita necessidade pega os miores emprego né os fi d[os **grandãoØ**] e o pobre fica lutan[d]o (MOC 8 – A.F).

Em Scherre (1988), Fernandes (1996) e Lopes (2014), encontramos resultados semelhantes aos nossos em relação a esse fator, já que, nesses trabalhos, o grau normal também se mostrou um contexto favorecedor da concordância de número no SN. Em Fernandes (1996), a autora também considerou o diminutivo e o aumentativo numa única categoria, com um peso relativo de somente de 0.22 para a aplicação da regra, enquanto essa aplicação para o grau normal resulta em 0.51.

Conforme Scherre (1988, p. 267), “o diminutivo tem, ao lado da carga semântica “tamanho pequeno”, também a carga de “afetividade” e de “pejorativo”, que, na visão da autora, “são traços que coadunam perfeitamente com o traço da informalidade”. Desse modo, levantamos a hipótese de que essas alterações morfológicas que acontecem no grau aumentativo/diminutivo bloqueiam a concordância porque são formas mais utilizadas em contextos informais.

3.2.3 A localização do SN em relação ao verbo

O fator localização do SN em relação ao verbo foi o terceiro grupo selecionado pelo programa na análise não atomística. Na tabela 12, expomos os resultados obtidos em relação a esse fator.

Tabela 12 – A influência do fator localização do SN em relação ao verbo

Localização do SN em relação ao verbo	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Localização à esquerda	717/1.063	67,5	0.420
Localização à direita	1.649/2.288	72,1	0.526
Localização indistinta	291/384	75,8	0.570
Total	2.657/3.735	71,1	

Os resultados da tabela 12 apontam que os SNs com localização indistinta são favorecedores da marcação de concordância (peso relativo de 0.570). Também refutamos a nossa hipótese de que os elementos à esquerda são mais propensos a receberem as marcas de concordância, já que o menor percentual de aplicação da regra se deu nos SNs à esquerda do verbo (peso relativo de 0.420).

Em Scherre (1988), a autora encontrou resultados opostos aos nossos, já que o maior índice de presença da concordância foi verificado nos SNs à esquerda da oração, e os menos marcados foram os de localização indistinta. Moreira e Vianna (2018) também verificaram a influência desse fator e, assim como Scherre (1988), constataram que os SNs à esquerda são mais propensos a receberem as marcas de concordância do que os que são localizados à direita.

Aqui vale ressaltar que os pesos relativos para as três localizações do SN estão bem próximos a 0.5, isto é, não há uma diferença significativa entre os pesos. Em função desse resultado, levantamos a hipótese de que talvez não seja um fator tão atuante no que diz respeito à variação de concordância nominal de número.

3.2.4 A função sintática do SN

A função sintática do SN não foi um fator selecionado pelo *GoldVarb X*. Por meio do contato com outros trabalhos, como o de Scherre (1988), percebemos que, de fato, esse não tem sido um fator relevante na análise do fenômeno variável da concordância nominal de número. Contudo, tínhamos a expectativa de que esse fator se mostrasse relevante em nossos dados, o que não aconteceu.

3.2.5 O tipo de nome

O fator tipo de nome também não foi selecionado pelo programa como um grupo estatisticamente relevante. Porém, como pretendemos explorar de modo mais detalhado a influência dos nomes gerais na presença/ausência de concordância nominal de número, que é um dos nossos objetivos específicos, expomos, na tabela 13, os resultados absolutos e percentuais obtidos.

Tabela 13 – A influência do fator tipo de nome

Tipo de nome	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)
Nome comum	2.014/2.779	72,5
Nome próprio	250/357	70
Nome geral	393/599	65,6
Total	2.657/3.735	71,1

Analisando os resultados da tabela 13, a nossa hipótese inicial foi refutada, já que, diferentemente do que esperávamos, o grupo dos nomes gerais não favoreceu a ausência de concordância. É interessante observar que os nomes comuns favorecem levemente a aplicação da regra de concordância se fizermos uma comparação com os nomes próprios e nomes gerais. Ainda que esse fator não tenha sido selecionado pelo programa, podemos perceber que o menor percentual para a aplicação da concordância está na tipologia dos nomes gerais (65.6%). Na próxima subseção, propomos o cruzamento dos fatores tipo de nome e animacidade.

3.2.6 Cruzamento dos fatores animacidade do referente e tipo de nome

Como estamos lidando com a categoria dos nomes gerais, o fator animacidade se faz muito importante na análise desses nomes em relação à variação da concordância de número no SN, já que, em sua referência genérica, podem possuir diferentes traços. Desse modo, na tentativa de fazer uma análise mais completa dos nomes gerais, apresentamos na tabela 14 o cruzamento dos fatores animacidade do referente e tipo de nome.

Tabela 14 – Cruzamento dos fatores animacidade do referente e tipo de nome

Tipo de nome e animacidade	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Nome comum [+animado –humano]	91/108	84,3	0.680
Nome comum [+animado +humano]	521/732	71,2	0.496
Nome comum [–animado]	1.401/1.936	72,4	0.510
Nome geral [+animado +humano]	269/337	79,8	0.612
Nome geral [–animado]	125/265	47,2	0.263
Nome próprio [–animado]	247/354	69,8	0.479
Total	2.654/3.732	71,1	

De acordo com a tabela 14, os nomes comuns com traços [+animado –humano] foram os que mais motivaram a presença de concordância, com um peso relativo de 0.680 para a aplicação da regra. Chamou-nos a atenção o fato de os nomes comuns com traços [+animado +humano] apresentarem peso relativo abaixo de 0.5 para a aplicação da regra de concordância (0.496), pois esperávamos que o traço [+humano] motivasse a aplicação da regra em nossos dados. No que diz respeito aos nomes próprios, só identificamos casos com o traço [–animado] indicando nomes de lugares. Também é interessante verificar que os nomes próprios apresentaram peso relativo abaixo de 0.5 para a aplicação da regra (0.479), já que não são nomes prototípicos em relação à não marcação de concordância. Vejamos os exemplos de (196) a (199).

(196) um acontecimento que marcou a história de [**Montes Claros?**] ah [**Montes Claros**] teve tanta evolução (MOC 24 – L.M)

(197) não... que acho que [**Montes ClaroØ**] pra mim aqui acho que nunca aconteceu nada assim muito sério sei lá... (MOC 12 – S.A)

(198) bem pouco... a única cois[a] / as coisa que eu sei que era o famoso Arraiá d[**as Formigas**] e disso aí éh... (MOC 10 – A.P)

(199) eu aprendi na escola aí eu fiquei sabem[d]o mais Arraiá d[as FormigaØ]
aí vei[o] crescen[d]o vei[o] crescen[d]o (MOC 14 – M.D).

3.2.7 Os nomes gerais e a concordância nominal de número

Nesta subseção, analisamos os nomes gerais e suas possíveis influências no que diz respeito à variação de concordância nominal de número nos dados de Montes Claros. Inicialmente, por meio dos filtros disponíveis na planilha do Excel, selecionamos todos os SNs com nomes gerais e fizemos uma nova codificação, considerando o conjunto dos seis nomes que identificamos no *corpus*: *pessoa*, *coisa*, *trem*, *povo*, *negócio* e *cara*. Vejamos a frequência desses nomes na tabela 15.

Tabela 15 – Nomes gerais em contexto de plural identificados no corpus

Nome geral	Número de ocorrências
Pessoa	316
Coisa	212
Trem	49
Povo	15
Negócio	4
Cara	3
Total	599

Na primeira rodada no *GoldVarb X*, o programa apontou *KnockOut*²⁷ negativo para os nomes *trem*, *povo* e *cara*, já que não receberam a marca de concordância em nenhuma das ocorrências, o que evidencia 100% de não aplicação da regra. Assim, eliminamos os *KnockOut*, a fim de obtermos os pesos relativos em relação à aplicação da regra para os demais nomes, conforme a tabela 16. Como obtivemos somente quatro ocorrências de *negócio*, optamos por realocar esse nome num único grupo com *coisa*, já que podem ser consideradas formas variantes (AMARAL e RAMOS, 2014).

²⁷ Um *KnockOut* acontece quando há uma frequência de 0% ou de 100% para um dos valores da variável dependente. Nesses casos, a regra é categórica quanto à sua aplicação e/ou não aplicação (GUY e ZILLES, 2007).

Tabela 16 – A influência dos nomes gerais na presença/ausência de concordância

Nome geral	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Pessoa	267/316	84,5	0.629
Coisa e Negócio	126/216	58,3	0.316
Total	393/532	73,9	

Conforme podemos perceber nos resultados da tabela 16, o nome geral *pessoa* foi o que mais favoreceu a presença de concordância no SN, já que obteve um peso relativo de 0.629 para a aplicação da regra. Por outro lado, o peso relativo à aplicação da regra para os nomes *coisa* e *negócio* é de apenas 0.316, ou seja, são itens desfavorecedores da presença de concordância nominal de número, em relação à *pessoa*.

A fim de interpretarmos esses resultados, podemos associá-los ao fator linguístico animacidade do referente, que já discutimos nas subseções 3.2.1 e 3.2.6. Se retomarmos, de modo específico, a tabela 14, em que expomos os resultados em relação ao cruzamento dos fatores animacidade e tipo de nome, vamos notar que, no conjunto dos nomes gerais, os que mais favorecem a aplicação da regra de concordância são aqueles que possuem os traços semânticos [+animado +humano] (peso relativo de 0.612), enquanto os que mais desfavorecem a concordância apresentam o traço [–animado] (peso relativo de 0.263).

Portanto, o alto percentual de aplicação da regra para o nome *pessoa* pode ser explicado tendo-se em vista o fator animacidade, já que se trata de um nome com os traços [+animado +humano]. Além desse aspecto semântico, temos que considerar a questão do grau de formalidade dos substantivos, já discutido em Scherre (1988). A autora adota a hipótese de que “os nomes [+concretos], [+específicos] e [+contáveis] apresentam maiores índices de concordância do que [+abstratos], [+genéricos] e [–contáveis]” (SCHERRE, 1988, p. 265), o que corrobora parcialmente os nossos resultados em relação aos nomes gerais.

Retomando a tabela 1, no capítulo da fundamentação teórica, podemos verificar os resultados obtidos por Scherre (1988) em relação à presença/ausência de concordância para os itens *pessoa* e *coisa*, que, conforme a autora, foram os mais e menos marcados, respectivamente. Ao analisar o percentual da presença de concordância para o nome *cara*,

com traço [+humano], Scherre (1988) verifica que esse item estava tão pouco marcado quanto o nome *coisa*, que possui o traço [-humano].

Se os nomes *pessoa* e *cara* possuem o traço [+humano], Scherre (1988) esperava que o nome *cara* também apresentasse alto índice de concordância. Sendo assim, a autora questiona se seria o fator semântico animacidade que estaria condicionando a variação na concordância ou o grau de formalidade léxica, já que o nome *cara* é [-formal] em relação à *pessoa*. Em nosso *corpus*, só encontramos três ocorrências de *cara* em contexto de plural, sendo todas não marcadas. Vejamos os exemplos (200) a (202):

- (200) [esses **cara** que / que pôs aquelas bomba] né? no corpo né pra acabar com os ôto... muita gente ali / aquilo ali é porque num tem Deu (MOC 12 – M.S).
- (201) ês corre atrás de tipo [aquês **cara** do mal] que faz o mal tipo assim (MOC 14 – M.D).
- (202) uma barbearia [dois **cara**] aqui um len[d]o uma revista o ôto fuman[d]o esperan[d]o a hora dele ser atendido (MOC 23 – D.T).

Ainda considerando o aspecto da formalidade léxica proposto por Scherre (1988), notamos que, em nosso *corpus*, os nomes com menor grau de formalidade foram os que não receberam marca de concordância em nenhuma ocorrência, ou seja, são os casos que apresentaram *KnockOut* negativo para a aplicação da regra. Trabalhos que já analisaram o comportamento morfossintático do item *trem*, como Amaral e Ramos (2014) e Amaral (2014), por exemplo, indicam que, de fato, esse elemento tende a não apresentar marcas de plural quando utilizado em sua acepção genérica.

Com o intuito de tentarmos aplicar essa proposta de Scherre (1988) em relação à formalidade léxica na análise dos nomes gerais, vamos considerar a proposta de Amaral e Ramos (2014) para o tratamento variacionista desses nomes. Vejamos o quadro 13.

Quadro 13 – Nomes gerais em variação

Nome geral	Formas variantes
<i>trem</i>	coisa
	trem
<i>negócio</i>	coisa
	negócio

Fonte: elaborado a partir de Amaral e Ramos (2014, p. 101)

Na proposta de Amaral e Ramos (2014), *coisa* e *trem* são formas variantes de *trem*; e *coisa* e *negócio* são formas variantes de *negócio*. Neste trabalho, analisando as ocorrências particulares do nosso *corpus*, vamos considerar esse proposta teórica e acrescentar os itens *povo*, *cara* e *pessoa* como nomes que são utilizados na referência a seres humanos, mas não como formas variantes, já que nem sempre são intercambiáveis. *Povo*, por exemplo, possui o traço [+coletivo] que *cara* e *pessoa* não possuem.

No *corpus*, também identificamos 58 ocorrências do nome *pessoal* em uma acepção genérica, em contextos nos quais se pode substituir por *povo*, já que esses dois itens lexicais possuem o traço [+coletivo], como podemos verificar em (203) a (206).

(203) um pouquinho lá / lá em casa [o **pessoal**] foi criativo (MOC 1 – T.A).

(204) por isso que eu falei que eu tô desacreditado com política porque [o **pessoal**] acaba entran[d]o na pilha de que eu quero defender o meu lado o seu lado que se exploda pra lá... (MOC 2 – J.B).

(205) eu acho que sou só eu e mais uma prima que entrou né que fez faculdade uma não mais duas ah agora sim [o **pessoal**] tá começando a fazer (MOC 5 – B.F).

(206) eu lembro daquilo ali sabe [o **pessoal**] caçan[d]o a mãe choran[d]o caçan[d]o todo mundo caçan[d]o aquilo ali marcou viu (MOC 12 – M.S).

Em nosso *corpus*, também encontramos duas ocorrências do nome geral *galera*, que possui o traço [+coletivo]. Por mais que não possua a morfologia de número, mas a sua semântica indica uma pluralidade, uma vez que se trata de um conjunto de pessoas. Vejamos o exemplo (207), com as duas ocorrências do nome *galera*.

(207) nos primeiros [a **galera**] fico[u] bastante aflita né porque num sabia o que poderia acontecer mas nos outros que () é mais fraco né num subiu tanto assim na / na escala [a **galera**] num / só comenta “ah cê viu o tremor de ontem” intão ah vi não não vi aí fica por aquilo mesmo num é uma coisa que volto[u] e que tá preocupan[d]o sabe agora deu uma acalmada (MOC 2 – J.B).

Sendo assim, propomos, no quadro 14, uma possível classificação para os nomes gerais no que diz respeito ao grau de formalidade que eles possuem. Apesar de não termos considerado *pessoal* e *galera* na análise da concordância, inserimos esses nomes em nosso parâmetro de classificação, a fim de deixar uma contribuição no que tange ao estudo desses itens que são produtivos no português brasileiro.

Quadro 14 – Grau de formalidade dos nomes gerais

Nome geral	Formas variantes e grau de formalidade
<i>trem</i>	coisa [+formal] [-formal]
	trem [-formal]
<i>negócio</i>	coisa [+formal] [-formal]
	negócio [-formal]
Nomes gerais para humanos	Grau de formalidade
<i>pessoa</i>	[+formal] [-formal]
<i>cara</i>	[-formal]
<i>povo</i> ²⁸	povo [-formal] [+formal]
	peçoal [-formal]
	galera [-formal]

Fonte: elaborado pelo autor.

Elaboramos a classificação apresentada no quadro 14 com a finalidade de tentar estabelecer um parâmetro em relação ao grau de formalidade léxica para os nomes gerais e verificar se a hipótese de Scherre (1988) é procedente em nossos dados, isto é, se os nomes gerais com traço semântico [+formal] favorecem a aplicação da regra de concordância.

O nome *coisa*, prototípico na categoria dos nomes gerais (AMARAL e RAMOS, 2014), pelo que se verifica na língua em uso, pode ocorrer em situações com maior ou menor grau de formalidade. Retomando a proposta de Amaral e Ramos (2014), em que *coisa* e *trem* são formas variantes, vamos notar que, em nossos resultados, nenhuma ocorrência de *trem* recebeu a marca de plural, enquanto *coisa* pode ou não ser marcado. Vejamos, inicialmente, os exemplos de (208) a (210), do nome *trem*:

- (208) eu num sei se eu me sinto / como é que eu me sentiria se eu tivesse nesse barco aqui com [os **trem** tudo] afundan[d]o (MOC 11 – S.A).
- (209) meus menino ês gosta muito daqueles esporte radicais aí eles senta e assiste [esses **trem**] né (MOC 13 – A.J).
- (210) tem uma estátua tem um barco tem [ôtos **trem** quebrado] aqui tem uma carroça eu acho (MOC 14 – M.D).

²⁸ Nesta dissertação, também estamos considerando *povo* como [+formal] porque identificamos várias ocorrências desse nome em uma amostra de discurso político com a qual estamos trabalhando atualmente.

Amaral (2014), ao estudar o nome *trem* em dados de língua falada, também não encontrou nenhuma ocorrência desse item com a marca de plural. O autor afirma que, “mesmo nos casos em que há um determinante no plural, artigo ou demonstrativo, a forma *trem* aparece no singular” (AMARAL, 2014, p. 35).

Em (211) e (212), vejamos a variação na concordância em relação ao nome *coisa*:

(211) intão de uma certa forma eu concordo com [algumas **coisas**] que o governo que tá aí que eu votei nesse governo (MOC 13 – A.J).

(212) ah eu trabaiava tipo revenden[d]o [as **coisa**Ø] para o[u]tras pessoas aí eu ganhava a porcentage[m] da mercadoria (MOC 14 – M.D).

Em relação à forma variante *negócio*, só identificamos quatro ocorrências em nosso *corpus*, sendo que a presença da concordância ocorreu somente em uma dessas ocorrências. Tomemos os exemplos (213) a (216).

(213) acho que tem sho / tem shows aí tem comidas típicas tem os catopé né que vem [vários **negócios**] (MOC 17 – M.N).

(214) cê fala objetos igual [esses **negoco**Ø] aqui? eu vejo um rosto aqui tam[b]ém (MOC 17 – M.N).

(215) eu vejo [os **negoco**Ø de água] aqui tem a árvore eu consigo ver um rosto aqui também na árvore (MOC 17 – M.N).

(216) a Denise tem os trabalho dela mesmo mexe cum [uns **negoco**Ø dela lá] vende umas coisinha lá e a Débora trabáia na faculdade Santo Agostinho (MOC 8 – A.F).

À guisa de conclusão, os nomes *trem* e *negócio*, que possuem o traço [–humano] e [–formal], em nossos dados, propulsionaram a ausência de concordância de número no SN, sendo que, para o nome *trem*, a não aplicação da regra é categórica.

No que diz respeito aos nomes gerais para humanos, notamos que *pessoa*, que é mais formal em relação a *cara* e *povo*, favorece a aplicação da regra de concordância. Atenhamo-nos aos exemplos (217) e (218).

(217) então geralmente tem essa visão que é isso se torna uma repugnância diante d[as outras **pessoas**] (MOC 10 – A.P).

- (218) [muitas **pe^{so}as**] fica agressivo [muitas **pe^{so}as**] cê num pode tirar o telefone [muitas **pe^{soa}Ø**] entra em depressão suicida (MOC 15 – B.E).

O exemplo (218) é interessante porque nos permite perceber um contexto em que o mesmo informante ora utiliza o morfema de plural ora não o utiliza, deixando evidente que se trata de um fenômeno variável.

No que diz respeito aos nomes *cara* e *povo*, que são menos formais em relação à *pessoa*, notamos que esses itens condicionam a não aplicação da regra de concordância. Em nossos dados, não houve nenhum contexto de plural em que *cara* e *povo* tenham sido marcados. Vejamos os exemplos (219) – (221), do item *povo*, visto que as ocorrências de *cara* já apresentamos.

- (219) aí ês foi e abandonaro o motel e [os **povo**Ø] saqueo[u] tudo que tinha dent[r]o do motel aí oh (MOC 16 – M.R).

- (220) mais [os **povo**Ø] tá que um quer roubar mais do que o ôto né minha opinião cada um tem sua opinião né (MOC 18 – L.F).

- (221) é porque na época que ela foi embora foi uma / uma briga que teve lá [uns **povo**Ø] quis bater no irmão dela (MOC 17 – M.N).

Ao analisarmos o comportamento de *pessoa*, *povo* e *cara* como formas usadas na referência a seres humanos, notamos que a proposta de Scherre (1988) em relação à formalidade léxica também se aplica, uma vez que *pessoa*, mais formal se comparado à *cara* e *povo*, foi o nome geral que mais recebeu a marca de concordância.

Amaral e Lourenço (2015), ao analisarem aspectos gramaticais do nome *cara*, apontam que, em relação à marca de número [-s], esta ocorre com maior frequência nos determinantes do SN (artigos ou demonstrativos), e não no núcleo nominal, ou seja, trata-se de um nome que tende a ser utilizado sem a marca de concordância.

Amaral e Mihatsch (2019) analisam os itens *pessoa*, *pessoal* e *povo* no português brasileiro e também fazem menção ao aspecto morfossintático variável da concordância nominal de número nos contextos em que esses nomes são os núcleos nominais. Conforme os autores, o fato de *pessoa* ser um substantivo mais utilizado em contextos formais pode explicar a retenção da marcação de plural. Assinalam, no entanto, que, no *corpus* que analisaram do português coloquial, esse nome aparece frequentemente sem a marca de número plural e que a omissão dessa concordância pode ser um indicativo do início de um processo de pronominalização.

A seguir, discutimos brevemente sobre uma possível influência do grau dos nomes gerais na presença/ausência de concordância nominal de número. Vejamos a tabela 17.

Tabela 17 – A influência do grau dos nomes gerais na presença/ausência de concordância

Grau do nome geral	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Normal	392/525	74,7	0.507
Diminutivo	1/7	14,3	0.104
Total	393/532	73,9	

Observando os resultados da tabela 17, podemos notar que os nomes gerais com grau normal favorecem a aplicação da regra de concordância, com peso relativo de 0.507, enquanto o grau diminutivo desfavorece a aplicação da regra, com um peso relativo de apenas 0.104. Não identificamos no *corpus* nomes gerais em contexto de plural com grau aumentativo. Vejamos, em (222) e (223), os exemplos de nomes gerais com grau normal:

(222) cê encontra [as **pessoas**] com mais facilidade chega nos lugares com mais facilidade (MOC 20 – J.M).

(223) pra você vê que surgiu aí por inteligência de [**algumas pessoa**Ø] o Uber que ajudou muito (MOC 22 – G.M).

Entre os nomes gerais que encontramos no *corpus*, o único que aparece em sua forma diminutiva é *coisa*, conforme os exemplos (224) e (225).

(224) sim eu tenho [minhas **coisinhas**] que eu gosto de fazer aqui mesmo (MOC 4 – M.V).

(225) ah sempre acontece [algumas **coisinha**Ø] que cê num fica meio chateado né (MOC 8 – A.F).

Em (224), o nome geral *coisinhas* faz referência, possivelmente, a atividades que a informante desenvolve em seu dia a dia, mas não é possível recuperar quais são essas atividades, tendo em vista o alto grau de abstração presente no nome. No exemplo (225),

o informante faz referência a fatos que já aconteceram em sua vida e, por algum motivo, fizeram com que ele ficasse chateado, mas, também, não é possível identificar quais são esses fatos.

Enfim, concluímos que o grau dos nomes gerais segue a tendência dos nomes comuns, em que o grau normal favorece levemente a aplicação da regra de concordância. Como a quantidade de dados de nomes gerais com grau diminutivo é bem pequena, não podemos fazer afirmações categóricas neste momento. Outros estudos, com uma maior quantidade de dados, podem ser feitos a fim de verificar a influência do grau dos nomes gerais na análise da concordância nominal de número.

Na tabela 18, apresentamos os resultados que obtivemos ao analisar uma possível influência do contexto anafórico/não anafórico na variação de concordância nominal de número em SNs com nomes gerais. Optamos por fazer essa análise porque, no contato com os dados, observamos que havia uma produtividade de nomes gerais em contexto anafórico, principalmente do nome geral *trem*. Vejamos os resultados.

Tabela 18 – Nomes gerais em contexto anafórico/não anafórico

Nome geral em contexto anafórico / não anafórico	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)
Contexto anafórico	22/38	57,9
Contexto não anafórico	371/494	75,1
Total	393/532	73,9

Ao rodarmos os dados no *GoldVarb X* somente com os nomes gerais, a variável contexto anafórico/não anafórico não foi selecionada, por isso não obtivemos os pesos relativos. No entanto, como o tratamento desses nomes em nosso trabalho tem um caráter inovador, cada resultado obtido em relação a esses itens tem a sua relevância de pesquisa. Desse modo, por meio da tabela 18, podemos notar que o contexto não anafórico favorece a presença da concordância, com um percentual de 75,1%. Por outro lado, o percentual de aplicação da regra para o contexto anafórico é relativamente menor (57,9%). Esses resultados podem ser explicados justamente pelo fato de que, na maioria dos casos, o contexto de retomada se dá com o nome geral *trem*, para o qual a regra de concordância

foi categórica no que tange à sua não aplicação. Tomemos os exemplos de (226) a (228), com nomes gerais em contexto anafórico.

- (226) o pessoal vê como espíritos almas de mortos [essas **coisas**] nisso eu num acredito (MOC 1 – T.A).
- (227) hoje em alguns lugares aí o que você encontra é preconceito racismo [essas **coisa**Ø] falta de respeito com o próximo (MOC 22 – G.M).
- (228) porque muitas crianças tão perdendo a infância por causa de internet né telefone [esses **trem**Ø] (MOC 17 – M.N).

Nos exemplos de (226) a (228), podemos verificar o uso dos nomes gerais *coisa* e *trem* em contexto anafórico. Conforme Scherre (1988), esses nomes estariam exercendo uma função textual resumitiva, já que retoma um conjunto de informações que foram ditas anteriormente. No referido trabalho, a autora verificou que os contextos de função resumitiva (anafórico) são mais propensos a não receberem as marcas de concordância, uma vez que “eles acrescentam pouco, ou quase nada de novo, à mensagem transmitida, podendo, portanto, vir menos marcados em risco de se perder informação” (SCHERRE, 1988, p. 263).

Em Amaral (2014), o autor considera *trem* como um elemento fórico e, na maioria dos dados (78,3%), esse nome geral foi identificado em contexto anafórico, o que também ocorre em nosso *corpus*. Nesse sentido, vale retomar a proposta de Francis (2003), a que fizemos referência no capítulo 2, pois o autor considera que itens como esses são rótulos retrospectivos, uma vez que rotulam e/ou reúnem um conjunto de informações que foram ditas anteriormente em passagens do discurso.

Reis (2018), ao analisar o item *trem* numa abordagem funcionalista, conclui que esse elemento possui, de fato, um papel fórico importante para a construção do texto, de modo que contribui para a continuidade referencial. A autora analisa esse nome geral no português goiano e sugere que se trata de um lexema que representa a identidade desse povo, assim como verificamos em Minas Gerais.

Duchowny e Soares (2019) propõem uma análise do nome geral *trem* a partir da perspectiva da gramática de construções, considerando o padrão frasal [trem + adjetivo]. As autoras analisam 1.000 ocorrências desse item retiradas do *Twitter*. O interessante é que encontram esse tipo de construção para a referência a seres humanos e verificam que, “no uso informal o padrão frasal [trem + adjetivo] faz referência a pessoas em contextos

em que não há depreciação do referente, como costuma ocorrer com o nome *trem* isoladamente” (DUCHOWNY e SOARES, 2019, p. 4909).

A partir da análise dos nomes gerais que propusemos nesta seção, demonstramos que a categoria dos nomes gerais é composta por elementos nominais heterogêneos que devem ser tratados de modos diferentes ao se analisar o fenômeno da concordância de número no âmbito do sintagma nominal, tendo em vista as especificidades linguísticas de cada nome.

Em síntese, o que fizemos foi explorar algumas possibilidades de análise em relação aos nomes gerais a partir dos dados que obtivemos e, dessa maneira, deixar uma contribuição de pesquisa no que diz respeito ao tratamento desses nomes, que vêm sendo investigados no português e em outras línguas também.

4 ANÁLISE DOS DADOS: perspectiva atomística

Neste capítulo, desenvolvemos a análise dos dados numa perspectiva atomística, já que consideramos cada elemento variável presente na estrutura interna do SN como um dado individual, e não o SN inteiro, como fizemos no capítulo 3. Desse modo, analisamos um total de 7.297 dados, verificando se o elemento recebeu ou não a marca formal de concordância, indicando o plural. Na tabela 19, temos os resultados globais referentes à presença/ausência de marcas de concordância nos elementos constitutivos do SN.

Tabela 19 – Presença/ausência de marcas de concordância nos elementos do SN

Presença ou ausência de marca	Nº de ocorrências	Porcentagem (%)
Presença de marca	6.183	84,7
Ausência de marca	1.114	15,3
Total	7.297	100

Como podemos verificar na tabela 19, dos 7.297 itens analisados, 6.183 foram marcados formalmente no que diz respeito à indicação de pluralidade, como no exemplo (229), o que corresponde a 84,7% dos dados. Apenas 15,3% dos elementos flexionáveis do SN não receberam a marca formal de concordância, como em (230).

(229) isso acaba descobrindo meios de ter acesso a **[coisas ilícitas]** que antes não tinha (MOC 1 – T.A)

(230) a educação ta aí... os professores tão aí né? aí vai depender né d[os **jovemØ**] d[os **estudanteØ**] né? (MOC 12 – M.S)

Na melhor rodada indicada pelo *GoldVarb*, o programa apontou todos os fatores como relevantes na análise da variável dependente. A ordem de relevância é a seguinte: (1) posição do elemento no SN; (2) a tonicidade do elemento; (3) a classe gramatical do elemento; (4) a saliência fônica; e (5) o contexto fonético-fonológico seguinte. De fato, conforme os estudos que descrevemos no capítulo 1, todos esses fatores vêm exercendo um papel muito importante na análise variável da concordância nominal de número.

4.1 A posição do elemento no SN

A posição do elemento no SN foi o primeiro fator apontado pelo programa como mais relevante do ponto de vista estatístico. De fato, se nos atentarmos para a diferença entre os pesos relativos, principalmente entre o maior e o menor peso, veremos que essa diferença é bem significativa. Observemos, na tabela 20, os resultados.

Tabela 20 – Influência do fator posição do elemento no SN

Posição	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
1ª posição	3067/3088	99,3	0.829
2.ª posição	2651/3592	73,8	0.243
3ª posição	408/547	74,6	0.212
4ª posição em diante	57/70	81,4	0.260
Total	6.183/7.297	84,7	

Na tabela 20, é possível percebermos a importância do fator posição do elemento na análise variável da concordância nominal de número, visto que a primeira posição favorece consideravelmente a manutenção das marcas formais de número plural, com um peso relativo de 0.829, enquanto a segunda, terceira e quarta posições apresentam um percentual muito baixo quanto à aplicação da regra, com pesos relativos de 0.243, 0.212 e 0.260, respectivamente. Vejamos os exemplos de (231) a (233), em que o item da primeira posição é marcado e os demais não.

- (231) eu mesmo agradeço a Deus [**meus filhoØ**] mesmo trabalha aqui / nunca nenhum ficou parado né? (MOC 12 – M.S).
- (232) se for comparar da época que ele cumeçou a depender do SUS até [**os últimoØ diaØ de vida dele**] que foi já tem cinco anos que ele faleceu (MOC 13 – A.J).
- (233) tira uma semana e vai conhecer Grão Mogol Francisco Dumont [**esses lugarzinhoØ mais pertoØ**] (MOC 13 – A.J).

Ao compararmos os nossos resultados com os de outras pesquisas, veremos que a primeira posição, de fato, favorece a manutenção das marcas formais de concordância.

Braga e Scherre (1976), Braga (1977), Scherre (1978), Lopes (2001) e Pinheiro (2012) concluíram que os elementos à esquerda do núcleo nominal tendem a favorecer a presença de marca. Conforme os resultados desses trabalhos, a primeira posição no SN é a mais propensa a receber o morfema de plural.

Em Lopes (2001), por exemplo, o peso relativo para a presença de marca nos elementos da primeira posição é de .85, resultado muito próximo ao que encontramos em nossa pesquisa, que é de 0.829. Em Pinheiro (2012), o peso relativo para o cancelamento de marca nos elementos de primeira posição é de somente .10, que é muito baixo e indica, portanto, que se trata de itens favorecedores da retenção do morfema de plural.

Pinheiro (2012, p. 130) afirma que “a ausência de marcas pode ser explicada pela lei do menor esforço, assim: se um falante marca a 1ª posição, não tem necessidade de sinalizar as outras, pois a informação contida no SN não é perdida caso o menor esforço se aplique”. Em relação a essa explicação, há a necessidade de novas pesquisas a fim de verificar sua procedência.

A seguir, descrevemos os resultados para o fator tonicidade do elemento.

4.2 A tonicidade do elemento

Na tabela 21, temos os resultados que obtivemos em relação à análise da variável tonicidade do elemento. Esse foi o segundo fator selecionado pelo programa, tendo em vista o seu grau de relevância estatística.

Tabela 21 – Influência do fator tonicidade do elemento

Tonicidade do elemento	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Monossílabos átonos	1.758/1.764	99,7	0.694
Monossílabos tônicos	273/454	60,1	0.126
Oxítonas	405/462	87,7	0.337
Paroxítonas	3.594/4.430	81,1	0.483
Proparoxítonas	153/187	81,8	0.548
Total	6.183/7.297	84,7	

Analisando os dados da tabela 21, podemos notar que os monossílabos átonos são os elementos que mais favoreceram a manutenção da marca de plural em sua estrutura morfológica, com um peso relativo de 0.694; enquanto os monossílabos tônicos desfavoreceram essa retenção morfológica, com um peso relativo de 0.126, o que revela um contexto altamente propulsor da não marcação flexional de número.

Em Scherre (1988) e em Fernandes (1996), os monossílabos tônicos e as oxítonas foram os elementos mais marcados quanto à concordância, com pesos relativos de 0.66 e de 0.58, respectivamente. Nesse sentido, os nossos resultados diferem, pois as oxítonas e os monossílabos átonos revelam um contexto altamente desfavorecedor da marcação de plural, com pesos relativos de 0.337 e 0.126, respectivamente. No entanto, vale ressaltar que essas autoras analisaram a tonicidade considerando o item em sua forma singular. Nós optamos por considerar a forma realizada, assim como fez Naro (1981a), o que pode explicar essa diferença.

Acreditamos que os nossos resultados podem ser explicados em função do fato de que a maioria dos monossílabos átonos está no grupo dos artigos, elementos localizados à esquerda do núcleo nominal e que ocupam, na maioria das vezes, a primeira posição do SN, sendo que se trata de uma classe gramatical e posição linear favorecedoras da manutenção das marcas de concordância, conforme estudos já realizados.

A seguir, tratamos da influência do fator classe gramatical do elemento.

4.3 A classe gramatical do elemento

A classe gramatical do elemento foi o terceiro fator selecionado pelo programa, na análise atomística. Esse tem sido um fator relevante nos estudos sobre a concordância nominal de número no PB. Vejamos os resultados estatísticos referentes a essa variável linguística na tabela 22.

Tabela 22 – Influência do fator classe gramatical do elemento

Classe gramatical	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Substantivos	2.658/3.630	73,2	0.344
Palavras substantivadas	123/149	82,6	0.511
Adjetivos	391/474	82,5	0.431

Possessivos	242/252	96	0.903
Quantificadores e Indefinidos	859/875	98,2	0.553
Artigos e Demonstrativos	1.910/1.917	99,6	0.711
Total	6.183/7.297	84,7	

Como podemos notar na tabela 22, os itens que mais favorecem a manutenção das marcas formais de concordância são os possessivos (0.903) e os artigos e demonstrativos (0.711). Os quantificadores e indefinidos e as palavras substantivadas apresentam pesos relativos de 0.553 e 0.511, respectivamente, o que indica neutralidade. Por outro lado, os substantivos (núcleo nominal) e os adjetivos (modificadores) desfavorecem a presença de marca, com pesos relativos de 0.344 e 0.431, respectivamente.

Trabalhos anteriores como os de Lopes (2001), Santos (2010) e Pinheiro (2012) já verificaram que a classe dos substantivos e dos adjetivos realmente são menos sensíveis a marcas de concordância, enquanto os determinantes favorecerem essa marcação formal. Em Lopes (2001), o peso relativo para a aplicação da regra nos artigos, nos possessivos e nos indefinidos é de, respectivamente, .76, .74 e .60, enquanto para os substantivos e para os adjetivos é de somente .34 e .33, respectivamente.

Santos (2010), ao analisar os elementos não nucleares do SN, encontrou um peso relativo de somente .07 para a presença de marca nos adjetivos e de .74 para a retenção de marca nos demonstrativos. Em Pinheiro (2012), o peso relativo ao cancelamento de marcas nos substantivos foi de .80; nos adjetivos, de .66. Para os artigos e demonstrativos, o peso relativo ao cancelamento de marcas foi de somente .09; para os possessivos, .21. Sendo assim, nossos resultados seguem a tendência de outros trabalhos, em que os itens determinantes estão mais propensos a receber as marcas formais de concordância do que os itens modificadores, conforme já observara Scherre (1988).

4.4 A saliência fônica do elemento

A saliência fônica do elemento foi o quarto fator linguístico selecionado na análise atomística pelo *GoldVarb X*. Como já mencionado no capítulo 2, trata-se um fator que tem demonstrado grande relevância nos estudos variacionistas sobre a concordância no português brasileiro. Vejamos os resultados referentes a esse fator na tabela 23.

Tabela 23 – Influência do fator saliência fônica do elemento

Grau de saliência fônica	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Itens regulares	5.511/6.461	85,3	0.468
Itens terminados em -ão	141/151	93,4	0.880
Itens terminados em -l	146/152	96,1	0.921
Itens terminados em -r	185/209	88,5	0.692
Itens terminados em -s	154/253	60,9	0.527
Plural metafônico	46/71	64,8	0.365
Total	6.183/7.297	84,7	

Por meio da tabela 23, podemos perceber que as formas que mais desfavorecem a manutenção das marcas de concordância são aquelas que possuem plural metafônico, com peso relativo de somente 0.365 para a aplicação da regra. Trata-se dos casos em que, na passagem do singular para o plural, há uma mudança sonora de uma vogal fechada para uma vogal aberta. Os itens regulares também são desfavorecedores da aplicação da regra, já que apresentam um peso relativo de apenas 0.468, sendo aqueles em que, na passagem do singular para o plural, só se acrescenta o morfema de plural [-s], como nos exemplos (234) e (235), em que o segundo elemento não recebeu a marca.

(234) eu vejo que **[os políticoØ]** podia fazer mais... (MOC 11 – S.A).

(235) ah de atrativo nossa tem **[as festaØ]** tipo **[as festaØ de cultura]** tem um tanto de coisa véi (MOC 14 – M.D).

Assim como em outros estudos que já testaram a influência da saliência fônica na aplicação da regra de concordância, nossos resultados também apontam as formas mais salientes (aquelas mais marcadas) como favorecedoras da manutenção de marcas formais, com pesos relativos de: itens terminados em *-l* (0.921); itens terminados em *-ão* (0.880); itens terminados em *-r* (0.692); itens terminados em *-s* (0.527).

Em Brandão (2011), o peso relativo à ausência de marca para as formas regulares, ou seja, aquelas que possuem menor grau de saliência fônica, é de .52, enquanto as formas com maior grau de saliência fônica não se mostraram propensas ao cancelamento de marcas, já que possuem um peso relativo de somente .30 para esse cancelamento. Pinheiro

(2012) também encontrou resultados semelhantes, já que o peso relativo para a ausência de marca nas formas regulares é de .57, enquanto as formas mais salientes apresentam pesos relativos abaixo de 0.5 para o cancelamento de marcas, entre .21 e .47.

Para explicar os resultados referentes ao fator saliência fônica, recorremos ao princípio de que as marcas atraem marcas (SCHERRE, 1988). Nesse sentido, quanto mais marcado for o elemento, mais ele estará propenso ao recebimento de novas flexões morfológicas. Esse princípio explica o fato de que as formas mais salientes são as menos propensas ao cancelamento de marcas, como vimos em nossos resultados e nos de outras pesquisas.

4.5 O contexto fonético-fonológico seguinte

Na tabela 24, apresentamos os resultados estatísticos referentes à influência do fator contexto fonético-fonológico seguinte, no que diz respeito à marcação formal de concordância nos elementos variáveis presentes no SN. Esse foi o quinto e último fator selecionado pelo programa na análise atomística. Vejamos os principais resultados:

Tabela 24 – Influência do fator contexto fonético-fonológico seguinte

Contexto fonético-fonológico seguinte	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Vogal	1.589/1.899	83,7	0.519
Consoante	4.239/4.951	85,6	0.484
Pausa/truncamento	355/447	79,4	0.600
Total	6.183/7.297	84,7	

Conforme a tabela 24, considerando os pesos relativos, podemos perceber que o contexto fonético-fonológico seguinte de pausa/truncamento após o elemento variável é o que mais motiva a presença de marca de plural nesse elemento, com um peso relativo de 0.600 referente à aplicação da regra. Entretanto, é preciso olhar para esses resultados com um pouco de cautela, visto que as diferenças entre os pesos são bem próximas, sendo que essa é uma tendência que verificamos em outros trabalhos, como os de Lopes (2001) e Martins e Coelho (2019), por exemplo.

Em nossos dados, podemos notar que o contexto seguinte de consoante é o que mais desfavorece a aplicação da regra, já que o peso relativo é de 0.484, inferior a 0.5. Se compararmos somente os resultados referentes aos contextos de vogal e de consoante, os elementos que antecedem um ambiente de vogal tendem a ser mais marcados, com um peso relativo de 0.519, apesar de que essa diferença não é tão alta em relação ao contexto de consoante, cujo valor é relativamente menor.

Os nossos resultados aproximam-se dos de Lopes (2001), em que o peso relativo para a aplicação da regra em contexto seguinte de vogal é de .54, sendo que o contexto de consoante também é desfavorecedor (peso relativo de .48). A fim de explicar esses resultados, Lopes (2001) os associa à busca de uma tendência ao padrão silábico CV, que é comum a muitas línguas.

Em Martins e Coelho (2019), o contexto fonético seguinte também foi o último fator selecionado. Assim como em nossos resultados, o contexto de vogal favorece com maior frequência a aplicação da regra (peso relativo de 0.61), se comparado com o contexto de consoante, que a desfavorece (peso relativo de 0.44). O contexto de pausa também favorece a manutenção das marcas de concordância (peso relativo de 0.56), assim como em nossos resultados.

Portanto, pelo que verificamos ao compararmos os nossos resultados com os de outros estudos, o contexto fonético-fonológico seguinte de vogal tende a favorecer a retenção das marcas de plural, assim como o contexto de pausa. Por outro lado, o contexto de consoante parece desfavorecer a aplicação da regra, o que, na visão de Lopes (2001), está associado ao padrão silábico do português brasileiro, que obedece, de modo geral, à sequência consoante + vogal, de modo que essa regularidade propulsiona a manutenção de marcas formais. Adotamos a hipótese de que o contexto seguinte de vogal contribui para o vozeamento da marca de plural, fator que também dificulta seu apagamento.

4.6 O cruzamento dos fatores classe gramatical e posição do elemento no SN

Na tabela 25, propomos o cruzamento dos fatores classe gramatical e posição do elemento do SN, a exemplo do que já foi realizado por autores tais como Santos (2010) e Pinheiro (2012). Vejamos a tabela.

Tabela 25 – Cruzamento dos fatores classe gramatical e posição do elemento

Classe gramatical e posição do elemento	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Substantivos na 1ª posição	199/204	97,5	0.689
Substantivos na 2ª posição	2.184/3.079	70,9	0.120
Substantivos na 3ª posição	247/319	77,4	0.160
Categoria substantiva na 2ª posição	108/129	83,7	0.223
Categoria substantiva na 3ª posição	14/19	73,7	0.135
Adjetivos na 1ª posição	34/38	89,5	0.321
Adjetivos na 2ª posição	191/210	91	0.359
Adjetivos na 3ª posição	137/184	74,5	0.140
Adjetivos na 4ª posição	29/42	69	0.111
Possessivos na 1ª posição	160/161	99,4	0.899
Possessivos na 2ª posição	74/77	96,1	0.579
Possessivos na 3ª posição	8/14	57,1	0.069
Quantificadores e indefinidos na 1ª posição	822/826	99,5	0.920
Quantificadores e indefinidos na 2ª posição	33/36	91,7	0.380
Quantificadores e indefinidos na 3ª posição	2/10	20	0.014
Quantificadores e indefinidos na 4ª posição	2/3	66,7	0.100
Artigos e demonstrativos na 1ª posição	1.851/1.858	99,6	0.936
Total	6.095/7.209	84,5	

Primeiramente, vale observar que não encontramos no *corpus*:

- a. categoria substantiva na primeira posição;

- b. possessivos na quarta posição;
- c. artigos e demonstrativos na terceira e quarta posições.

Na primeira rodada, tivemos *KnockOut* positivo quanto à manutenção das marcas de concordância para os seguintes contextos:

- a. artigos e demonstrativos na segunda posição (59 ocorrências);
- b. categoria substantiva na quarta posição (1 ocorrência);
- c. substantivos na quarta posição (25 ocorrências).

Analisando os dados da tabela 25, podemos confirmar a importância da posição do elemento no SN, uma vez que, se compararmos o percentual de marcação dos substantivos sem considerar a posição (ver tabela 22), veremos que esses elementos são os menos propensos a receberem as marcas formais de concordância (peso relativo de 0.344). Por outro lado, quando os substantivos ocupam a primeira posição do SN, o peso relativo à aplicação da regra é de 0.689, ou seja, é uma posição que favorece a marcação dos substantivos, já que o valor está acima de 0.5. É interessante que os substantivos na segunda posição obtiveram um peso relativo de somente 0.120, o que indica que, a partir dessa posição, esse elemento torna-se menos sensível à manutenção das marcas de plural.

Olhando para os pesos relativos à aplicação da regra nas categorias substantivadas, chama-nos a atenção o fato de que, mesmo sendo itens com valor substantivo, possuem um percentual bem baixo para a presença das marcas de concordância (peso relativo de 0.223 e 0.135). Só identificamos esses elementos na 2ª e 3ª posições do SN, o que explica esse baixo percentual, visto que são posições lineares desfavorecedoras da presença de marcas.

Outro aspecto interessante na tabela 25 é o fato de que os adjetivos, mesmo quando aparecem na primeira posição do SN, desfavorecem a retenção morfológica de plural. Isso revela que, em nossos dados, a classe gramatical dos adjetivos, independentemente da posição, é desfavorecedora da presença de marcas de plural, uma vez que, em todas as posições, apresenta pesos relativos bem baixos quanto à aplicação da regra (0.321, 0.359, 0.140, 0.111). Vejamos, de (236) a (239), exemplos de adjetivos nas diferentes posições do SN, sem a marca de concordância.

- (236) acho que precisa trazer desenvolver Montes Claros nesse sentido na área de indústrias pra alavancar aí essa / [melhorØ condições] né de trabalho (MOC 24 – L.M).
- (237) eu fazia ôta casa bem diferente da que eu tenho hoje sabe uma casa bem / bem simples com [mesas grandeØ] com banco (MOC 9 – M.E).
- (238) eu vi o Dariu ele fazia muito gol no Cruzeiro têm [vários jogador bomØ] assim que eu admirava (MOC 8 – A.F).
- (239) ela pra tudo ela conto[u] comigo pra tudo n[as horas mais difícilØ] quem tava cumigo era ela (MOC 17 – M.N).

Pinheiro (2012), ao estabelecer o cruzamento entre os fatores classe gramatical e posição do elemento, também verificou que os substantivos, os adjetivos e as categorias substantivas, quando alocados na primeira posição do SN, são elementos que favorecem a manutenção de marcas, com percentuais que variam entre 0% e 3%. Santos (2010, p. 85) também apresenta resultados semelhantes aos nossos, ao afirmar que “o núcleo, assim como o não-núcleo, quando ocupam a primeira posição, apresentam 100% de flexão plural”. De fato, se olharmos as porcentagens da tabela 25, veremos que, com exceção dos adjetivos, as outras classes gramaticais na primeira posição apresentam percentuais bem próximos a 100%.

Em relação aos possessivos, é interessante observar que se trata do único elemento em que a segunda posição favorece a retenção das marcas de plural, com um peso relativo de 0.579. Na terceira posição, esse item desfavorece a retenção de marcas (peso relativo de somente 0.069), apesar de que a quantidade de dados é bem pequena para essa posição (somente 14). Como os artigos e demonstrativos não apresentaram nenhum cancelamento de marca na segunda posição (*KnockOut* positivo), talvez haja uma tendência à interpretação dos possessivos determinantes tais como esses elementos.

Os quantificadores e indefinidos só se mostraram favorecedores da manutenção de marcas de concordância na primeira posição, com um peso relativo de 0.920, sendo que as demais posições desfavorecem a presença de marcas formais, com pesos relativos que variam entre 0.100 e 0.380. Identificamos os artigos e demonstrativos somente na primeira posição, favorecendo consideravelmente a retenção das marcas de plural, com um peso relativo de 0.936.

Ainda analisando os dados da tabela 25, notamos que a terceira e quarta posições apresentam peso relativo abaixo de 0.2 para a aplicação da regra, confirmando a postura

de que os elementos à direita no SN tendem a desfavorecer a manutenção das marcas de concordância (SCHERRE, 1988).

4.7 O cruzamento dos fatores saliência fônica e tonicidade do elemento

Para Scherre (1988), a forma mais adequada de se analisar a tonicidade em relação à variação na concordância nominal de número é por meio do cruzamento desse fator com o grau de saliência fônica do elemento. Sendo assim, fizemos o cruzamento desses fatores e obtivemos os resultados em evidência na tabela 26.

Tabela 26 – Cruzamento dos fatores saliência fônica e tonicidade do elemento

Classe gramatical e posição do elemento	Aplicação da regra de concordância	Porcentagem (%)	Peso relativo
Monossílabos átonos regulares	1.757/1.763	99,7	0.954
Monossílabos tônicos regulares	270/352	76,7	0.188
Oxítonas regulares	127/148	85,8	0.299
Oxítonas terminadas em -l	132/137	96,4	0.650
Oxítonas terminadas em -ão	140/150	93,3	0.496
Paroxítonas regulares	3.208/4.015	79,9	0.219
Paroxítonas terminadas em -l	12/13	92,3	0.458
Paroxítonas terminadas em -r	182/184	98,9	0.865
Paroxítonas terminadas em -s	150/151	99,3	0.913
Paroxítonas com plural metafônico	41/66	62,1	0.104
Proparoxítonas regulares	149/183	81,4	0.236
Total	6.168/7.162	86,1	

Ao cruzarmos a saliência fônica com a tonicidade, não encontramos os seguintes contextos:

- a. monossílabos tônicos terminados em *-ão* e com plural metafônico;
- b. paroxítonas terminadas em *-ão*;
- c. proparoxítonas terminadas em *-l*; *-s* e com plural metafônico.

Na primeira rodada desse cruzamento, obtivemos *KnockOut* positivo quanto à presença de marcas para os seguintes contextos:

- a. monossílabos tônicos terminados em *-l* (2 ocorrências);
- b. oxítonas terminadas em *-s* (1 ocorrência);
- c. oxítonas com plural metafônico (4 ocorrências);
- d. proparoxítonas terminadas em *-r* (2 ocorrências);
- e. proparoxítonas terminadas em *-ão* (1 ocorrência).

Obtivemos *KnockOut* negativo quanto à aplicação da regra de concordância para os seguintes contextos:

- a. monossílabos tônicos terminados em *-r* (1 ocorrência);
- b. oxítonas terminadas em *-r* (21 ocorrências).

Conforme podemos observar na tabela 26, os elementos que mais se revelam propulsores da manutenção das marcas formais de plural em nossos dados são os monossílabos átonos regulares (peso relativo de 0.954); as paroxítonas terminadas em *-s* (peso relativo de 0.913); as paroxítonas terminadas em *-r* (peso relativo de 0.865); e as oxítonas terminadas em *-l* (peso relativo de 0.650), ou seja, em sua maioria, formas mais salientes, com exceção dos monossílabos átonos regulares. Vejamos de (240) a (243) exemplos desses itens, conforme a ordem que apresentamos os resultados.

- (240) o único entrave são [**os** preços muito caro] pra grande maioria da população (MOC 1 – T.A).
- (241) começou trabalhar pela primeira vez tem [apenas uns dois **meses**]... (MOC 10 – A.P).
- (242) eu vejo [alguns **computadores**] né na verdade tô vendo [uns **computadores**] aparentemente uma outra pessoa trabalhando do lado (MOC 10 – A.P).

(243) e às vezes éh... eu vejo assim que [as escolas **municipais**] hoje por exemplo da cidade eu sinto que elas estão bem estruturadas (MOC 11 – S.A).

As oxítonas terminadas em *-ão* e as paroxítonas terminadas em *-l* apresentam pesos relativos de 0.496 e de 0.458, respectivamente, sendo que tais valores estão abaixo de e bem próximos à 0.5, indicando determinado grau de neutralidade. Por outro lado, os monossílabos tônicos regulares, as oxítonas regulares, as paroxítonas regulares, as paroxítonas com plural metafônico e as proparoxítonas regulares possuem percentuais bem baixos no que diz respeito à aplicação da regra, com pesos relativos que variam entre 0.104 e 0.299. De modo geral, esses resultados corroboram o princípio da saliência fônica, já que as formas regulares são as mais desfavorecedoras da retenção de marcas, pois são menos marcadas, tendo em vista seu material fônico.

Ainda analisando os resultados da tabela 26, é pertinente observar que os únicos itens regulares que favorecem a retenção de marcas são os monossílabos átonos, com um peso relativo de 0.954, o que indica um índice de aplicação da regra quase que categórica para esses elementos. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de que, em sua maioria, os monossílabos átonos são os artigos, determinantes que se localizam à esquerda do SN, isto é, classe gramatical e posição que são favorecedoras da manutenção de marcas (ver tabelas 20 e 22). Desse modo, podemos notar que o cruzamento de fatores é importante para estabelecermos comparações e notarmos a forma como um atua sobre o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de tecermos nossas considerações finais, retomemos o objetivo geral a que nos propusemos atingir com a realização desta pesquisa: analisar a variação constituída da presença/ausência de concordância nominal de número em um *corpus* de dados orais compilado a partir da gravação de 24 entrevistas que fizemos com moradores da cidade de Montes Claros – MG. Para isso, adotamos os procedimentos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008, [1972]; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]), a fim de verificar, por meio do suporte quantitativo, a influência de fatores estruturais e sociais sobre a variação em análise.

Para analisarmos a concordância nominal de número da maneira mais abrangente possível, adotamos a postura de análise proposta por Scherre (1988), em que a autora analisa esse fenômeno considerando a seguinte divisão: *análise não atomística* e *análise atomística*. Na abordagem não atomística, analisamos 3.735 SNs, sendo que, em 2.657 deles (71,1%), houve presença da concordância. Na análise atomística, tomando cada elemento variável do SN, analisamos 7.297 itens, sendo 6.183 marcados no que tange à indicação de pluralidade (84,7%).

Como o fenômeno da concordância de número no SN já é um fenômeno bastante explorado no PB, também delineamos como um dos objetivos específicos tecer algumas comparações com os resultados de outras pesquisas que já foram concluídas sobre esse tema, como Teixeira (1938), Braga e Scherre (1976), Scherre (1978; 1988), Fernandes (1996), Lopes (2001), Santos (2010), Brandão (2011), Pinheiro (2012), Lopes (2014), Moreira e Vianna (2018), Fonseca, Franceschini e Loregian-Penkall (2018) e Martins e Coelho (2019).

Concluimos, assim como nessas outras pesquisas a que fizemos referência, que a concordância nominal de número, de fato, é um fenômeno variável em Montes Claros – MG e que fatores de natureza estrutural e social regem essa variação. De modo geral, os nossos resultados quanto à aplicação global da regra de concordância não destoam dos demais estudos, indicando que a referida comunidade de fala não é uma ilha linguística em relação ao fenômeno em análise.

A nossa motivação para esta pesquisa também esteve relacionada intimamente ao interesse de verificar a influência dos nomes gerais (AMARAL e RAMOS, 2014) na presença/ausência de concordância nominal de número. Na primeira rodada que fizemos no *GoldVarb X*, a nossa hipótese de que esses elementos desfavoreceriam a presença de

concordância foi refutada, mas, ao trilharmos possíveis caminhos de análise, verificando outros aspectos linguísticos em nossos dados, encontramos resultados interessantes, que descreveremos adiante, de forma mais detalhada.

Tendo em vista as rodadas que fizemos no programa computacional *GoldVarbX*, os seguintes fatores foram selecionados por esse programa na *análise não atomística*, nesta ordem de relevância: (1) escolaridade; (2) faixa etária; (3) sexo; (4) animacidade do referente; (5) grau do elemento nuclear; e (6) localização do SN em relação ao verbo. A seguir, por uma questão didática, organizamos, em tópicos, as principais conclusões a que chegamos em relação a cada um desses fatores.

A. Escolaridade: o fator social escolaridade foi o primeiro selecionado pelo *GoldVarb X*. De todas as pesquisas com as quais tivemos contato, a escolaridade está presente como uma variável relevante em quase todas, com exceção de Braga e Scherre (1976) e Braga (1977), o que revela uma grande importância desse fator na análise sociolinguística da concordância nominal de número no PB. Em nossos resultados, o peso relativo à aplicação da regra de concordância na fala dos informantes com ensino superior é de 0.749, enquanto na fala dos informantes com ensino fundamental é de apenas 0.188, o que confirma as nossas expectativas iniciais em relação a essa variável extralinguística, de que, quanto maior o nível de escolarização, maiores são as chances de aplicação da regra de concordância.

B. Faixa etária: a idade do informante também se mostrou um fator social importante na análise da variação, já que foi o segundo fator selecionado na análise não atomística. Em relação às outras pesquisas, a faixa etária também foi selecionada em Fernandes (1996), Lopes (2001), Brandão (2011), Lopes (2014) e Moreira e Vianna (2018). Em nossos resultados o maior percentual de aplicação da regra de concordância se deu na fala dos informantes com idade entre 30 e 45 anos (peso relativo de 0.651), e o menor índice de aplicação se deu na fala dos mais velhos, com idade acima de 50 anos (peso relativo de 0.349). Em relação aos estudos a que fizemos referência, nossos resultados diferem dos de Fernandes (1996) e Lopes (2001), onde os mais velhos foram os mais sensíveis à aplicação da regra de concordância. De modo geral, confirmamos a nossa hipótese em relação a essa variável, de que a faixa etária intermediária (entre 30 e 45 anos), tende a optar pelas formas linguísticas que gozam de prestígio social, conforme

apontam alguns estudos sociolinguísticos, e que, em Montes Claros, o fenômeno em estudo representa um caso de variação estável.

- C. Sexo:** o sexo do informante foi o terceiro fator selecionado pelo programa. Seguindo a tendência de outros trabalhos de cunho variacionista, as mulheres se mostraram mais sensíveis ao uso da forma prestigiada, que nesta pesquisa, é a presença de concordância nominal de número, com um peso relativo de 0.589, apesar que não há uma diferença tão alta se compararmos com o peso relativo de aplicação da regra na fala dos homens, que é de 0.408. Confirmamos a nossa hipótese inicial de que as mulheres favoreceriam a presença de concordância no SN, seguindo a tendência de outros trabalhos tais como Santos (2010), Lopes (2014), Moreira e Vianna (2018) e Martins e Coelho (2019).
- D. Animacidade do referente:** na análise não atomística, a animacidade do referente foi o quarto fator selecionado pelo programa e o primeiro fator linguístico apontado como mais relevante nessa perspectiva de análise. Em nossos resultados, os referentes com traços semânticos [+humano] e [-humano] foram os que mais favoreceram a presença de concordância, com um peso relativo de 0.700. Confirmamos parcialmente a nossa hipótese, visto que esperávamos que o maior percentual de aplicação da regra se desse nos SNs em que o referente possuísse os traços [+animado] e [+humano], assim como aconteceu em Scherre (1988) e Brandão (2011).
- E. Grau do elemento nuclear:** na análise não atomística, o grau do elemento nuclear foi o quinto fator selecionado e o segundo fator linguístico em tal abordagem de análise. Em nossos resultados, o grau normal favoreceu levemente a presença de concordância, com um peso relativo 0.505, próximo à neutralidade, enquanto o diminutivo/aumentativo possuem um peso relativo de somente 0.125 para a aplicação da regra de concordância. De modo geral, confirmamos a nossa hipótese de que o grau normal favorece a presença de concordância, segundo já apontaram outros trabalhos tais como os de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Lopes (2014), por exemplo.

F. Localização do SN em relação ao verbo: a localização do SN em relação ao verbo foi o sexto e último fator selecionado em seu grau de relevância na análise não atomística, e o terceiro fator linguístico. Os nossos resultados apontam que os SNs com localização indistinta estão mais propensos à aplicação da regra de concordância, com um peso relativo de 0.570, e os menos propensos são os SNs com localização à esquerda, com um peso relativo de 0.420. Refutamos a nossa hipótese inicial de que os SNs à esquerda favorecem a presença de concordância, como já evidenciaram Scherre (1988) e Moreira e Vianna (2018). Como não tem sido um fator muito testado, há a necessidade de mais estudos que verifiquem o peso desse fator na análise variável da concordância nominal de número.

Em seguida, descrevemos as nossas conclusões sobre o uso dos nomes gerais e suas relações com a variação na concordância nominal de número nos dados de Montes Claros – MG, objetivo específico deste nosso trabalho.

Os nomes gerais

Inicialmente, ao verificarmos o peso do fator tipo de nome, nossas expectativas foram frustradas, pois esperávamos que os nomes gerais bloqueassem a concordância, o que não aconteceu, já que o percentual referente à aplicação da regra para essa categoria de nomes foi de 65,6%. Além disso, esse não foi um fator selecionado pelo *GoldVarb X*. Entretanto, se os nomes gerais em conjunto não bloquearam a aplicação da regra, uma análise mais criteriosa das unidades integrantes do grupo dos nomes gerais demonstrou sua relevância no estudo da concordância.

No cruzamento entre tipo de nome e animacidade do referente, verificamos que a animacidade é um fator semântico importante no tratamento desses elementos no que diz respeito à variação na concordância nominal de número, já que os nomes gerais com traços [+animado] e [+humano], como *pessoa*, por exemplo, favorecem a aplicação da regra de concordância, com um peso relativo de 0.612. Por outro lado, os nomes gerais com traço [-animado] obtiveram um peso relativo de somente 0.263 para a presença de concordância, que é um baixo índice de aplicação.

Ao levantarmos os nomes gerais em contexto de plural no *corpus*, identificamos os seguintes nomes, nesta ordem de frequência: *pessoa*, *coisa*, *trem*, *povo*, *negócio* e *cara*.

Também encontramos *galera* e *pessoal*, mas não incluímos na análise quantitativa por não apresentarem marcas de plural na estrutura do SN.

Em nossos resultados, *trem*, *povo* e *cara* revelam *KnockOut* negativo em relação à aplicação da regra de concordância. Ao separarmos *pessoa* de *coisa* e *negócio*, verificamos que *pessoa* favorece a aplicação da regra de concordância com um peso relativo de 0.629, enquanto *coisa* e *negócio* desfavorece essa aplicação, com um peso relativo de somente 0.316.

Os nomes gerais com grau normal favorecem a presença de concordância (peso relativo de 0.507) e o grau diminutivo a desfavorece (peso relativo de 0.104). Os nomes gerais em contexto anafórico, que possuem função resumitiva, são menos propensos a receberem as marcas formais de concordância (percentual de 57,9%) em relação aos que não estão em contexto anafórico (75,1%).

Por fim, concluímos que a categoria dos nomes gerais é composta por elementos heterogêneos que devem ser analisados tendo-se em vista diferentes fatores linguísticos, no que se refere à variação constituída da presença/ausência de concordância nominal de número. Novas pesquisas podem ser desenvolvidas no sentido de verificar com mais profundidade a questão da animacidade e do grau de formalidade desses nomes, já que parecem ser fatores importantes nesse sentido. Além disso, também é possível estudar se a perda morfológica de plural nesses nomes é um indício de pronominalização na língua portuguesa, como apontam Amaral e Mihatsch (2019), ao analisarem *pessoa*, *pessoal* e *povo*.

Na *análise atomística*, o programa selecionou os seguintes fatores, tendo em vista a ordem de relevância estatística: (1) posição do elemento no SN; (2) a tonicidade do elemento; (3) a classe gramatical do elemento; (4) a saliência fônica do elemento; e (5) o contexto fonético-fonológico seguinte. A seguir, temos as principais conclusões em relação a esses fatores linguísticos.

A. A posição do elemento no SN: na análise atomística, a posição do elemento no SN foi o primeiro fator selecionado pelo *GoldVarb X*. Confirmamos a nossa hipótese de que os elementos posicionados na primeira posição favorecem a retenção das marcas formais de concordância, assim como já verificaram Scherre (1978), Fernandes (1996), Lopes (2001), Brandão (2011), entre outros. A primeira

posição apresenta um peso relativo de 0.829 para a retenção das marcas de concordância, enquanto o peso relativo às demais posições está abaixo de 0.3.

- B. A tonicidade do elemento:** a tonicidade do elemento foi o segundo fator selecionado pelo programa na análise atomística. Os resultados confirmaram a nossa hipótese, pois apontam para os monossílabos átonos como aqueles que mais favorecem a manutenção das marcas de concordância, com um peso relativo de 0.694. As proparoxítonas também favorecem a retenção das marcas, apresentando um peso relativo de 0.548. Os monossílabos tônicos, as oxítonas e as paroxítonas possuem pesos relativos abaixo de 0.5, o que indica que esses elementos são menos propensos ao recebimento das marcas de concordância.
- C. A classe gramatical do elemento:** a classe gramatical do elemento foi o terceiro fator selecionado na análise atomística. Assim como em outros trabalhos que verificaram a influência desse fator linguístico, verificamos que os substantivos são os elementos que mais desfavorecem a manutenção de marcas (peso relativo de somente 0.344). Por outro lado, confirmamos a nossa hipótese de que os possessivos, artigos e demonstrativos são os itens mais sensíveis à retenção das marcas de plural, com pesos relativos de 0.903 e 0.711, respectivamente, como já evidenciaram Lopes (2001), Santos (2010) e Pinheiro (2012), por exemplo.
- D. A saliência fônica do elemento:** o grau de saliência fônica do elemento foi o quarto fator selecionado na perspectiva de análise atomística. Historicamente, esse tem sido um fator relevante na análise da concordância. Confirmamos a nossa hipótese de que as formas mais salientes, ou seja, aquelas terminadas em *-ão*, *-l*, *-r* e *-s*, são as que mais favorecem a retenção das marcas de plural, pois apresentam pesos relativos que variam entre 0.527 e 0.880, enquanto as formas regulares possuem um peso relativo de 0.468 para a manutenção das marcas, tendência que observamos em outros estudos tais como Brandão (2011) e Pinheiro (2012).
- E. O contexto fonético-fonológico seguinte:** o contexto fonético-fonológico seguinte foi o quinto e último fator selecionado na análise atomística. O contexto seguinte que mais favoreceu a manutenção das marcas de concordância foi o de

pausa/truncamento, com um peso relativo de 0.600. Em relação aos contextos de vogal e de consoante, o contexto seguinte de consoante desfavorece a retenção do morfema de plural (peso relativo de 0.484) em relação ao contexto de vogal (peso relativo de 0.519). Percebemos que os resultados são bem próximos, assim como verificamos em Lopes (2001) e Martins e Coelho (2019).

Enfim, tendo sintetizado as nossas principais conclusões, esperamos deixar uma contribuição de pesquisa no que diz respeito à análise variável da concordância nominal de número no português brasileiro, especificamente, no que se relaciona ao português falado em Minas Gerais. Soma-se a isso a relevância de refletirmos sobre os fenômenos da língua numa abordagem variacionista, para combatermos o preconceito linguístico e valorizarmos a língua em suas diversas manifestações sociais.

Por fim, verificamos que a variação constituída na presença/ausência de concordância nominal de número está presente no português falado em Montes Claros e que essa variação é condicionada por fatores de natureza linguística e social, sendo que os nomes gerais, de fato, têm propriedades importantes na análise dessa variação. Assim, com este trabalho, contribuímos com a descrição do português falado no Norte de Minas Gerais e ampliamos o leque de discussões sobre os nomes gerais e suas propriedades linguísticas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, E. T. R. A transcrição de fitas: abordagem preliminar. *Filologia Bandeirante: estudos*, São Paulo, v. 1, p. 195-208, 2000.
- AMARAL, E. T. R. Análise de um nome geral na fala dos mineiros: para que serve esse trem? *Revista Trama*, v. 10, n. 20, p. 27-43, 2014.
- AMARAL, E. T. R.; RAMOS, J. M. *Nomes gerais no português brasileiro*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2014.
- AMARAL, E. T. R.; LOURENÇO, J. C. M. O comportamento linguístico do nome cara no português brasileiro. *Acta Semiotica et Linguística*, v. 20, n. 2, p. 44-60, 2015.
- AMARAL, E. T. R.; SANTOS, M. P. As pesquisas sobre o português falado em Minas Gerais em 125 anos de história (1889-2014). *Domínios de Lingu@gem*, v. 10, n. 3, p. 1172-1201, 2016.
- AMARAL, E. T. R.; MIHATSCH, W. Incipient impersonal pronouns in colloquial Brazilian Portuguese based on 'pessoa', 'pessoal' and 'povo'. *Linguistische Berichte, Sonderhefte* 26, p. 149-185, 2019.
- BARBOSA, E. R. A.; CONCEIÇÃO, F. J. A. T. da; RAFAEL, G. C. R. A.; PAULA, Jéssica N. Sayão de. Negócio como nome geral no falar de Minas Gerais. *Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 5 (2), p. 180-198, 2012.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENNINGHOVEN, V. *The functions of 'general nouns': theory and corpus analysis*. Berlin: Peter Lang, 2018.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. 1 ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2019.
- BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro, Departamento de Letras, PUC, 1977.
- BRAGA, M. L.; SCHERRE, M. M. P. A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. *Conferência apresentada no I Encontro Nacional de Linguística*. Departamento de Letras da PUC - Rio de Janeiro, 1976.
- BRANDÃO, S. F. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 164-178, 2011.
- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *ALFA: Revista de Linguística*, Araraquara, SP, v. 56, n. 3, p. 1035-1064, 2012a. doi: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000300013>

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. A concordância nominal e verbal no português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. *PAPIA – Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 7-39, 2012b.

CÂMARA, Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COELHO, I. L. *et al. Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 05 jan. 2021.

DUCHOWNY, A. T.; SOARES, P. S. L. O padrão frasal [trem + adjetivo] sob a perspectiva da gramática de construções. *Fórum Linguístico*, v. 17, n. 2, 2019, p. 4909-1918.

FERNANDES, M. F. *Concordância nominal na região sul*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

FONSECA, T. da L. W. da; FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. Análise da concordância nominal em Guarapuava, Paraná. *Interfaces*, Guarapuava, v. 9, n. 2, p. 127-140, jul. / ago. / set. 2018.

FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

GROSS, G. Sur le statut syntaxique des substantifs humains. In: LEEMAN, D. (ed.). *Des topoï à la théorie des stéréotypes en passant par la polyphonie et l'argumentation dans la langue: Hommages à Jean-Claude Anscombe*. Chambéry: Presses de l'Université de Savoie, 2009. p. 27-41.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. *Cohesion in English*. 14. ed. London/New York: Longman, 1995 [1976].

HEINE, B.; SONG, K. On the grammaticalization of personal pronouns. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 47, n. 3, 2011, p. 587-630.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IGBE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/montes-claros>. Acesso em: 05 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IGBE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/montes-claros/panorama>. Acesso em: 05 jan. 2021.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano*. Madrid: Gredos, 2007 [1990].

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, N. da S. *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Tese (Doutorado em Letras), Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2001.

LOPES, L. de O. J. *A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

MAHLBERG, M. The textlinguistic dimension of corpus linguistics: The support function of English general nouns and its theoretical implications. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 8, n. 1, p. 97-108, 2003.

MARTINS, F. S.; COELHO, I. L. Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos moradores do município de Fonte Boa (Amazonas). *Fórum linguístico*. Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4097 - 4117, out. / dez. 2019.

MIHATSCH, W. Les noms d'humains généraux aux limites de la grammaticalisation. *Syntaxe et sémantique*, v. 18, p. 67-99, 2017.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MOREIRA, L. A.; VIANNA, J. S. A concordância nominal no português brasileiro falado em Nova Iguaçu. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 99 - 120, 2018.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, F. C. de. *Nomes gerais e outras formas de indeterminação do sujeito no português oral de Bambuí-MG*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2018.

OLIVEIRA, L. de S. do N. O uso de anáforas por nomes gerais no português caeteense. *Caletrosópio*, Ouro Preto, v. 4 / n. Especial / II DIVERMINAS, p. 521-546, 2016.

OLIVEIRA, L. de S. do N. *Expressões fixas do português formadas a partir de nomes gerais: aspectos lexicais e variacionistas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2017.

O NORTE DE MINAS. Corredor cultural conta a história de Montes Claros, 2017. Disponível em: <https://onorte.net/cultura/corredor-cultural-conta-a-hist%C3%B3ria-de-montes-claros-1.469208>. Acesso em: 05 jan. 2021.

O NORTE DE MINAS. Parque municipal faz meio século, 2019. Disponível em: <https://onorte.net/opini%C3%A3o/artigos/parque-municipal-faz-meio-s%C3%A9culo-1.704647>. Acesso em: 05 jan. 2021.

PAIVA, M. da C. de. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PERINI, M. A.; FULGÊNCIO, L. O emparelhamento temático e a análise do predicativo em português. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 1, p. 149-202, 2011.

PINHEIRO, L. R. *A concordância nominal no português de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: PUC – Minas, 2012.

PORTAL MONTES CLAROS. Aspectos gerais. Disponível em: <https://portal.montesclaros.mg.gov.br/cidade/aspectos-gerais>. Acesso em: 05 jan. 2021.

REIS, N. de P. Funcionalismo e abordagem construcional: os usos de "trem" na fala goiana. *Linguagem*, v. 28, n. 1, p. 274-291, 2018.

SANTOS, L. S. M. *Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo – MG: uma abordagem variacionista*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SANTOS, M. P. *Sexismo linguístico e nomes gerais: a construção de uma língua inclusiva*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos da UFMG) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2019.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1978.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialetologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti

del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer, v. 5, p. 509-523, 1998.

SCHMID, H. *English abstract nouns as conceptual shells*. Berlin – New York: Mouton de Gruyter, 2000.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Conheça as cidades mineiras que registraram melhores saldos de empregos gerados pelas MPE, 2018. Disponível em: <http://www.mg.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/MG/conheca-as-cidades-mineiras-que-registraram-melhores-saldos-de-empregos-gerados-pelas-mpe,437d8c2864761610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 05 jan. 2021.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 81-112, 2014.

TEIXEIRA, J. A. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Público Municipal*, v. XLV, São Paulo, p. 5-100, 1938.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: A concordância nominal de número no português oral de Montes Claros-MG: uma abordagem variacionista

Número de cadastro no COEP: 24845419.3.0000.5149

Prezado Senhor (a):

Este Termo de Consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

Apresentação do pesquisador:

O meu nome é Welber Nobre dos Santos, tenho 24 anos, sou natural da cidade de Montes Claros (MG) e, atualmente, faço mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG.

1) Introdução

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de estudar a diversidade social e linguística em Montes Claros, de modo específico, fenômenos gramaticais da língua falada nesse município relacionados às características sociais da cidade. Posteriormente, os dados coletados serão comparados com os de outras localidades. Você foi selecionado porque reside em Montes Claros, tendo morado a maior parte da sua vida nesta cidade, e sua participação não é obrigatória.

2) Procedimentos do estudo

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em participar das conversas que serão gravadas somente por meio de áudio e em caráter particular com o pesquisador, sendo que cada conversa terá a duração média de 40 minutos. Essas conversas serão conduzidas por meio de um roteiro de entrevista previamente elaborado pelo pesquisador, cujos assuntos são: família; infância; cidade e país; opiniões; experiências pessoais; religião; sobrenatural; aspirações. Os registros de áudio serão mantidos durante um período mínimo de 05 anos em arquivo digital sob a responsabilidade do pesquisador. Após esse tempo, esse material gravado poderá ser descartado.

3) Riscos e desconfortos

Consideramos que o risco possível para sua participação neste estudo é algum tipo de desconforto que possa ocorrer no momento das conversas gravadas. Caso isso aconteça, o participante pode interromper a participação a qualquer momento. Esclarecemos que todos os procedimentos serão feitos conforme sua disponibilidade e se, eventualmente, esta pesquisa lhe causar qualquer tipo de insatisfação, o pesquisador compromete-se a reparar o fato, ou prover meios para a reparação. As conversas serão gravadas no município de Montes Claros (MG). O local específico de cada gravação dependerá da escolha do informante, tendo-se em vista a sua liberdade e conforto (casa, ambiente de trabalho, etc.).

4) Caráter confidencial dos registros

A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o perfil de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado(a) quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica

ou educativa. As gravações comporão o *corpus* de uma dissertação de mestrado e todas as informações que possam vir a identificá-lo(a) serão mantidas em total sigilo. Seu nome, endereço e outras informações pessoais não serão divulgados e não constarão em nenhum trabalho científico que for decorrente da análise dos dados desta pesquisa.

No entanto, caso você autorize, esta gravação e/ou sua respectiva transcrição serão publicadas em obra científica ou em apresentação de trabalho em congresso. Você tem total liberdade para autorizar ou não:

- () autorizo a publicação da gravação e da transcrição;
- () autorizo a publicação somente da () gravação () transcrição;
- () não autorizo a publicação nem da gravação nem da transcrição.

5) Participação

Sua participação neste estudo é muito importante e voluntária. Você tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento. Em caso de você decidir retirar-se do estudo, favor informar ao pesquisador.

6) Informações

Em caso de dúvida e eventuais esclarecimentos é possível entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo telefone 3409-4592, por e-mail coep@prpq.ufmg.br ou no seguinte endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II, sala 2005. CEP 31270-901 - Belo Horizonte, MG.

O pesquisador responsável poderá fornecer qualquer esclarecimento sobre essa pesquisa, assim como tirar dúvidas, bastando contato no seguinte endereço e/ou telefone:

Nome do pesquisador: Welber Nobre dos Santos

Endereço: Rua Buenópolis, 51 – Delfino Magalhães – Montes Claros, 39402-120

Telefone: (38) 99237-0040/ (38) 99727-9193

E-mail: welbernobre@hotmail.com

7) Declaração de Consentimento

Li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Declaro que toda a linguagem técnica utilizada na descrição deste estudo de pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Confirmando também que recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma):

Assinatura do participante

Data: _____

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

Nome (em letra de forma) e Assinatura do pesquisador

Data: _____

APÊNDICE B – FICHA DO INFORMANTE**FICHA DO INFORMANTE****IDENTIFICAÇÃO DO ARQUIVO DE ÁUDIO:****DATA:****DURAÇÃO DO ÁUDIO:**

NOME	
SEXO	
IDADE	
NATURALIDADE	
ENDEREÇO (Bairro e Cidade)	
ESCOLARIDADE	
NATURALIDADE DOS PAIS	
PROFISSÃO	
ESTADO CIVIL	

1. Grau de cooperação durante a entrevista: Alto Médio Baixo**2. Espontaneidade do informante:** Muita Média Pouca**3. Grau de conhecimento entre informante e pesquisadores:** Grande Médio Pequeno Nenhum**4. Houve participação de outras pessoas? Relacione-as.****OUTRAS OBSERVAÇÕES:****DADOS DO(S) ENTREVISTADOR(ES):****Nome do(s) entrevistador(es):****Dados para contato (telefone e e-mail):**

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

DADOS PESSOAIS E FAMÍLIA

1. Quais são as suas ocupações no dia a dia? Você trabalha/estuda? Trabalha com quê ou estuda o quê? Já trabalhou em uma profissão diferente? Por que mudou?
2. Você tem filhos (ou irmãos, sobrinhos, etc.)? Como se chamam? Onde moram? O que fazem? Estudam? Trabalham?
3. Você é casado? Casou em Montes Claros mesmo? Quando? Seu marido/sua esposa também é de Montes Claros?
4. Tem muitos parentes nesta cidade? Quem são? O que fazem? São casados? E fora daqui?
5. Você conhece alguém que se mudou de Montes Claros nos últimos anos? Por que essa pessoa foi embora? Você sente/sentiu muita falta?

INFÂNCIA

6. O que você sente ao falar daqueles tempos? Gostaria que voltassem?
7. Acha que eram melhores que hoje? Por quê? O que você acredita que as crianças de hoje querem/pensam?
8. Você seria capaz de lembrar o dia mais feliz de sua infância? Conte como foi. E o mais triste?

CIDADE E PAÍS

9. Você mora em Montes Claros há quanto tempo? Mora com quem? Sua família é daqui também?
10. Você conhece um pouco da história da cidade? A idade, seu surgimento? Sabe de algum acontecimento que marcou a história de Montes Claros?
11. Você gosta de Montes Claros? Por quê?
12. E sobre as eleições que acontecerão neste ano? Você acha que elegeremos bons representantes?
13. Você acha que Montes Claros é uma boa cidade para os jovens? Por quê?
14. E para os idosos? A cidade oferece boas condições?
15. Já pensou em sair daqui? Gostaria de morar em outra cidade?
16. O que espera que aconteça em Montes Claros para melhorar a cidade (política, policiamento, indústrias, etc.)?
17. Fale sobre as coisas que você gosta e não gosta em Montes Claros. Quais são as principais festas/eventos daqui? Você participa?
18. O que você acha da Unimontes e faculdades que existem em Montes Claros? Elas são importantes para o desenvolvimento social do município?
19. O que você acha da situação política e econômica do país?
20. Você acredita que a sociedade está lutando mais por seus direitos?
21. O que você pensa sobre as manifestações políticas que estão acontecendo no país atualmente?
22. Você acredita que nos próximos anos o país caminhará melhor? Isso depende de quem?

OPINIÕES

23. Para você quais as influências que os meios de comunicação exercem sobre a sociedade?
24. Você gosta de futebol? Torce para qual time? Gosta de outro esporte? Admira algum esportista? O que você está achando do desempenho da seleção?
25. Qual a sua opinião sobre os cidadãos de Montes Claros?
26. Você acha que existe muito preconceito na cidade ou no país? Qual é sua opinião sobre o assunto?

EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

27. Você viaja com frequência? Costuma ir sozinho ou acompanhado? Quais são suas companhias?
28. Você já passou por alguma situação de risco em que achou que não fosse sobreviver? Já presenciou algum acidente? Como foi?
29. Lembra de algum fato acontecido na cidade de muita repercussão? Como e com quem foi?
30. Você já se decepcionou com alguém que gostava muito? Qual foi o motivo? Hoje vocês já se entenderam? Por quê?
31. Você poderia me contar sobre um fato que marcou muito sua família?
32. Qual o dia mais marcante da sua vida? Fale um pouco sobre ele.

RELIGIÃO

33. Qual é a importância da religião na sua vida? Sua família é religiosa?
34. Você acha que Montes Claros é uma cidade religiosa? Por quê?
35. Você acredita em milagres? Conhece algum caso milagroso?
36. Você acredita em vida após a morte? Em sua opinião, qual é o nosso destino depois da morte?

SOBRENATURAL

37. Em alguma ocasião você já sentiu a presença do sobrenatural? Como foi?
38. Já aconteceu de alguma vez você (ou pessoa que você conhece) dizer ou sonhar com algo e depois isso vir a acontecer realmente? Como foi?
39. Você acha possível alguém prever o futuro? Conhece alguém que passou por isso?

ASPIRAÇÕES

40. Se você pudesse realizar um desejo, qual seria? Qual você acredita ser o maior desejo de cada um?

APÊNDICE D – IMAGENS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS

Fonte: Disponível em: <https://www.oqueeoquee.com/imagens-enigmaticas/>.



Fonte: Disponível em: <https://www.oqueeoquee.com/imagens-enigmaticas/>.



Fonte: Disponível em: <https://www.oqueoqueee.com/imagens-enigmaticas/>.



Fonte: Disponível em: <https://cadernodenoticias.com.br/retomada-da-atividade-industrial-eleva-empregos-na-bahia-diz-sde/>. Autoria: Fernando Vivas (2019).



Fonte: Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-gratis/homem-trabalhando-pertoconversandocolegas_2323392.htm.



Fonte: Disponível em: <https://shopkeonhat.com/gioi-thieu-ve-tong-wahl-va-cach-chon-tong-phu-hop.html>.